

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE HORTÊNSIAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE**

AMANDA PELISSER

**DONA TEREZA E OS RASTROS DE MEMÓRIA
UM RESGATE DE ERVAS MEDICINAIS PRESENTE NA BIOGRAFIA DE UMA
VECCHIA SIGNORA (*in memoriam*), NO VALE MAQUINÉ/RS**

**SÃO FRANCISCO DE PAULA
2023**

Foto: Eduardo Amorim



uergs

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Hortênsias

AMANDA PELISSER

**DONA TEREZA E OS RASTROS DE MEMÓRIA
UM RESGATE DE ERVAS MEDICINAIS PRESENTE NA BIOGRAFIA DE UMA
VECCHIA SIGNORA (*in memoriam*), NO VALE MAQUINÉ/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sustentabilidade da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Sustentabilidade.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia dos Santos Ramos Berreta (PPGAS)

Co-orientador: Me. Dilton de Castro (ANAMA ONG)

**SÃO FRANCISCO DE PAULA
2023**

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

P384t Pelisser, Amanda

Dona Tereza e os rastros de memória um resgate de ervas medicinais presente na biografia de uma Vecchia Signora (*in memoriam*), no Vale de Maquiné/RS / Amanda Pelisser. – São Francisco de Paula: Uergs, 2023.

150 f. il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Mestrado Profissional em Ambiente e Sustentabilidade, Unidade em Hortênsias, 2023.

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia dos Santos Ramos Berreta

Coorientador: Me. Dilton de Castro (ANAMA ONG)

1. Biocultura. 2. Memória. 3. Plantas Medicinais. 4. Dissertação. I. Berreta, Márcia dos Santos Ramos. II. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Mestrado Profissional em Ambiente e Sustentabilidade, Unidade em Hortênsias, 2023. III. Título.

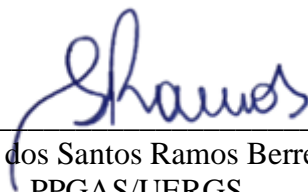
AMANDA PELISSER

**DONA TEREZA E OS RASTROS DE MEMÓRIA
UM RESGATE DE ERVAS MEDICINAIS PRESENTE NA BIOGRAFIA DE UMA
VECCHIA SIGNORA (*in memoriam*), NO VALE MAQUINÉ/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sustentabilidade da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Sustentabilidade.

Aprovada em: 06/04/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Márcia dos Santos Ramos Berreta (orientadora)
PPGAS/UERGS



Prof. Dra. Aline Reis Calvo Hernandez
FACED/UFRGS e PPGAS/UERGS



Prof. Dra. Elaine Biondo
PPGAS/UERGS



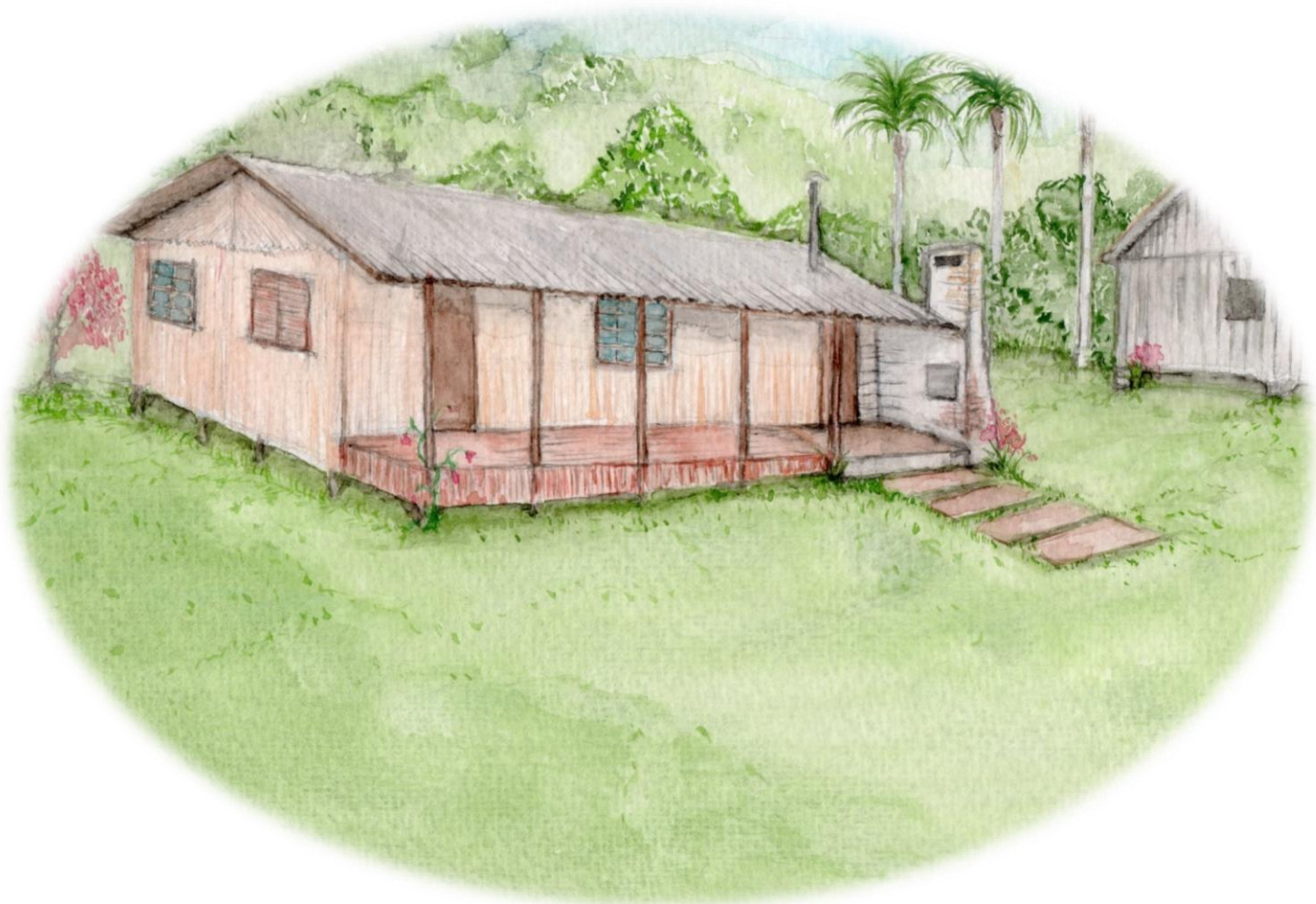
Documento assinado digitalmente

MARLISE AMALIA REINEHR DAL FORNO

Data: 12/07/2023 13:17:42-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dra. Marlise Amália Reinehr Dal Forno
PGDREDES/UFRGS



A casa da minha avó, Dona Tereza, na Linha Pedra de Amolar, Maquiné/RS.

MAIS UMA HISTÓRIA DE AGRADECIMENTOS

O agradecimento é a memória do coração.

Lao Tse ¹

Agradecer é permitir que o coração se abra para emitir um sentimento de reconhecimento e emoção pelas dádivas alcançadas. É perceber que durante essa caminhada dos sonhos, percorremos por rastros que um dia já foram trilhados por nossos antepassados. É vencer o orgulho e reconhecer que carecemos um do outro nessa jornada, pois uma história de vida não se constrói sozinha.

No decurso dessa passagem muitas pessoas marcaram a minha história de vida e contribuíram para que eu seja, em minha “pequenez”, a Amanda. Por isso, meus agradecimentos se estendem:

- A Deus em sua Santíssima Trindade (O Pai, o Filho e o Espírito Santo), por me envolver sob a Vossa Divina Proteção, me amparar debaixo de Vosso Poderoso olhar e conduzir o meu coração à Luz da Verdade e da Esperança. Agradeço a Deus pelo dom de aprender amá-Lo.

- À minha avó Tereza (*in memoriam*), movedora dessa dissertação, que mesmo em aparições não deixou de me impulsionar. Obrigada pelo carinho e afeto dedicado, pelos ensinamentos os quais me presentou durante a tua presença terrena. Hoje suas marcas me constituem, sem elas eu não seria a sua neta Amanda.

- Aos meus pais Joel e Marisa, pelo acolhimento humano, pelo amor fraternal. Sou um pedacinho dessa linda e abençoada união e a vocês devo esta conquista. Obrigada, pai e mãe pelas orações, pelo colo e o aconchego. Com vocês aprendi amar a Deus sob todas as coisas. Como são valiosos e nobres os vossos gestos de ternura para com os filhos. Agradeço por compreenderem a minha escolha e por todo apoio ao longo da minha jornada. Amo vocês!

- Ao Poldinho pelo cuidado desde a primeira infância, quão grandemente os cuidados de um pai e uma mãe. A sua permanência na família, criou laços que serão eternos. Em sua

¹ 571 a.C. Filósofo e escritor da Antiga China, fundador do taoísmo.

humildade e simplicidade, sempre me incentivou nos estudos. Obrigada pelas orações e por só querer o meu bem.

- Ao meu irmão Cristiano, grande artista que me encanta pela leveza e amor pincelado em suas aquarelas. Obrigada por traçar o seu conhecimento e talento nessa dissertação, sem sua dedicação não teríamos o nosso tão esperado produto. Ao meu irmão mais velho Luciano, dedicado professor, matemático e físico, obrigada por se preocupar comigo e estar sempre pronto para tudo! Agradeço-lhes por viverem comigo uma história de vida, cultivada por lutas e conquistas. Meu carinho por vocês, será eterno!

- À minha querida sobrinha Lívia, pela sua educação e respeito durante os momentos de estudo. Continue sempre a praticar as virtudes que lhe foram ensinadas e jamais esqueças de tua família, para que nunca deixes de ser a Lívia que és.

- Às esposas de meus irmãos, Juliana Alves e Andrelize Maia, pela oportunidade de nos conhecermos. Deus uniu vocês a nós e com alegria construímos laços familiares que jamais se apagarão.

- A minha tia Maria Celoi e meu primo Leonardo, porque somos uma família. Obrigada por confiarem em mim e aspirar o melhor. Principalmente a você tia, por sempre lembrar de mim em suas orações. Este sonho é de vocês também!

- Ao meu mais que amigo e colega Jonathan pela sua amizade de sempre. Deus uniu os nossos caminhos nos bancos da faculdade, jamais vou esquecer pelos momentos que juntos estivemos. Tuas conquistas e tua felicidade são minhas também!

- Ao Rudinei, esposo da Tia Celoi, pelo carinho com a vó, pelo seu jeito que nos distrai e por hoje fazer parte desta família.

- A minha prima Maiara, pela afinidade e a amizade unificada. Obrigada por aceitar junto comigo o chamado de Deus, no Ministério da Eucaristia. E, ao meu primo Augusto, pelo carinho e pelas palavras de esperança.

- A Roberta, esposa do Leo, por também se unir a nós. Obrigada pelas palavras de força, no início desta caminhada.

- À querida tia Gema (irmã da avó), pelas palavras de apoio, pelos ensinamentos partilhados, pelas histórias enriquecedoras e as memórias compartilhadas. Tia, a você o meu muito obrigada!

- À minha orientadora, Professora Márcia dos Santos Ramos Berreta que abriu as portas para esta pesquisa. Obrigada pelo acolhimento, incentivo, afeto e disponibilidade com que me orientou ao longo desta caminhada. Sem você este trabalho não seria possível! Grata a Deus, por nossos caminhos terem se cruzado!

- Ao meu coorientador, Dilton de Castro por aceitar o convite em dividir suas grandiosas experiências de vida e trabalho. Obrigada pelas contribuições e ensinamentos enriquecedores durante esta trajetória!

- As bancas examinadoras de qualificação e defesa do mestrado pelas contribuições generosas e por aceitarem finalizar comigo esta etapa da minha história de vida.

- Aos participantes das entrevistas que fizeram parte deste percurso, contribuindo com seus relatos, resgatando memórias e, por vezes, proporcionando grandes momentos de emoções e que hoje materializam uma história.

- A todas estas pessoas em suas essências e àquelas que não estão aqui nomeadas, mas que na passagem do tempo reexistiram em minhas memórias, eterna gratidão!



La memoria se asemeja al viento que trae y lleva olores, objetos, polen. Cambia las cosas de lugar y, al mismo tiempo, las rescata del lugar donde se encuentran.

(VALLE, 2011).

RESUMO

A semente germinada fez florescer lembranças, produzir memórias e diversas narrativas e testemunhos a respeito de um passado que deixou marcas e rastros. O texto dessa dissertação de mestrado constitui uma homenagem descritiva para minha avó Tereza Verônica Adamatti Isoppo (*in memoriam*). O estudo busca compreender a história de vida presente na biografia dessa senhora, apresentando como objetivo principal resgatar pela memória da comunidade o papel biossocial e cultural da Dona Tereza, na construção dos saberes tradicionais relativos à utilização de ervas medicinais. Portanto, o trabalho se desenvolve principalmente, em meio as ciências da Etnoecologia e da Etnobotânica, promovendo um resgate dos saberes tradicionais em relação as plantas medicinais e ressaltando por meio do esforço da memória o misticismo presente na vida desta mulher. A pesquisa se desenvolveu por meio de levantamento bibliográfico e entrevistas. Os relatos das pessoas entrevistadas nos meses de novembro e dezembro do ano de 2021 e nos meses de fevereiro e março do seguinte ano, foram fundamentais durante esse processo e vieram para enriquecer ainda mais o cenário deste estudo, realizado no Vale do Maquiné, litoral norte do estado do Rio Grande do Sul. Ao final apresenta-se o produto que compõe um pequeno livro em formato digital, representado por aquarelas de plantas medicinais ilustradas por meu irmão Cristiano. O intuito é apresentar, por meio de um levantamento, informações sobre as plantas medicinais mais usadas por minha avó Tereza, bem como, suas indicações e preparos caseiros. Diante disto, as contribuições produzidas por este resgate etnobotânico, nos fez constatar que Tereza criou laços marcantes na vida da sua localidade, trazendo às pessoas a cura pelas ervas e pelo acolhimento fraternal, nos inspirando a enfrentar os desafios da sociedade e da vida e fazendo-nos regressar em nossa própria ancestralidade.

Palavras-Chave: Plantas Medicinais. Memória. Biocultura.

ABSTRACT

The germinated seed made memories blossom, producing memories and diverse narratives and testimonies about a past that left marks and traces. The text of this master's thesis is a descriptive homage to my grandmother Tereza Verônica Adamatti Isoppo (in memoriam). The study seeks to understand the life story present in this lady's biography, presenting as its main objective to rescue, through the community's memory, the biosocial and cultural role of Dona Tereza, in the construction of traditional knowledge related to the use of medicinal herbs. Therefore, the work is developed mainly amid the sciences of Ethnoecology and Ethnobotany, promoting a rescue of traditional knowledge in relation to medicinal plants and highlighting, through the effort of memory, the mysticism present in this woman's life. The research was developed through bibliographic survey and interviews. The reports of the people interviewed in the months of November and December of 2021 and in the months of February and March of the following year, were fundamental during this process and came to further enrich the scenario of this study, carried out in the Maquiné Valley, on the north coast from the state of Rio Grande do Sul. At the end, the product is presented, which makes up a small book in digital format, represented by watercolors of medicinal plants illustrated by my brother Cristiano. The aim is to present, through a survey, information about the medicinal plants most used by my grandmother Tereza, as well as their indications and homemade preparations. In view of this, the contributions produced by this ethnobotanical rescue, made us realize that Tereza created remarkable bonds in the life of her locality, bringing people healing through herbs and fraternal welcome, inspiring us to face the challenges of society and life and making us to go back to our own ancestry.

Keywords: Medicinal Plants. Memory. Bioculture.

RIASSUNTO

La seme ermogliato ha fatto sbocciare i ricordi, producendo memorie e narrazioni e testimonianze diverse di un passato che ha lasciato segni e tracce. Il testo di questa tesi di laurea magistrale è un omaggio descrittivo a mia nonna Tereza Verônica Adamatti Isoppo (*in memoriam*). Lo studio cerca di comprendere la storia di vita presente nella biografia di questa signora, presentandosi come obiettivo principale di salvare, attraverso la memoria della comunità, il ruolo biosociale e culturale di Dona Tereza, nella costruzione di conoscenze tradizionali legate all'uso di erbe medicinali. Pertanto, il lavoro si sviluppa principalmente in mezzo alle scienze dell'etnoecologia e dell'etnobotanica, promuovendo un recupero delle conoscenze tradizionali in relazione alle piante medicinali e mettendo in luce, attraverso lo sforzo della memoria, il misticismo presente nella vita di questa donna. La ricerca è stata sviluppata attraverso indagini bibliografiche e interviste. Le segnalazioni delle persone intervistate nei mesi di novembre e dicembre del 2021 e nei mesi di febbraio e marzo dell'anno successivo, sono state fondamentali in questo processo e sono arrivate ad arricchire ulteriormente lo scenario di questo studio, svolto nella Valle del Maquiné, sulla costa settentrionale dello stato del Rio Grande do Sul. Alla fine viene presentato il prodotto, che compone un piccolo libro in formato digitale, rappresentato da acquerelli di piante officinali illustrate da mio fratello Cristiano. L'obiettivo è presentare, attraverso un probeggio, informazioni sulle piante officinali più utilizzate da mia nonna Tereza, nonché le loro indicazioni e le preparazioni casalinghe. In considerazione di ciò, i contributi prodotti da questo salvataggio etnobotanico, ci hanno fatto capire che Tereza ha creato legami straordinari nella vita della sua località, portando alle persone la guarigione attraverso le erbe e l'accoglienza fraterna, ispirandoci ad affrontare le sfide della società e della vita e facendoci per tornare ai nostri antenati.

Parole-chiave: Piante medicinali. Memoria. Bioculturale.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho destaque na escola	18
Figura 2 - Mapa em aquarela do município de Maquiné/RS.....	24
Figura 3 - Secagem das Ervas.....	79
Figura 4 - Garrafada Caseira	80
Figura 5 - Fases lunares e a dinâmica de seiva nas plantas	81
Figura 6- Gruta da Sagrada Família	82
Figura 7 - Local de devoção	82
Figura 8 - Altar da Igreja São Marcos	83
Figura 9 - Igreja São Marcos, vista externa.....	84
Figura 10 - Paisagem do Vale, vista da casa da Suzana e Gilberto.....	86
Figura 11 - Novena da Santa Terezinha com dedicatória.....	88
Figura 12 - Novena das Mãos Ensanguentadas de Jesus.....	88
Figura 13 - Novena do Espírito Santo com dedicatória.....	89
Figura 14 - Suzana e Gilberto.....	90
Figura 15 - Morada da Dona Marieta	91
Figura 16 - Esquerda à direita: Minha mãe, Dona Marieta e Eu.....	91
Figura 17 - Casa da Dona Vroni.....	94
Figura 18- Receita para Anemia, caligrafia da minha avó	97
Figura 19- Receita para Hepatite, caligrafia da minha avó	98
Figura 20 - Livro de Oração, presente de minha avó para Dona Vroni	99
Figura 21 - Lembrança de meu avô Luis para Dona Vroni.....	99
Figura 22 - Registro com a Dona Vroni	100
Figura 23 - Registro com a Dona Laine	103
Figura 24 - Paisagem vista da casa da Dona Elena	104
Figura 25 - Livro de Oração com dedicatória.....	106
Figura 26 - Dona Elena e minha avó	107
Figura 27 - A simpática Dona Elena na fotografia.....	107
Figura 28 - Carta de Dona Elena para minha avó.....	108
Figura 29 - Vista da sacada de Dona Florentina.....	109
Figura 30 - Lembrança de Tereza à Florentina.....	110

Figura 31 - Registro com Dona Florentina.....	112
Figura 32 - Tia Gema.....	115
Figura 33 - Travessia na Linha Garapiá	116
Figura 34 - Jardim da Dona Alda	116
Figura 35 - Registro com a Dona Alda.....	118
Figura 36 - Entrevista com Dona Aldevina	119
Figura 37 - Bíblia com dedicatória.....	121
Figura 38 - Entrevista com Tia Dóris	122
Figura 39 - Aparição Divina.....	127
Figura 40 - Imagem da Sagrada Face	128
Figura 41 - Minha mãe, tia Concetta e Eu.....	132
Figura 42 - Tia Antônia	133
Figura 43 - Vó Tereza e vô Luis, 1958.....	134
Figura 44 - Vó Tereza e Eu	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Espécies com potencial medicinal e suas características, usadas por Tereza.....48

SUMÁRIO

O QUE POSSO DIZER DE MIM...	17
1 INTRODUÇÃO	22
2 AO ENCONTRO DA MEMÓRIA: REVIVER O PASSADO, RECORDAR UMA HISTÓRIA	30
2.1 VIDA E OBRA DE TEREZA	34
3 LEVANTAMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS: OS SABERES TRADICIONAIS DE UMA VECCHIA SIGNORA	39
3.1 AS PLANTAS ENCONTRADAS: CONHECIMENTO E USOS.....	47
4 DEPOENTES: UM LUGAR DE LEMBRANÇAS E ENCONTRO COM A HISTÓRIA ORAL	85
4.1 ACHADOS DE CAMPO	85
5 EXPERIÊNCIAS, IMPRESSÕES E MEMÓRIAS: MENSAGEM DE UMA NETA PARA SUA AVÓ	123
6 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO	137
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	141
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	149
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO	150

MINHAS MEMÓRIAS: O QUE POSSO DIZER DE MIM...

Uma história se constrói entre encontros e reencontros, entre espaços e lugares, no tempo e com o tempo. Em sua dimensão reparte experiências e nos trazem lembranças que alimentam a alma e eternizam memórias. Por vezes, nesta trajetória sonhos são concebidos, e na maturidade da vida adulta, permito-me dizer: “o belo é não ter medo de volver-se para trás e perceber que os caminhos percorridos mesmo que estreitos te ensinaram a caminhar”.

Durante esta trajetória é impossível eu não recordar das minhas memórias de infância, as quais me permitem reviver sentimentos essenciais, que me enriquecem na relação com o eu.

Assim, começa o meu percurso...

Numa agradável e aconchegante tarde do mês de maio do ano de 1994, para a alegria de meus pais nascera uma menina, a qual foi batizada como Amanda. Minha mãe deu à luz em Osório, cidade situada no Litoral Norte do Rio Grande do Sul que possui em seu entorno, encostas e vales, mar e lagoas, com sua exuberante Mata Atlântica reúne também, muita beleza. Por falar nessa cidade, lembro-me que minha avó contava que meu avô Luis, seu esposo dizia: “- Chegará o tempo Terezinha, que Osório cederá vento, porém eu, não hei de estar mais aqui para contemplar.”. Hoje, a cidade é conhecida como a “Terra dos Bons Ventos”, abrigando a maior usina eólica da América Latina.

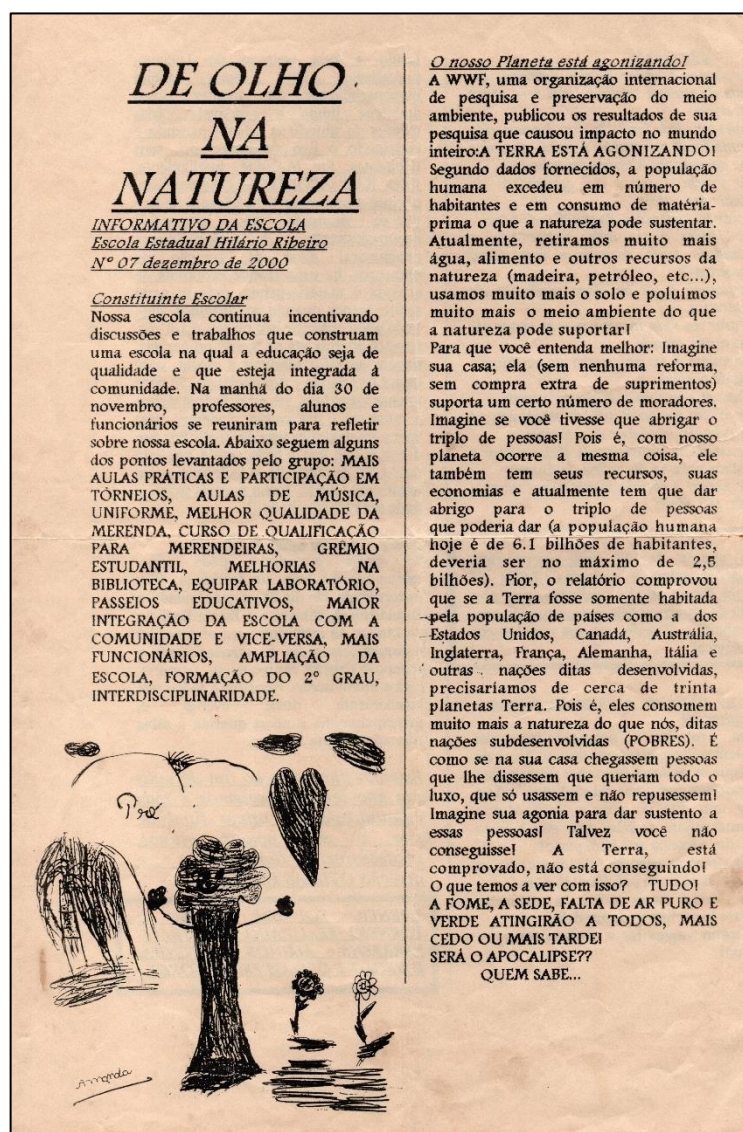
Sou descendente de italianos e alemães, filha de pai agricultor e mãe professora, a qual teve como agricultora a sua primeira ocupação. Convivo num lugar de imensidão natural e encantador situado no Vale de Maquiné, recinto que se eu não conhecesse, talvez por alguma ocasião o universo me presentearia. Minha família é constituída por meus pais, meus dois irmãos mais velhos e o irmão de coração de minha mãe.

Tive uma infância cercada de ternura. Cresci envolvida por amor e ensinamentos, cujos valores mais importantes eram a honestidade, a humildade e o respeito ao próximo. Neste chão, meu prazer quando criança, era permanecer o dia num processo de encantamento e descobertas por meio do contato com a natureza, rios e matas.

Aos seis anos de idade comecei a frequentar a Pré-escola, no distrito Barra do Ouro, na Escola Estadual Hilário Ribeiro. Impulsionada por lembranças trago em minha memória, a nostalgia que sinto ao retratar na mente o esboço ilustrado por mim, cujo desenho foi escolhido como destaque na capa do Informativo da Escola “De Olho na Natureza”, no dia 07

de dezembro de 2000 (Fig. 1). Fitando com meus olhos na concretude deste desenho, certifico-me que meu coração carrega desde a infância um sentimento de sintonia, quietude e amor para com a natureza.

Figura 1 – Desenho destaque na escola



Fonte: Escola Hilário Ribeiro (2000).

Na Hilário, concluí todo o Ensino Fundamental. Aqui destaco a terna e inesquecível professora Neita Marques, um tanto acolhedora e mãe de muitos “filhos”, os quais a escola lhe proporcionou com o tempo. Meu jardim de infância foi doce ao seu lado! À atenciosa professora Nair Donada que me fascinava e despertava o interesse pela história. E, a

estupenda professora Cláudia Shimmer, que me encantava com suas aulas de ciências. Que momentos de tanto humor em sua companhia!

Ao chegar na etapa do Ensino Médio, meus primos e eu precisamos nos deslocar para uma escola mais longínqua, conhecida como Lourenço Leon Von Langendonck, situada em zona urbana, no centro da cidade, Sede de Maquiné. Logo, era hora de arquivar a meninice daquela infância gostosa, para oferecer recinto à maturidade e à responsabilidade da vida acadêmica, que se aproximava à frente.

Após finalizar a Educação Básica, segui o desejo que avultava em meu coração: Ingressei na Universidade e fiz minha primeira graduação em Ciência Biológicas, no Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC). Durante o curso, fui selecionada como bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), na Instituição Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (FEPAGRO/Maquiné/RS). Um momento de grande aprendizado, ao lado de grandes pesquisadores. Aqui destaco o meu orientador Juliano Garcia Bertoldo, quem me conduziu aos primeiros passos de uma pesquisa.

Na FEPAGRO, o amor pelos elementos da natureza se aflorou e uniu-se ao desejo de desvendar e confirmar hipóteses. Neste ambiente de estágio desenvolvi o gosto pela pesquisa e tive a oportunidade de desenvolver o projeto sobre “Sistemas de cultivo alternativo em feijão para o uso no melhoramento genético da Fepagro”, o qual inclusive gerou efeitos significativos, me suscitando ao anseio de agregar o tema de pesquisa ao trabalho de conclusão do curso.

Em 2017 fui aprovada no processo de seleção para o Curso de Especialização em Meio Ambiente e Biodiversidade pela UERGS – Unidade Litoral Norte, Osório/RS. Local acolhedor e enriquecedor de experiências, com aulas magníficas lecionadas por excelentes mestres.

Ao decorrer do tempo conheci o CRAS (Centro de Referência em Assistência Social), um ambiente que vem para fortalecer os vínculos familiares e comunitários, contribuir para a transformação social e o bem-estar do próximo. Esse mundo humano que meus olhos observaram, fez com que meu coração encontrasse abrigo ali por algum tempo. A necessidade de conhecer uma outra realidade me levou a um próximo estágio nesta Instituição. Foi um momento de tempo doado, de amor partilhado, que tornava o meu coração preenchido pelo gesto de reciprocidade. Esta aproximação social significou uma satisfação admirável para a evolução do meu “eu interior”.

Ao findar do estágio dei início a um trabalho voluntário na EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) Recanto Infantil, Barra do Ouro/RS, juntamente com minha primeira professora (minha mãe), onde me envolvi num projeto referente a implementação de Viveiro Escolar, e o desenvolvimento de valores quanto à utilização e preservação do Meio Ambiente na promoção da Educação Ambiental.

Quando cheguei no mundo curioso e envolvente da Educação Infantil, deparei-me com o desejo de ali permanecer, me apeguei neste mundo das crianças, fazer descobertas com estes pequenos aprendizes e nos tornar sonhadores. Minha pretensão era apropriar-me desse universo florido da educação infantil, para ocasionar um processo de sensibilização no olhar destes pequenos e aproximá-los na relação com o meio ambiente, como forma de prepará-los para viver em sintonia com o meio que os cercava.

Foi então que no ano de 2018, decidi cursar uma segunda graduação, dessa vez em Pedagogia. Nessa caminhada tive a possibilidade de construir o meu perfil de pedagoga, e diariamente meu coração nutria a esperança de torna-me uma condutora ativa no processo de ensino e desenvolvimento das crianças.

No segundo semestre do ano de 2019 fiz a seleção para o Mestrado Profissional em Ambiente e Sustentabilidade, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (PPGAS - UERGS), Unidade Hortênsias, em São Francisco de Paula. Fui aprovada e no ano de 2020, um período pandêmico fez com que nós docentes nos adaptássemos a um momento atípico na atual história do século XXI. Ciência e tecnologia se puseram frente à pandemia, se tornando um suporte nesse momento inesperado.

No mesmo ano fui selecionada no concurso para assumir o cargo de professora, da prefeitura de Capão da Canoa, cidade litorânea do Rio Grande do Sul, conhecida por sua bela e atrativa praia. O convívio diário ao lado dos alunos me fez compreender que o ato pedagógico é uma obra de amor que exige sentimento de afeto na relação educador/aluno. É por intermédio desse vínculo estabelecido que nós professores possibilitamos a criança adentrar num mundo de descobertas e conhecimento.

Juntamente com as alegrias, no mesmo ano brotou também o sentimento da tristeza, movida pela dor de uma perda humana. Meu coração enlutado, experimentou a ausência e o vazio pelo distanciamento terreno de minha amada avó. Agora compreendo que para ela a morte significava apenas um desejo de estar ao lado de Deus. É a partir dessa transformação que entramos para a vida em sua plenitude na eternidade.

De frente, ainda com o sentimento de luto que produzia raízes em meu ser, na trajetória do mestrado conheci como orientadora a professora Márcia, a qual criou possibilidades para que eu como aluna do programa e neta de Dona Tereza, narrasse esta história.

Hoje, como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sustentabilidade (PPGAS), da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, sou muito agradecida pela oportunidade de conversar, estudar, ouvir e aprender com professores e pessoas que partilham de um mesmo sentimento, de uma mesma ideia, tornando realizável o desejo de manter vivas as narrativas que com o tempo vão se ausentando, e de alguma maneira, tornar concreto um sonho, sonhado não somente por mim, mas por minha eterna avó (*in memoriam*) e familiares.



A minha avó Tereza, abril de 2020.

1 INTRODUÇÃO

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro (COUTO, 2007).

A presente dissertação germina de um sonho plantado por minha avó materna – Senhora singela, de nome Tereza, porém detentora de um coração nobre, constituído por virtudes e valores, e, principalmente pelo sentimento do amor, ao próximo. Nesse desejo, nasce em minha pessoa o interesse de resgatar a história dessa “*Vecchia Signora*”, como ela mesma pronunciava no seu idioma de origem Italiana; lembrar o seu passado, os seus saberes e costumes com as ervas medicinais (que eram a sua paixão), e na retomada desse espaço, entre o tempo pretérito e presente, tornar concreto essa memória, realçando o seu papel sociocultural, construído por sua passagem aqui na Terra.

Para Vieira (2000, p. 43), “O efeito da memória é levar-nos aos ausentes, para que estejamos com eles, e trazê-los a nós, para que estejam conosco”. E, assim nesse elo de encontros de diálogos entre passado e presente, por meio das lembranças tornar visível, a essência de nossos antepassados, revelando os valores perpetuados ao longo de uma jornada cultural.

Ilustrado nas palavras de Ecléa Bosi: Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem frígida. A autora ainda continua “O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação” (2010, p. 31).

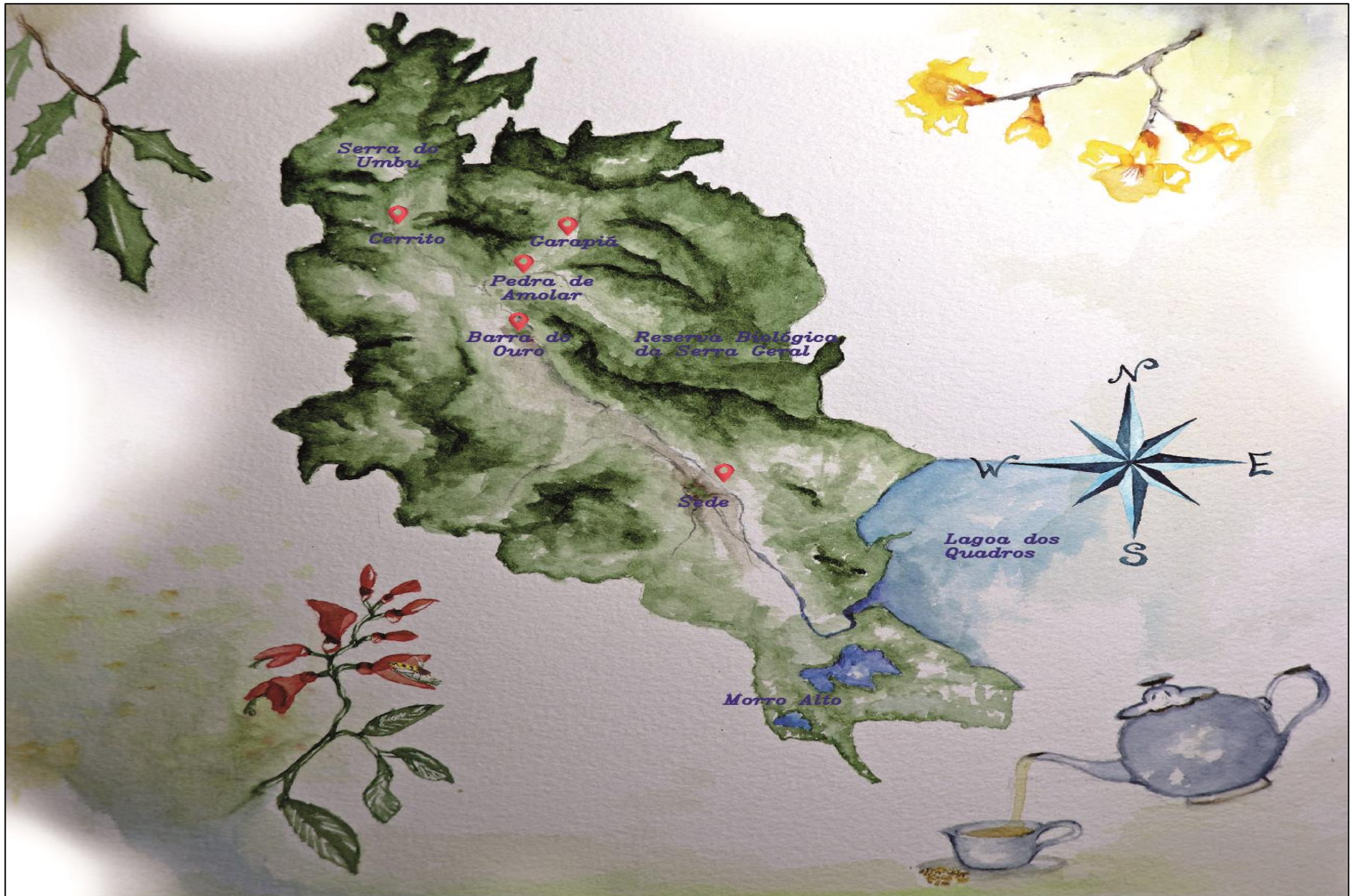
Deixando-me conduzir por esse anseio, de lapidar essa pedra angular e dar continuidade a história de minha avó, esse estudo acontece no município de Maquiné, sua Terra natal, também conhecido por nós maquinenses, como a “Capital do Verde”.

Maquiné, localiza-se próximo as praias do Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, distante apenas 136 km de Porto Alegre, sendo o seu acesso o mesmo de quem vai para as praias: BR 101 até Osório. Ali, se encontra esse município, situado dentro da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, abrangendo áreas conservadas da Planície Costeira, Serra Geral e Planalto das Araucárias (ANAMA, 2021).

A figura 2, na aquarela, apresenta alguns pontos importantes que caracterizam a área deste estudo. Pedra de Amolar, Garapiá, Cerrito, Barra do Ouro e Maquiné (Sede) são

algumas localidades que irão ser encontradas ao longo do texto. O traçado ao centro é o rio Maquiné, que desemboca na Lagoa dos Quadros, Litoral norte do estado. As três espécies de plantas, são nativas conhecidas popularmente como espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*), mulungú (*Erythrina verna*) e ipê-amarelo (*Handroanthus albus*), utilizadas como chá.

Figura 2 - Mapa em aquarela do município de Maquiné/RS



Fonte: Ilustrado por Cristiano Pelisser (2021).

A paisagem desse município se modifica conforme a altitude, com existência de partes mais baixas e planas, na planície, e vales em direção ao planalto, divididos por córregos, arroios e principalmente pelo rio Maquiné. Nas encostas do vale do rio Maquiné encontramos uma paisagem de exuberante beleza composta por uma vegetação característica da Mata Atlântica. Seu clima é geralmente fresco e agradável, porém nos meses de janeiro e fevereiro a incidência de calor é maior. Os meses mais chuvosos vão de julho a setembro, causando um aumento de umidade no ar, e a temperatura média anual situa-se em torno dos 20°C, segundo dados do Relatório de Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental do Município de Maquiné (2000).

Conforme Projeções Estatísticas do Censo do IBGE, o município possui uma área de 613, 328 km², e uma população estimada de 6.747 pessoas habitantes. Sua essência é predominantemente agrícola. A maior parte de sua população (70%) ocupa a zona rural e estão ligados à horticultura, pecuária, olericultura e fruticultura, sendo que 70% destas propriedades possuem uma área igual ou menor a 20 hectares, o que caracteriza a agricultura familiar, apesar destas ocuparem apenas 30% da área agrícola total do município (MAQUINÉ, 2000).

O município iniciou sua formação territorial por volta de 1835, com a chegada de Antônio Leandro Alves, acompanhado de sua família e de escravos, procedente da província de Santa Catarina, então chamada Desterro. Outros povos colonizadores, que aqui se instalaram por volta do século XIX, foram os imigrantes italianos, portugueses, poloneses, alemães e negros. Estes últimos, fugidos da escravidão, chegaram a formar quilombos nos limites das encostas da Serra Geral com a planície costeira do município, no distrito chamado atualmente de Morro Alto. Além disso, o território constituiu-se, também por povos indígenas pertencentes a etnia Mbyá Guarani. Toda essa diversidade cultural se tornava fonte de histórias locais, bem como de um processo artístico variado e de uma rica gastronomia (MAQUINÉ, 2021).

Além disso, Maquiné também guarda um pedacinho da Itália. É, impossível citar a imigração italiana no município, sem falar do Distrito de Barra do Ouro, primeiramente conhecido como antiga Colônia Marquês do Herval. Hoje, o Distrito se constitui num povoado, formado por pequenas comunidades as quais chamamos de “Linhas”, que são: Linha Cachoeira, Linha Rio do Ouro, Linha Cerrito, junto a Serra do Umbu, ligando Barra do Ouro a São Francisco de Paula, Linha Pedra de Amolar, Linha Encantada, Linha Garapiá, Linha Forqueta, Pavão e Linha Rio Ligeiro.

Minha avó contava que os primeiros moradores italianos fixaram domínio na Colônia Marquês do Herval (atual Barra do Ouro). Vindos do norte da Itália, fixaram-se, primeiramente, em Caxias do Sul e, mais tarde, desceram pela Serra do Umbu, atraídos, entre outras razões, por um clima mais ameno e pela fertilidade do solo, que produzia “*pannocchia di mais*” (que quer dizer: espiga de milho em italiano), sustento básico da família e animais. Do milho moído se fazia “*La bella e deliziosa Polenta*” (A bela e deliciosa Polenta), alimento típico da culinária italiana.

A religião predominante sempre foi a católica. Por aqui construíram Igrejas que ainda existem e são zeladas até hoje. Dizia ainda minha avó que as imagens dos Santos Padroeiros presentes em cada uma das Capelas foram trazidas diretamente de sua Pátria Italiana e sempre tiveram grande destaque na identidade italiana.

Atualmente o Distrito de Barra do Ouro se torna palco de atrações culturais, onde é realizado o evento conhecido como Festa da Polenta e do Vinho, que acontece bianalmente no mês de agosto, organizado pela gestão municipal comunidade local. Ali se resgata a cultura italiana de Maquiné que permite reviver um pouco dessa herança cultural que nos foi legada.

Este lugar é mesmo admirável, e é nesse pedaço de chão com recantos de inigualável beleza cênica que brota o objetivo desse estudo, que é resgatar pela memória da comunidade o papel biossocial e cultural da Dona Tereza, na construção dos saberes tradicionais relativos à utilização de ervas medicinais no município de Maquiné/RS.

A partir desse objetivo definiu-se outros dois para o aporte metodológico e elaboração do produto da dissertação. O primeiro foi descrever sobre a pessoa de Dona Tereza, por intermédio de diferentes instrumentos de campo coletados. Já, o segundo foi delinear as espécies de ervas medicinais utilizadas por Dona Tereza, suas formas de uso, bem como as crenças por ela praticadas. O produto gerado deverá contribuir com a comunidade do lugar, promovendo relatos e aprendizagens, que poderão ser vivenciados a partir de uma leitura exploratória e prazerosa.

Nessa totalidade, o presente trabalho envolve-se em uma narrativa cultural, onde eu como pesquisadora e participante, me constituo como uma geração familiar imersa dentro dessa biografia moldada. Sendo assim, esse estudo compreende, portanto, a pesquisa do tipo narrativa entendida como “um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos próprios pesquisadores” (CLANDININ & CONNELLY, 2011, p. 18). Assim, segundo Cassab & Ruscheinsky (2004), a narrativa compõe a matéria-prima para a História Oral. Para

Thompson (1998, p. 337), “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras”.

Ademais, esse método de pesquisa nos permitir reafirmar novas histórias, marcadas em um tempo e espaço, os autores também destacam que “essas histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades” (CLANDININ & CONNELLY, 2011, p. 27). Esse tipo de pesquisa também permite que “os envolvidos no processo se conheçam melhor, tanto pessoal quanto profissionalmente” (TELLES, 2002, p. 106), possibilitando expor uma interiorização subjetiva de si.

Ainda no campo metodológico, essa pesquisa teve uma abordagem qualitativa que versou no levantamento de informações enraizadas numa história de vida, embasada na compreensão de um espaço formulado por significados, motivações, crenças e valores tecidos pela marca e matriz biológico-cultural da Dona Tereza.

A abordagem qualitativa é uma modalidade utilizada em pesquisas narrativas (TELLES, 2002) e conforme Godoy (1995), envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Para Minayo (2001), esse tipo de pesquisa contrapõe a questões particulares e não quantificáveis, na qual o pesquisador é envolvido pelo empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional. Assim, “pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, “uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG, 2004, p. 17).

Considerando o contexto investigativo trilhado nessa pesquisa, utilizou-se alguns instrumentos mobilizadores da narrativa, que auxiliaram a compor essa dissertação, tais como: escrita de diários, fotografias, notas de documentos, caixa de memórias, histórias de vida, cartas, escrita autobiográfica, depoimentos e gravações.

Num certo momento a campo, a técnica selecionada para a coleta de dados foi o da entrevista semiestruturada em profundidade – um método espontâneo, semelhante a uma conversa, que permite na ocasião, a liberdade de expressão do entrevistado, possibilitando se necessário, a inclusão de novos questionamentos, sem permitir que o entrevistador se desvie do objetivo traçado (GILL, 2011). (Anexo A).

Esboçado nas palavras de Jorge Duarte (2008, p. 62), a entrevista em profundidade é:

Um recurso metodológico que busca, com bases em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Quanto aos sujeitos entrevistados, não se legitimou pela quantidade de participantes, mas pela profundidade, detalhamento e qualidade de sua oralidade. Assim, selecionaram-se indivíduos geradores de experiências, que de uma forma ou outra se tornaram parte do protagonismo de Dona Tereza.

Os métodos empregados nesta trajetória me conduziram a uma análise temática, que conforme proposta por Braun e Clarke (2006), é um método de análise qualitativa de dados para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas) a partir de dados qualitativos, fornecendo um conjunto rico e detalhado de informações, de forma flexível e útil.

Dessa forma, analisou-se os dados em seu conjunto, buscando as simetrias temáticas, bem como os significados atribuídos às mesmas. Categorias temáticas foram estabelecidas num roteiro prévio de entrevista, e ao longo da realização da mesma, a descoberta de temas emergentes favoreceram um resultado considerável ao pesquisador.

Ao longo da dissertação fundamentou-se em algumas obras literárias de autores como Ecléa Bosi (2003; 2010), que introduz a poesia na construção científica. Em sua escrita a Psicologia Social se entrelaça e com um estilo de pura emoção e sensibilidade, a autora delinea teoria e empirismo trazendo ao presente a memória e suas significações, reconstruindo uma trajetória na reconstrução de um passado, por meio da oralidade.

A obra literária “A Memória Biocultural: a Importância Ecológica das Sabedorias Tradicionais”, de Víctor M. Toledo e Narciso Barrera-Bassols (2008), também auxiliou na construção da presente dissertação, uma vez que os autores trazem sobre a importância dos saberes tradicionais como elos entre o pretérito, o presente e o futuro, defendendo as memórias e fertilizando o resgate e a revalorização dessas sabedorias adquiridas num determinado espaço temporal e que hoje permeadas por práticas agroecológicas, buscam fomentar um benefício a “Mãe Terra” e, conseqüente à própria saúde humana.

Diante das reflexões até aqui prestadas, apresento como essa dissertação está organizada. A primeira parte, apresenta seis capítulos. Após a introdução, temos “*Ao Encontro da Memória: vislumbrando o passado, revivendo uma história*”, onde se descobre a biografia da mulher de Dona Tereza Adamatti Isoppo, suas ascendências, sua história de vida familiar, social e educacional, que auxiliam a perceber as aprendizagens na construção de sua identidade. No terceiro capítulo, “*Levantamento de ervas medicinais: os saberes tradicionais*

de uma velha senhora”, foi escrito para destacar as plantas medicinais utilizadas por Dona Tereza, seus costumes, hábitos e crenças ao utilizá-las, bem como os modos de preparos de alguns dos seus principais remédios caseiros. Neste capítulo, a colaboração de minha mãe Neli Marisabete (gênese de Dona Tereza), foi fundamental para a composição de uma admirável descrição, a respeito das plantas curativas empregadas por minha avó.

O quarto capítulo, *“Depoentes: encontro com a história oral”*, se encontram fragmentos de depoimentos das pessoas entrevistadas, as quais contribuíram para tornar esse estudo perceptível e contíguo, manifestando a matriz que floresceu na minha avó Tereza, devolvendo no presente, um passado que ainda vivo se revela na memória dos entrevistados.

No quinto capítulo, intitulado *“Experiências, impressões e memórias: mensagem de uma neta para sua avó”*, utilizo a carta, como um gênero textual de comunicação, para homenagear a minha avó, bem como, alicerçar um compromisso de seguimento aos seus ensinamentos. Aqui, procuro lembrar das suas doutrinas, buscar na memória uma história de vida vivida, recuperar o tempo passado, lembrando-o no momento presente, inspirando o sagrado e exalando o entusiasmo. Em seguida, no sexto capítulo temos a descrição e apresentação do produto do mestrado profissional, o qual compõe essa dissertação.

Finalmente, nas *Considerações finais*, reflito o caminho dessa pesquisa, realçando minhas ponderações sobre os objetivos e resultados alcançados.

Ponderando a necessidade de tornar o que há de abstrato, em concreto, num estilo palpável e sólido, é assim, que na narrativa viva da memória, se constrói a presente dissertação. Num harmonioso Vale, chamado Maquiné, caracterizado por diferentes marcas (BERQUÉ, 1998) impregnadas em sua paisagem, as quais faz com que renasçam as lembranças de uma época passada, as quais são sintetizadas em memória, memória essa – que acende espaço para a construção de uma história biológico-cultural do lugar, do tempo e do ser.

Portanto, esse trabalho, bem como, o produto a ele associado, se constitui numa forma de preservar a memória arquivada e transcrita, evitando a perda e o esquecimento dos saberes adquiridos neste universo ancestral, pela história de vida de Tereza Adamatti Isoppo, minha avó. Pois, “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (BOSI, 2003, p. 69).

2 AO ENCONTRO DA MEMÓRIA: REVIVER O PASSADO, RECORDAR UMA HISTÓRIA

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. (BOSI, 2010, p. 75)

Para iniciar o percurso deste capítulo e tornar nítido um passado, desfruto das palavras acima da autora Ecléa Bosi, pois presencio nelas amparo e confiança, para testemunhar no presente um pretérito palpitante, cristalino em cada palavra, gesto e pensamento.

Em sua obra literária “Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos”, Ecléa Bosi (2010), enfatiza que recordar se torna uma das funções sociais do idoso, ou seja, ele reconstrói o passado com o olhar do presente. Segundo a mesma autora (2010, p. 82), “Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos”. É, então, a partir deste recordar da minha avó, que no embalar do tempo, as narrativas um dia arquivadas pela oralidade e escrita desta velha senhora, desabrocham em minhas lembranças, levando-me apreciar por intermédio de vossa memória a sua história cultural, não permitindo assim, o empalidecer de sua figura. Pois, como a própria autora menciona, a fisionomia identitária, principalmente dos velhos, sejam eles nossos pais ou avós, vai se empalidecendo ao decorrer dos tempos, se não forem revividas por conversas, fotos, leitura de cartas, depoimentos, do meio em qual partilhava suas experiências, dos locais que frequentava, enfim dos fatos históricos que compuseram a sua vida.

No conceito biológico a memória se define como a capacidade de adquirir, armazenar e registrar informações, tendo como fonte conservadora os distintos lobos do cérebro, os quais são nutridos e revigorados pelas lembranças. Logo, é na memória que estaria registrado o legado preservado de uma etnia, ao longo dos tempos, ficando, portanto, disposto ao esquecimento. Minha avó, demonstrava receio em perder a memória que carregava de passadas datas, e que por vezes, resultava de heranças dos seus antepassados. Portanto, sua aflição era, justamente, não permitir que esta história se apagasse. Dizia, que a partilha das vivências e do saber adquirido era uma das formas de manter a herança cultural de um determinado grupo, para no futuro despertar o desejo pela busca de novas observações e novos saberes.

Conforme Régis (1997) o elemento memória remete a Grécia antiga onde os humanos inspirados por deuses, já viviam suas crenças mitológicas e compartilhavam um conjunto de histórias sobre a origem e destino do universo. Para o autor, a memória assumia grande importância em uma civilização sem escrita, pois dela dependia a propagação dos costumes e tradições. Ainda segundo Régis (1997), a memória possibilitava ao sábio inspirado entrar em contato com o mundo dos deuses, assumindo o papel de uma potência religiosa, cuja inspiração se tornava palavra mágica, permitindo ir além do tempo dos homens (*chronos*), fazendo-se cumprir um lugar social.

Dentro deste contexto, Halbwachs (1990) afirma que a memória por mais individual que possa ser, deve ser compreendida como um fenômeno social e coletivo. Pois a sua construção embora, aconteça no presente, não deixa de selecionar acontecimentos de um tempo passado. Sendo assim, a memória se constrói de forma coletiva, referindo-se ao indivíduo num dado contexto social. Para o autor este tipo de memória, tem por escopo aproximar os indivíduos ao seu grupo, adotando o passado como uma imagem a ser compartilhada por todos esses indivíduos.

Para Le Goff (2003) a memória é vista como a capacidade humana incumbida por manter arquivado o passado, as experiências vividas. Deste modo, atribui à memória como uma série de funções psíquicas, graças às quais o humano pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como acontecidas. Segundo este autor a memória é decorrente dos processos da escrita e da fala acerca de aspectos da realidade que, em seguida, ficam armazenados constituindo a mesma. Neste cenário, a linguagem se torna um elemento proeminente, que permite afirmar que a memória pode então, ser transmitida de forma oral e escrita.

Conforme Alberti (2011), a memória é primordial a um grupo, visto que está unida a construção identitária do sujeito. Ela é a decorrência de uma tarefa de sistematização e de seletividade daquilo que é fundamental para o sentimento de singularidade, continuidade e experiência, isto é, identidade. Nesse sentido, Pollack (1992) complementa essa visão quando vincula memória com o sentimento de identidade, passando a enxergá-la, como um elemento indispensável para a percepção de si e dos outros. Segundo o autor a memória elege o que é relevante num dado contexto, para o sentimento de unidade e de continuidade.

Para Bobbio (1997), esse sentimento de pertencimento e reconhecimento de si, acontece por meio do ato da rememoração. Assim, conforme Nascentes (2004) a memória rastreia a construção e reconhecimento da identidade do que se viveu no passado,

acontecimentos que, ao envelhecer, se esquecidos o idoso perde sua identidade individual ou coletiva.

Bosi (2010) vê no idoso a função social própria de rememorar, pois sua imaginação faz longos raptos em adereço ao passado e com maturidade elege perspectivas que considera valorosas no atual momento. Para Bosi (2010) a prática da rememoração é uma das formas de dar voz ao sujeito idoso e de nutrir a sua integridade psicológica. Uma vez que na presença de um ouvinte atento, sua vida vai ganhando finalidade e passam a reconstruir seu senso identitário, quando tem sua autoestima devolvida.

Lembro-me o quanto minha avó sentia-se valorizada e dotada de um sentimento de confiança, ao resgatar e compartilhar experiências do passado, despontando e delatando episódios que marcaram a sua história de vida.

Por meio de suas memórias e história de vida, a pessoa idosa se torna um edificador social e, à medida que nos aproximamos de sua herança cultural, podemos ter acesso a um mundo social dotado por uma diversidade e riqueza que não conhecemos, mas que nos é revelado por meio de suas lembranças narradas no presente (BOSI, 2010). Para Souza (1999), os idosos podem presentear a sociedade com grandes contribuições, devido à disposição de fixar lembranças e recordar fatos do passado com maior tenacidade, visto que, o registro de suas histórias de vida é um meio de construir nossa cultura. Ao se alimentarem do passado, se tornam agentes do presente e, por intermédio da memória, revivem épocas, relatam fatos, reativam suas lembranças, repassam suas crenças e os valores de um tempo (PIAÍ; PACCINI, 2004).

Perante esses argumentos, ressaltamos a importância de dar voz as pessoas idosas, e de compreendermos sua contribuição histórica e social em nossa sociedade. Por tanto, é fundamental escutá-los e deixá-los falar, para que assim, possam manifestar suas histórias, revelar suas experiências e traçar perspectivas do futuro (daquilo que será). Resgatar por meio da memória das pessoas idosas, suas narrativas de histórias de vida e experiências do passado ou daquilo que permaneceu desprezado, é necessário para a continuidade de sua própria identidade e para que novas gerações possam aprender com os testemunhos destes “detentores do conhecimento”.

No entanto, na contemporaneidade os mais velhos não são ouvidos, passam despercebidos e por conseguinte, não são respeitados, evidenciando, assim, que, atualmente, os idosos são esquecidos ao invés de serem vistos como detentores do conhecimento e da sabedoria (PAULA, 2009).

Em meio a uma sociedade capitalista, influenciada pelos avanços da modernização, a prática de escutar as narrativas de vida das pessoas idosas, vem decaindo por ceder lugar para as mais variadas formas tecnológicas existentes. Em tempos remotos, distante da sociedade pós-moderna os idosos tinham seu espaço valorizado pelos mais jovens, os quais hoje encontram-se seduzidos pela Era Digital.

Minha avó, frequentemente, dizia que eram poucos os jovens que se encantavam pelas histórias e conselhos de um velho, num mundo atraente em tecnologias como o atual. Na época da informação, conforme (BOSI, 2010), a busca da sabedoria e de conselhos perde as forças, é substituída pela opinião

Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da Técnica desorienta. A guerra, a Burocracia, as tecnologias desmentem cada dia o bom senso do cidadão (BOSI, 2010, p.84).

A autora traz em sua fala, que o declínio da arte de contar histórias é uma consequência do empobrecimento da partilha de experiências, a qual por sua vez, é acometida pela evolução do capitalismo em detrimento da procura da sabedoria e conselhos, existentes na arena da narrativa.

Em sua obra literária: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, Benjamin (1994, p.197), enfatiza: “é cada vez mais raro encontrar pessoas que saibam narrar corretamente”. Para o autor, a partir da pós-modernidade, os vínculos entre sabedoria e velhice foram perdendo forças e com o tempo, a capacidade de contar histórias deixando de existir. Desse modo, “a arte da narração não está limitada em livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiências dos que escutam” (BOSI, 2010, p. 85).

Segundo os autores Ecléa Bosi (2010) e Walter Benjamin (1994), no ato da narrativa tudo é relatado com rigorosidade, entretanto o contexto psicológico não é controlado. A narração, em sua forma sensível, não se torna a única exclusividade da oralidade. Em seu aspecto autêntico, se deixa conduzir pela compassividade do passado. Conforme os mesmos, nesse ínterim, a mão interfere decisivamente, com seus acenos que sustentam a história, oferecendo asas aos fatos incoados. Deste modo, seu talento é gerado pelas experiências; sua lição extraída da própria dor; sua dignidade revelada sem medo, e incorporada as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.

Desta maneira, considerando a importância deste movimento de resgatar a memória de velhos, ou como bem nos lembra Ecléa Bosi (2010), “os guardiões do passado”, me entrelaço

ao pretérito de minha vó, por meio de sua originalidade narrada. E, com o início da exploração da história de vida de minha avó, a memória de trabalho assume o seu ponto central. Bosi (2010), apresenta a memória de trabalho não como uma livre rememoração, mas um rigoroso esforço de sistematização e interpretação das lembranças evocadas por um narrador em seu depoimento oral ou escrito.

Para Alberti (2011), o passado somente conserva-se revelado no presente, quando se efetua trabalhos de síntese da memória, permitindo reconstruí-lo, a partir do momento em que o indivíduo passa a compartilhar suas experiências, tornando a memória “viva”.

Enfim, me apoio na memória vivida de minha avó, como uma forma de desfrutar de sua sabedoria tradicional em relação as ervas medicinais, tornando o seu conhecimento valorizado na comunidade e acessível às gerações futuras, e por consequência favorecendo a conservação das espécies botânicas com finalidades terapêuticas, bem como, a preservação da identidade e cultural local.

Assim, por meio de sua caminhada de vida e trabalho, ou seja, de suas experiências vividas, as narrativas encenadas, sustentam as memórias trabalhadas e dão início a história que me abraça.

2.1 VIDA E OBRA DE TEREZA

No dia 01 de julho de 1938, num pequeno e singelo lar, localizado na Linha Rio do Ouro no distrito de Barra do Ouro, nasce Tereza, irmã de seis mulheres e seis homens, a nona filha do casal de agricultores Catarina Gatelli e Luiz Adamatti. Das mãos de uma parteira, se revelou mais uma vida, pois naquela época o acesso era difícil e não existiam médicos no lugar. Minha avó descrevia as parteiras como grandes mulheres, senhoras de um grande ofício; eram hospitaleiras, sua prática e saber constituía-se num dom – *Herança de Deus!* Dizia ela!

Durante os cafés em sua casa, contava-me minha avó Tereza que seus avós vieram da Itália, de uma comunidade conhecida por “Terre”, pertencente a região do nordeste do país, chamada Vêneto. Dizia-me ela, que a imigração de algumas famílias italianas no Brasil derivou na década de 80-90, pois o país enfrentava uma constante guerra. Não havia pacificação, e as consequências da batalha, fez com que, transformações socioeconômicas afetassem a vida e trabalho de muitas famílias.

Ao chegar ao território brasileiro, o imigrante italiano reelaborou sua identidade. À vista disso, foi se reconstruindo, delimitando seu território e estabelecendo sua ordem social e familiar e conseqüentemente reconduzindo sua conduta.

Minha avó lembrava que aqui chegando, defrontaram-se novamente com grandes dificuldades. Os colonos receberam sementes e ferramentas do governo, fizeram lavouras para o cultivo de hortaliças. As famílias construíram casas de madeira, cobertas por capim e o assoalho, era o próprio chão de terra. Não existia fogão, o fogo era no chão e os alimentos cozidos em panelas de ferro suspensas. Como não havia moinho, o tronco das árvores, servia como pilão, onde era descascado o arroz e produzido a farinha de milho também. Lembranças de minha avó, ainda recordam, sua mãe, como costureira. Me descrevia ela, que o tecido de suas vestes era feito pela minha bisa, a qual se atentava até mesmo em mínimos detalhes, relatara minha avó. Se plantava o linho, quando seco era colhido e feito os fios de linha, que numa tecedeira manual se originava o tecido. As palhas de trigo e arroz, eram utilizadas para confecção de bonecas, chapéus, bolsas e cestas artesanais.

Relembro-me ainda, das palavras da minha terna vó, numa tarde de inverno, quando o sol, ainda resplandecente sobre o Vale, eu me sentara ao seu lado e apoiada na mesa posta para o café, na varanda de sua casa atenciosamente a escutava: “No início da colonização, aqui na Barra do Ouro, não havia médico, muito menos farmácia, não conhecíamos remédio, quando alguém adoecia o remédio era o chá de ervas medicinais, emplasto de argila, banhos ou pomadas.

Contava ela, que ao decorrer do tempo, os colonos passaram a ter relações comerciais com os municípios Rolante, Taquara, Caxias do Sul, também Osório. Por meio desse contato, puseram-se a transportar, produtos como banha de suínos, feijão e cachaça, mercadorias bem aceitas pelos comerciantes. O transporte era feito no lombo de cavalos ou muitas vezes, em carretas, movidas por bois. Relembrou minha avó, que meu biso, na volta para casa, trazia alguns metros de tecidos de diferentes texturas e gradações, para confecção de roupas para a família.

A infância de minha avó foi convivida por dificuldades, mas ela se dizia feliz, ao lado dos irmãos e dos pais. Família cristã e de muita fé, onde a prática da educação, respeito e amor ao próximo se constituíam em ensinamentos diários. Da roça, continham o sustento, plantava-se tudo o que era necessário. Desde os nove anos de idade trabalhavam na lavoura e afazeres da casa. Faziam pomadas, chás caseiros, xaropes e garrafadas, para todos os procedimentos de cura se empregavam as ervas medicinais.

Relembrava ainda, que embora jovem não importava a ocasião do dia ou da noite, quando chamada, selava seu cavalo e seguia a sua missão de aplicar injeções e improvisar curativos no enfermo acamado, pois na comunidade e arredores, não se recebia a visita de médicos. Neste dia, recordo-me daquele olhar da minha avó, expresso com sentimento de felicidade e agradecimento.

Desde muito cedo ela dedicava-se a leituras, tinha desejo de aprender, gostava de ler os jornais que seu pai buscava no comércio, também ouvir sua mãe cantando em latim, dizia ela que minha bisavó tinha muita compreensibilidade no idioma. A Escola era distante, passou muita necessidade, principalmente durante os dias de inverno, pois fazia temperaturas muito frias, a geada era tão intensa que o gelo cobria as árvores. Ao contar essa trajetória, na maioria das vezes, as lágrimas lubrificavam seus olhos, lhe suscitando certa emoção, lembrava ela que o agasalho e o sapato eram escassos, para si e para os irmãos, no entanto nunca deixou se derrotar pelas adversidades ao decorrer de seu caminho, o seu desejo de estudar era imenso, dizia ter o anseio de ser médica. Como não havia energia elétrica, estudava com lamparinas de querosene, a qual mantinha a claridade emergente durante a noite, após, rezar o santo terço, que para os pais era uma ocasião sagrada, de temor e respeito a Deus.

No florescer das estações, decorrido alguns anos, minha avó Tereza conheceu meu avô Luis Isoppo, também filho de imigrantes italianos e aos 24 dias do mês de maio do ano de 1958, os dois se unem diante de Deus no matrimônio, realizando o tão sonhado casamento. No mesmo ano, em busca de emprego e renda, meus avós chegam em Viamão e passam a trabalhar numa fazenda composta por extensas lavouras e pastagens. Meu avô Luis, o capataz da família Dalmolin, passou a desenvolver atividades com a pecuária leiteira e pastagens, enquanto sua esposa auxiliava-o e além dos afazeres da casa, dedicava-se com as plantas, a horta e o pomar.

No ano seguinte, 1959, depois de algumas perdas maternas, sendo a última batizada Rosário, minha avó despe de seu ventre, a tão sonhada filha, nasce então Marisa, aos 19 dias do mês de fevereiro do ano de 1959. Decorrido alguns anos, em 1962, decidem voltar para sua Terra de origem, na localidade Pedra de Amolar, onde constituem sua moradia. No seguinte ano, Tereza dá à luz a sua segunda filha, batizada de nome Maria Celói, a qual crescera rodeada de amor pelos pais e irmã.

Passando-se alguns anos, devido a fertilidade do solo fértil da região, a produção de milho e feijão obteve uma alta significativa no comércio local. Logo a plantação de fumo e da espécie *Eucalyptus sp.* se mesclou à paisagem local, se tornando fonte geradora de renda para

os agricultores. E, é nesta terra caracterizada por sua fertilidade e sentimentalismo, que Tereza implanta um quintal dedicado ao cultivo de plantas medicinais; dedica-se aos estudos e com o Primário Grau de estudo completo (quinto ano) inicia sua trajetória de educadora na localidade, no salão paroquial da Igreja São Marcos. Na sequência conclui o Ginásio (ensino fundamental anos finais) e após o Segundo Grau (ensino médio). Consequentemente, dedicou-se por três anos ao Magistério, na Escola Técnica Ildefonso Simões Lopes Neto, no município de Osório. Na oportunidade realizou cursos profissionalizantes, dedicados à área de Educação e à temática Plantas Medicinais. Neste mesmo espaço de tempo, minha avó começa a lecionar no Primeiro Colégio da comunidade da Pedra de Amolar, conhecido como Antônio Nicolau Konzen, que ficava em sua propriedade, numa área cedida por seu esposo Luis, meu avô. Em 1992, atende o chamado à serviço de Deus e oferece o seu Sim generoso como Ministra Extraordinária da Sagrada Comunhão. Sempre muito atenciosa com a comunidade e saciada de uma alma reverente no amor do Pai, seguia os preceitos de seu coração, e os aceitava como obra do Divino Espírito Santo.

Nesta vida de união, meus avós viveram com fé e imensa alegria. Lembro-me que ao recordar a sua passagem ao lado de meu avô, ela explicitava em seu olhar recordações de amor e respeito recíproco. Contava ela, que as atitudes de meu avô o tornavam um indivíduo compassivo e generoso. Seu coração alimentava o amor ao próximo, no desejo de servir ao irmão necessitado. Amava os netos, Cristiano e Luciano (meus irmãos), com os quais se divertia nas alegres e enérgicas tardes de verão. Na conversa minha avó, lagrimava a sua falta. Dizia ela, que Leonardo (meu primo e filho de Maria Celo, essa sua filha mais nova e irmã de minha mãe) e eu, não tivemos a oportunidade de estar na sua presença, mas nosso avô se sentiria feliz com a presença de todos aqui. Salientou que meu avô Luis agradecia todos os dias o dom de viver e seu sorriso proferia satisfação pela família unificada. Rememora ainda, que ele desempenhou algumas atividades ao Serviço Militar, dentre elas: o dom de cozinhar. No diálogo, minha mãe discorre, que seu pai, fazia tudo com muita ternura, sua comida era saborosa e lhe agradava o paladar. Imensa saudade ressalta do coração de minha mãe!

Deixando-me conduzir por este processo de escuta, avisto em meu avô a figura de um homem que revelava uma grandeza de alma. Sua identidade manifesta por virtudes da bondade, do respeito e do afago alimentavam as lembranças de minha avó, resgatando um passado, que ainda vivo conservava-se em na memória de minha avó.

No entanto, para surpresa de todos, meu avô Luis, é acometido pela enfermidade e logo o mês de agosto do ano de 1993, é carregado pelo luto de sua perda. Minha avó contara

que o sentimento de solidão invadira a sua rotina por algum tempo, pois profunda tristeza lhe acometia pela ausência de seu companheiro. Mas, expunha ela que por mais difícil que estava sendo aquele momento, jamais deixara de orar. Intensificou suas orações, desafiando a dor da ausência e enfrentando as tristezas, buscando ressignificar sua vida diária.

Contava ela, que seu coração se transformou em abrigo da recordação da figura de meu avô, revelado por emoções e sentimentos. A passagem de sua presença, ao se lado, nesta vida terrena permitiu que suas obras se tornassem lembranças, as quais se pode apreciar num ato de inspiração para dar seguimento a sua trajetória.

Destaca Maria Júlia Kovács em reportagem realizada, no mês de maio de 2022:

Após a perda de uma pessoa próxima, as recordações assumem um papel significativo na manutenção das relações. As lembranças ajudam no sentido de a gente poder ter a pessoa sempre presente no nosso coração, na nossa imaginação. E isso é muito importante, porque os vínculos que se rompem são os vínculos presenciais, mas a gente mantém os vínculos na nossa memória e na nossa lembrança.

Foi neste momento de enfrentamento ao luto, que minha avó se devotou ainda mais, em relação as plantas medicinais, fazendo remédios caseiros e levando para os enfermos. Assim, ela seguiu conduzindo seus afazeres na comunidade, por meio de cursos aprimorou suas habilidades em relação as plantas medicinais, permanecendo sempre disposta a doar seu tempo a favor do bem.

Neste contexto social, sua sabedoria foi sendo aperfeiçoada, e assim, foi se construindo a memória de Tereza, no relacionamento com a família, com a profissão, com a comunidade, com a Igreja, enfim, com os grupos de convívio e com os grupos de referência peculiares a sua pessoa.

3 LEVANTAMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS: OS SABERES TRADICIONAIS DE UMA VECCHIA SIGNORA

A medicina se fundamenta na natureza, a natureza é a medicina, e somente naquela devem os homens buscá-la. A natureza é o mestre do médico, já que ela é mais antiga do que ele e ela existe dentro e fora do homem. (PARACELSO 1493 – 1541)

O Brasil abriga uma rica diversidade de plantas, com 46.097 espécies descritas (FLORA DO BRASIL, 2015), possuindo a maior biodiversidade florística do mundo (MAGNUSSON et al., 2016). Sua fitodiversidade é ampla, colocando o país em posição de destaque em relação ao patrimônio vegetal genético nacional (NODORI & GUERRA, 1999).

Ao longo da história, a sociedade foi vivendo as mais diferentes relações ecológicas com o ambiente e esta diversidade, permitindo, nesta interação, a subsistência de sua espécie (AMOROZO, 1996). Nessa constante relação sistêmica com os ecossistemas os humanos encontram nas plantas, importantes contribuições medicinais e alimentícias, como forma de beneficiar a sua existência, construindo um acervo de informações com o meio que os cerca (MENEZES, 2013; LOBLER et al., 2014; AMOROZO, 1996). E assim, neste elo incessante, o conhecimento tradicional foi estabelecendo-se entre as diferentes culturas e povos existentes.

O conhecimento tradicional, também referido como “local e autóctone, é apreciado como uma junção de saberes e saber-fazer em relação ao mundo natural e sobrenatural, propagado oralmente, de geração em geração” (DIEGUES & ARRUDA, 2001, p. 50). É considerado o bem mais valioso das comunidades locais (DUTT; BHAGAT; PANDITA, 2015). Conforme Amorozo (2002), o acesso a estes conhecimentos se torna importante para a compreensão e a valorização das culturas, formas de agir, de viver e conviver com o meio ambiente.

São assim nomeados por serem irradiados durante várias gerações, enraizados em um território e sustentado na observação detalhada de espécies, paisagens, fenômenos e processos ecológicos, além disso, estão em permanente experimentação, transformação e inovação, caracterizando-se pela multiplicidade de saberes e práticas locais e ainda, por conservar suas próprias formas de produção e circulação, concepção e valores (CARNEIRO DA CUNHA, 1999; 2009, 2012, CARNEIRO DA CUNHA; ALMEIDA, 2001).

No entanto, cabe pronunciar que até a década de 1950, a ciência moderna não reconhecia estes saberes como um sistema cognitivo complexo, portanto, conhecimento tradicional foi por muito tempo negligenciado e estudado de forma ambígua, não se considerando a ligação existente entre corpo de conhecimentos e práticas aplicadas (TOLEDO & BASSOLS, 2015).

Toledo & Bassols (2015), destacam que estes conhecimentos se diferenciam da ciência moderna, pela carência da divisão entre o natural e o cultural, se opondo a ideia de que a conduta humana é necessariamente destrutiva e predatória; e pela inseparabilidade entre saber, prática e crença, sobrepostos nos modos de ser desses sujeitos, e que estão presentes na língua, na organização societária, na oralidade, na corporeidade, compondo relações de subjetivação e identidade.

Little (2010) aprecia os conhecimentos tradicionais de maneira vasta, fazendo uma alusão aos povos indígenas, às populações agroextrativistas, aos quilombolas, aos ribeirinhos e a todos àqueles grupos sociais que se dizem tradicionais e que empregam tais saberes para produção e benefício e continuidade de seus trabalhos. Em consonância, Toledo & Bassols (2015) acrescentam outros grupos, como os seringueiros, camponeses, agricultores, caboclos, caiçaras, pantaneiro e pescadores artesanais.

Para estes sujeitos ditos tradicionais a natureza é apresentada como um local devotado na observação, investigação e formação de saberes, sendo suas práticas uma expressão do conhecimento que se estabeleceu na relação com a natureza em sua amplitude (CASTRO, 2000).

De acordo, com o decreto nº 6040, ano 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), os povos e comunidades tradicionais são definidos como "grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição" (BRASIL, 2007).

Os conhecimentos tradicionais se edificam no método empírico, tendo como base experiências sociais, a observação e as demandas locais, criando com isso uma compreensão íntegra sobre os elementos naturais e suas relações com a vida humana. Habitualmente, esses conhecimentos encontram fundamentação no universo mítico e nos rituais que o sustentam (HOFFMANN & SCHIRMER, 2020). Sua difusão transcorre principalmente, por meio da

linguagem e não unicamente da escrita. Assim, em concordância com Toledo & Bassols (2009), a memória se torna um elemento de grande importância na vida dos sujeitos detentores desses conhecimentos, e a arte da oralidade assume seu ponto central, permitindo a sua propagação e existência.

A memória da espécie humana permite revelar as relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza, sua base de sustentação e referencial de sua própria existência, ao longo da sua história (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS 2015, p. 18).

Por sua vez, o conhecimento tradicional se organiza e procede para categorizar e elucidar o mundo por intermédio da memória e de uma percepção inteira da realidade, sem deixar perder o que lhe é inato. Traçado por vivências e tradições, é considerado “local, diacrônico, sincrético, dinâmico e holístico (TOLEDO & BASSOLS, 2015, p. 92). Tais autores mencionam que esta sabedoria incorpora três vertentes: Kosmos (crenças), Corpus (conhecimento) e Praxis (práticas), conduzindo uma harmonia entre a satisfação material e espiritual.

Cabe salientar que os conhecimentos tradicionais se articulam por meio de distintas esferas. Conforme Little (2010), cada conjunto integrado do conhecimento tradicional está conectado a um povo ou grupo social exclusivo, se organizando em contextos históricos e biofísicos diferentes, reproduzindo métodos específicos e estabelecendo-se em tradições próprias.

Segundo Elisabetsky (2000), os estudos nas temáticas medicinal e ambiental são consideradas uma das esferas do conhecimento tradicional as quais têm manifestado maior relevância entre os setores das sociedades nacionais, sobretudo por possibilitar o esforço na procura por novos ativos genéticos para a formulação de medicamentos. Assim como, na elaboração de técnicas de manejo e a gestão ambiental de ecossistemas com práticas que favorecem um desenvolvimento sustentável (LOPES; SILVANO; BEGOSSI, 2010).

Dentro deste contexto, um dos objetos de estudos dos conhecimentos medicinal e ambiental é representado pelas plantas medicinais. Conforme Di Stasi (1996), plantas medicinais são espécies vegetais que possuem substâncias biologicamente ativas com propriedades terapêuticas. Vieira (2008) acrescenta que são todos os vegetais que oferecem efeito terapêutico para uma ou mais patologias, por meio de alguma parte da planta tecnicamente denominada bioativa.

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), as plantas medicinais são definidas como vegetais que possuem diferentes ações biológicas, com a capacidade de aliviar, curar e

prevenir enfermidades que acometem a saúde humana, sendo na maioria das vezes, empregadas em formas de chás e infusões (BRASIL, 2020). Silvestres ou cultivadas, as plantas medicinais englobam diferentes partes vegetais que podem ser utilizadas por suas propriedades de cura/tratamento como: folhas, talos, flores, frutos, sementes, cascas e raízes (OMS, 2003; ANVISA, 2005).

Sua utilização nas sociedades humanas retrata de longas datas, com registros há mais de 6000 anos, no Livro dos Vedas e há mais de 5000 anos atrás com receitas de remédios, usando em suas formulações diversas plantas pelos povos Sumérios (JAIN; MUGDAL, 1999; KELLY, 2009). Além disso, cita-se a composição da Farmacopeia escrita há mais de 2000 anos, pelos chineses (WIART, 2007).

Se destacam também escritas de conhecimentos sobre as plantas medicinais exercidos em anos antes de Cristo (a.C.) e depois de Cristo (d.C.) por Thephrastus de Eresos (371 a.C. – 287 a.C.) e por Pedanius Dioscorides (40 d.C. – 90 d.C.), este desfrutado até meados do século XVI como principal acesso sobre remédios (THOMAS, 1988).

Já no Brasil, conforme Lorenzi e Matos (2008), o conhecimento referente as plantas medicinais, acontece com a chegada do povo europeu em terras brasileiras, no século XVI, quando a diversidade de plantas medicinais conhecidas pelo povo indígena, se atrela aos conhecimentos pertencentes ao povo europeu e àqueles trazidos da África pelos escravos. Neste período de colonização, o Brasil passa a contar com uma ampla tradição do uso de plantas medicinais, e essa fusão de sabedorias dos povos, torna o país rico em sabedoria popular – etnoconhecimento (FONSECA, 2012).

Merecem destaque também, algumas das primordiais publicações brasileiras, tais como o livro “Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis”, considerado a primeira obra publicada sobre plantas medicinais no Brasil, redigida no ano de 1843. E a publicação “Farmacopeia Brasileira”, divulgada no ano de 1929 e descrita como uma compilação de pesquisas antigas.

Na história da humanidade o uso das plantas medicinais tem mostrado que além de fazer parte da evolução humana, estes vegetais foram utilizados pelos povos como um dos primeiros recursos terapêuticos, no tratamento, na profilaxia e na cura de doenças, representando um fator de grande importância para a manutenção das condições de saúde dos humanos (VANINI, 2010; JUNIOR, PINTO; MACIEL, 2005).

Se observa ainda, que parte dos humanos, de forma geral, conserva uma relação de conexão com estas plantas, adquirindo ao longo do tempo um amplo e harmônico saber,

buscando-as como componentes essenciais para o próprio favorecimento e bem-estar de sua espécie.

Para Almassy Junior et al. (2005), além disso, as plantas medicinais são consideradas uma forma saudável de utilização de medicamentos, além disso, o seu uso conduz a um estilo de desenvolvimento mais sustentável e ecológico (CABALLERO,1983), proporcionando através de seu cultivo um contato mais sensível e mútuo com a natureza. Em consonância, Ramos et al., (2016) destaca que as plantas medicinais compõem uma prática tradicional que busca como alternativa a cura de doenças e sintomas, promovendo, assim melhorias na qualidade de vida.

Gaia (2005), reforça que a utilização de plantas medicinais para fins terapêuticos, é uma prática milenar, historicamente construída no saber do senso comum, se estabelecendo principalmente dentro da cultura das comunidades tradicionais. Ainda, outro aspecto cultural do uso de plantas medicinais, é a sua relação ritualística, relatada no estudo de Mendes (2018), como as práticas de benzeduras, rezas e simpatias.

Percebemos, além das práticas terapêuticas, uma experiência empírica agregada ao uso das plantas medicinais. E, para Melo et al. (2007), essas experiências se transformam num conhecimento que vem sendo transmitido desde as antigas gerações, tornando a utilização de plantas medicinais uma prática generalizada da medicina popular.

Para Baptistel *et al.* (2014), as comunidades locais são as grandes contribuidoras desse processo, uma vez que possuem um amplo conhecimento sobre métodos alternativos usados para curar ou aliviar sintomas de doenças. Essas coletividades sociais definem as peculiaridades de sua região, uma vez que ao relacionar-se com os domínios paisagísticos onde estão inseridas, estabelecem alterações na estrutura de paisagens, passando assim, acumular com o passar dos anos um conjunto de conhecimentos, que tornam a projetar a sua identidade local (ALEXIADES, 1996; ALEXIADES & SHELDON, 1996).

No decorrer dos anos, as mudanças ocorridas nas décadas de 1980 e 1990, pelo modelo econômico, político e da saúde, permitiram com que o conhecimento tradicional, relacionado à algumas práticas de saúde, entre elas o uso de plantas medicinais para fins terapêuticos, fossem resgatadas, atuando de forma complementar ao exercício de saúde vigente (ALVIN et al., 2006). Como percebemos, as plantas medicinais, sempre tiveram grande importância na cultura humana, e hoje, seu uso é aprovado por meio da Política Nacional de Plantas Medicinais, regulamentada pelo Decreto n° 5.813, de junho de 22 de junho, do ano de 2006.

No presente, as plantas medicinais são frequentemente estudadas por disciplinas etnocientíficas, como a etnobotânica e etnoecologia. A etnobotânica é o ramo da ciência que resgata esse conhecimento adquirido pelas sociedades humanas, investigando as suas relações com as plantas em seus sistemas dinâmicos (ALCORN, 1995; HANAZAKI, 2004) visando a conservação e descobertas de novas espécies (ALBUQUERQUE, LUCENA & CUNHA, 2010). Segundo os autores, essa etnociência estuda a conexão direta entre os humanos e as plantas de seu convívio, bem como os pensamentos desenvolvidos por estes indivíduos em relação as plantas e a exploração que se faz dela. Além disso, a etnobotânica, opera de modo mais restrito, contemplando os saberes populares, especialmente, sobre as plantas alimentícias, medicinais, e até mesmo as utilizadas em construção (CARVALHO, 2003; ELISABETSKY, 2000).

São pesquisas que se constituem como uma ferramenta importante para a catalogação de informações úteis na conservação e valorização da cultura local (SOARES, et al., 2015; ROCHA, BOSCOLLO & FERNADES, 2015). No Brasil, destacamos a importância desses estudos, já que o país é detentor de uma das floras mais ricas do mundo, sem contar que o país é possuidor de uma grande diversidade cultural, composta pela miscigenação dos povos (SANTOS, 2009).

A etnoecologia, mais uma das disciplinas etnocientíficas, de acordo com Toledo & Bassols (2009), sobrevém para romper os padrões convencionais impostos, revelando que existem outras formas válidas e possíveis de se produzir conhecimentos. Conforme os mesmos, pode ser compreendida como o estudo dos conhecimentos tradicionais sobre as inter-relações com o meio ambiente.

Nessa perspectiva, os autores retomam a ideia de que tais conhecimentos baseiam-se na complexa relação mútua entre o sistema denominado “*Kosmos-corpus-praxis*” (k-c-p), valorizando assim, a troca de saberes sem categorizar a nível hierárquico o conhecimento. Para Freschi (2010), as abordagens etnoecológicas versam sobre as relações entre os homens, os espíritos e as espécies vegetais e animais.

Estudo relatado por Amorozo (2002), mostra que o uso de plantas medicinais se evidencia nas comunidades rurais, e isso se dá devido ao elevado saber que esses grupos possuem em relação a essas plantas, bem como, à sua disponibilidade de cultivo em hortas e quintais. Conforme Pasa (2004), o cultivo nos quintais é uma importante forma de conservação dos recursos vegetais e da riqueza cultural, fundamentada no saber e na cultura dos moradores locais. Ainda, para Menezes (2013), os quintais contribuem para a propagação

e preservação do conhecimento tradicional das plantas medicinais, uma vez que, entre vizinhos, famílias e demais coletividades, essa troca é relatada.

Conforme Posey (1987, p. 181), “a palavra quintal indica terrenos adjacentes às casas, onde são cultivadas, geralmente, plantas úteis ou decorativas”. Para Priore (2009) o quintal é tido como um espaço célebre da cultura feminina, ilustrado no empirismo, na oralidade e na memória. Por conseguinte, estes espaços, embora pequenos ao referimento de área, são considerados grandiosos em sua simbologia, além de manter uma grande diversidade de plantas, se tornam um território, marcado pela conservação e demonstração de saberes acumulados ao longo do tempo, perpassando gerações.

Em um levantamento etnobotânico de plantas medicinais em quintais, Liporacci & Simão (2013) relatam que a maioria dos moradores locais entrevistados, em sua maior parte, mulheres idosas recorrem as plantas de seus quintais para tratar e prevenir diversas enfermidades e males.

Para Batistti e colaboradores (2013), os resultados de sua pesquisa realizada no município de Palmeiras das Missões/RS, demonstrou-se uma grande diversidade de espécies vegetais utilizadas por moradores locais, como agentes curativos e como uma forma de integração e cuidado recíproco nas comunidades.

Inclusive, espécies apontadas pelo uso popular já tiveram suas atividades biológicas comprovada em testes *in vitro*, um exemplo que se pode citar é a *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br, de nome popular erva-cidreira, segundo estudos de Santos & Inecco (2004), Blank et al., (2015), uma das espécies brasileiras mais utilizadas como medicinal no Brasil. Lorenzi & Matos (2008) destacam, que remédios formulados a base de plantas medicinais, se bem preparados, são tão ativos quanto medicamentos farmacêuticos que possuem princípios ativos isolados.

As comunidades tradicionais quilombolas, também são grupos que ainda praticam o costume de seus descendentes, se destacando pelo uso e práticas de plantas medicinais. Confirmamos, no estudo de Silva e colaboradores (2019), realizado em três comunidades do Quilombo Amazônico a evidência de uma rica herança cultura local sobre os fazeres e saberes de plantas medicinais nessas comunidades. Ademais, as comunidades tradicionais indígenas também são detentoras desse saber. No estudo etnobotânico, realizado por Coutinho e colaboradores (2002), na Terra Indígena Araribóia, os mesmos relatam o vínculo mantido por estas comunidades na prática do uso remédios caseiros como forma de cura para muitas

doenças, sendo que a principal planta utilizada para as preparações são as de grande porte, nativas ou introduzidas.

Também, para o município de Maquiné/RS, encontramos o estudo de Souza et al. (2004), que buscou avaliar as propriedades antimicrobianas de tinturas. E o trabalho de Erice (2015), ambos realizados na Farmacinha Caseira Comunitária, visto que na última pesquisa, a autora destaca as mulheres como detentoras do conhecimento, citando as “Farmacinhas”, como espaços de transformação e de grande importância na vida diária deste grupo feminino.

Dentre as pesquisas que compõem a utilização de plantas medicinais, torna-se importante destacar que o conhecimento sobre as ervas caseiras está relacionado à cultura local, a fé e percepção da população, restringindo-se em sua maioria aos mais velhos (AZIZ et al., 2017).

Atenta-se que pesquisas referentes as plantas medicinais são frequentes na área de conhecimento da etnobotânica e são realizadas em diferentes localidades devido a sua grande importância na vida das populações locais e para fundamentação da ciência moderna. Segundo Araújo (2009), as pesquisas de levantamento etnobotânico, são relevantes instrumentos de registro e documentação dos usos empíricos de plantas medicinais, produzindo conhecimento em benefício ao desenvolvimento de novos medicamentos, à conservação de espécies e da biodiversidade, bem como, para a valorização do saber e da cultura local.

Não obstante, Jain & Borthakur (1980), evidenciam que os saberes sobre as plantas medicinais estão articulados com aspectos da linguagem, da religião e da cultura, e dessa maneira, passam a ser declarados como valorosos para tais comunidades.

De tal modo, a partir das leituras realizadas, pode-se dizer que a utilização de plantas medicinais, compõe uma história influenciada pelo empirismo, caracterizando-se por práticas culturais, religiosas e terapêuticas que perpassam gerações e que ainda vem se mostrando corrente em determinados grupos sociais e principalmente em algumas comunidades tradicionais, tais como: os agricultores familiares, quilombolas e indígenas, entre outras, perpetuando memórias e contribuindo para a valorização da cultura e da biodiversidade local, bem como servindo de estímulo à conservação do meio ambiente e autogestão dos recursos naturais. O uso das plantas medicinais perpetua-se pelas memórias e contribuem para a valorização da cultura e da biodiversidade local, bem como servem de estímulo à conservação do meio ambiente e autogestão dos recursos naturais.

3.1 AS PLANTAS ENCONTRADAS: CONHECIMENTO E USOS

Esta seção do capítulo versa sobre as plantas medicinais mais utilizadas por D. Tereza, seus devidos preparos (receitas) e suas aplicações. Aqui relembro-me dos depoimentos manifestos, por essa senhora de uma memória admirável, que em conjunto com suas atividades diárias, me serviram de auxílio para inventariar as ervas medicinais usadas, bem como revelar suas experiências e saberes em relação ao uso das mesmas.

A Vó Tereza demonstrava conhecimento único em relação as plantas medicinais, conhecia e fazia uso de muitas ervas, mas acima de tudo demonstrava possuir fé em Deus. Dizia ela, que essa confiança conduzia a uma plenitude do Divino Espírito Santo, que a enchia de fortaleza e esperança.

Na maioria das vezes, ao chegarmos em sua casa minha avó estava no quintal, cultivando e cuidando das plantas. Recordo-me que ela me apresentava cada uma das plantas, nomeando-as e salientando a sua utilidade medicinal. Durante o diálogo, Tereza originava memórias, lembrando pessoas que recorriam a ela, em busca de seus remédios caseiros. Ela recordava, com aspecto de felicidade! Sempre dizia, que gostava de ensinar o que sabia a todos que a procuravam, pois com esta partilha, não haveria de se empalidecer o conhecimento a respeito das ervas, além disso classificava como importante o fornecimento e o intercâmbio de mudas entre os vizinhos, uma vez que, servia de estímulo à conservação de espécies.

Minha avó cultivava suas próprias ervas medicinais e com seu olhar conhecedor, distinguia cada uma das plantas presentes em seu quintal. Dessa forma, a fim de aproximarmos deste acervo de conhecimento, as principais espécies com potencial medicinal, utilizadas por minha avó, podem ser observadas na Tabela 1, na qual amostra a identificação de 27 plantas registradas, com alguns dados botânicos e doutras informações recomendadas por D. Tereza. Logo após a tabela, apresento fotografias das plantas medicinais identificadas e cultivadas por minha mãe, bem como, representação das ervas medicinais em aquarela.

Tabela 1 - Espécies com potencial medicinal e suas características, usadas por Tereza.

ETNOESPÉCIE	FAMÍLIA/ESPÉCIE	HÁBITO	ORIGEM	PARTES	FORMA DE PREPARO	INDICAÇÃO
Abacateiro	Lauraceae / <i>Persea americana</i> Mill.	Árvore	Exótica	Folhas Semente (caroço)	- Infusão das folhas; - Caroço ralado imerso no álcool, com a cânfora por 15 dias.	Diurético; afecções hepáticas; compressas do extrato da semente para dores nas articulações.
Agrião	Brassicaceae / <i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	Herbácea	Exótica	Toda a planta	-Saladas; - Sucos; - Suas folhas na adição de garrafada caseira.	Limpa as vias urinárias; estimulante e tônica dos órgãos digestivos; anemia.
Alecrim	Lamiaceae / <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Subarbusto	Exótica	Folhas; Sumidades florais	- Infusão	Dores de cabeça de origem tensional; fadiga; esgotamento; problemas digestivos.
Babosa	Asphodelaceae / <i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Herbácea	Exótica	Folhas	- Gel extraído da folha	Cicatrizante em casos de queimaduras e ferimentos da pele.
Bardana	Asteraceae / <i>Arctium lappa</i> L.	Subarbusto	Exótica	Folhas e raízes	- Infusão; - Decocção; - Cataplasma das folhas.	Depurativa; o cataplasma para furúnculos; dor e inflamação local.
Camomila	Asteraceae / <i>Matricaria recutita</i> L.	Herbácea	Exótica	Inflorescências	- Infusão; - Banhos de assento; - Compressas.	Cólicas infantis, abdominais, menstruais, pós-parto; como calmante; doenças da pele, alergias, hemorroidas; assaduras.
Cana-cidreira	Poaceae / <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Gramínea herbácea	Exótica	Folhas	- Infusão	Nervosismo; ansiedade; insônia; gases; relaxante muscular; cólicas em geral.
Catinga-de-mulata	Asteraceae / <i>Tanacetum vulgare</i> L.	Subarbusto	Exótica	Folhas	- Banhos de assento; - Associado com outras ervas.	É usada na garrafada caseira com outras ervas, para náuseas e estimular o apetite.
Confrei	Boraginaceae / <i>Symphytum officinale</i> L.	Subarbusto	Exótica	Folhas e raízes	- Cataplasma; - Associado com outras ervas é feito a pomada.	Cicatrizante de feridas, queimaduras e outros ferimentos de pele.
Couve	Brassicaceae / <i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>acephala</i>	Herbácea	Exótica	Folhas	-Saladas; - Sucos; - Associado com outras ervas.	Bom para intestino preso e vesícula. Usa-se em garrafada caseira com outras ervas, contra a anemia.

continua...

ETNOESPÉCIE	FAMÍLIA/ESPÉCIE	HÁBITO	ORIGEM	PARTES	FORMA DE PREPARO	INDICAÇÃO
Dente-de-leão	Asteraceae / <i>Taraxacum officinale</i> F.H. Wigg.	Herbácea	Exótica	Folhas e raízes	- Infusão; - Decocção; - Saladas.	Rica em vitaminas e minerais; é usada juntamente com outras ervas em garrafadas para anemia e para o fígado.
Erva-de-bugre	Salicaceae / <i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Árvore	Nativa	Folhas	- Infusão	Para problemas de má circulação e colesterol alto.
Espinafre	Aizoaceae / <i>Tetragonia tetragonoides</i> (Pall.) Kuntze	Herbácea	Exótica	Folhas e brotos	- Saladas; - Em garrafada caseira.	Rico em vitaminas e minerais, é um excelente aliado no tratamento para anemia.
Espinheira-santa	Celastraceae / <i>Maytenus illicifolia</i> Mart. ex Reissek.	Árvore	Nativa	Folhas	- Decocção	Para males do sistema digestório, como azia, gastrite e úlceras.
Funcho	Apiaceae / <i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Herbácea	Exótica	Toda a planta	- Infusão	Auxilia nos casos de flatulência
Fel-da-terra	Gentianaceae / <i>Centaurium erythraea</i> Rafn.	Herbácea	Exótica	Folhas	- Infusão	Para males do fígado e como depurativo (limpa e purifica o organismo)
Guaco	Asteraceae / <i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Trepadeira sublenhosa	Nativa	Folhas	- Infusão; - É usado também em preparo de garrafada caseira.	Auxilia na expectoração; gripes; tônico e estimulante do apetite.
Hortelã	Lamiaceae / <i>Mentha piperita</i> var. <i>citrata</i> (Ehrh) Briq.	Herbácea	Exótica	Folhas	- Infusão	Para sintomas gripais; dores de cabeça; insônia; fadiga; cólicas e má digestão.
Malva	Malvaceae / <i>Malva sylvestris</i> L.	Herbácea	Exótica	Toda a planta	- Infusão; - Compressas; - Bochechos; - Pomada.	Para inflamações das vias digestivas, boca, garganta, gengiva, hemorroidas; Inflamações dos olhos e ouvidos, inflamação da bexiga, para tratar feridas, furúnculos e dor de dente.
Marcela	Asteraceae / <i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Herbácea	Nativa	Flores secas	- Infusão	Má digestão; diarreia; dores de cabeça; menstruação dolorosa; cólicas abdominais e estomacais; inflamações na vesícula.

continua...

ETNOESPÉCIE	FAMÍLIA/ESPÉCIE	HÁBITO	ORIGEM	PARTES	FORMA DE PREPARO	INDICAÇÃO
Pariparoba	Piperaceae / <i>Piper umbellatum</i> L.	Subarbusto	Nativa	Folhas	- Infusão; - Cataplasma.	Como diurética ; para pressão alta; A cataplasma de suas folhas são utilizadas, para furúnculos, feridas e queimaduras leves.
Parreira	Vitaceae / <i>Vitis vinifera</i> L.	Arbusto	Exótica	Folhas	- Infusão	Reposição hormonal e efeitos indesejados da menopausa.
Poejo	Lamiaceae / <i>Mentha pulegium</i> L.	Herbácea	Exótica	Partes aéreas	- Infusão	Para tosse, resfriados, gripes (problemas respiratórios); dores de barriga em crianças.
Picão-preto	Asteraceae / <i>Bidens pilosa</i> L.	Herbácea	Exótica (naturalizada)	Partes aéreas	- Infusão; - Usado também em preparo de garrafada caseira, associado com outras ervas.	Hepatite; Doenças do fígado.
Sálvia	Lamiaceae / <i>Salvia officinalis</i> L.	Herbácea	Exótica	Toda a planta	- Infusão; - Bochechos; - Inalação da fumaça da sálvia.	Indigestão; Cólicas menstruais; Infecções na boca e garganta; Enxaqueca; Ansiedade; problemas de bronquite e asma.
Salsa	Apiaceae / <i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss.	Herbácea	Exótica	Raiz	- Infusão; - Cataplasma; - Associada com outras ervas em preparo de garrafada caseira.	Retenção de urina; Males da bexiga; Anemia; Abscessos e furúnculos.
Urtigão-do-mato	Urticaceae / <i>Urtica baccifera</i> (L.) Gaudich.ex Wedd.	Subarbusto	Nativa	Caule, raízes e folhas	- Na preparação de garrafada caseira; - Infusão; - Decocção.	Rica em vitaminas e sais minerais, auxilia no tratamento para anemia; Diabetes; Anti-inflamatória.

Legenda: **Nativa**: natural de um determinado ecossistema ou região; **Exótica**: organismo encontrado fora da sua área de ocorrência natural; **Naturalizada**: organismo não nativo, com grande capacidade adaptativa, criando populações sem intervenção humana. **Herbácea**: de consistência tenra; **Arbusto**: planta lenhosa, de até seis metros de altura, cujo caule emite ramificações próximas ao solo; **Subarbusto**: menor que o arbusto, cujos ramos mais altos morrem a cada período de crescimento. **Árvore**: planta lenhosa, geralmente de grande porte e com copa definida, de caule ereto, emite ramificações distantes do solo.

Indivíduo jovem de Abacateiro (*Persea americana* Mill.)



Agrião (*Nasturtium officinale* R.Br.)



Alecrim (*Rosmarinus officinalis*)



Cristiano Pelisser

Babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. f.)



Bardana (*Arctium lappa* L.)



Camomila (*Matricaria recutita* L.)



Cama-cidreira (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.)



Catinga de mulata (*Tanacetum vulgare* L.)



Confrei (*Symphytum officinale*) L.



Couve (*Brassica oleracea* L. var. *acephala*)



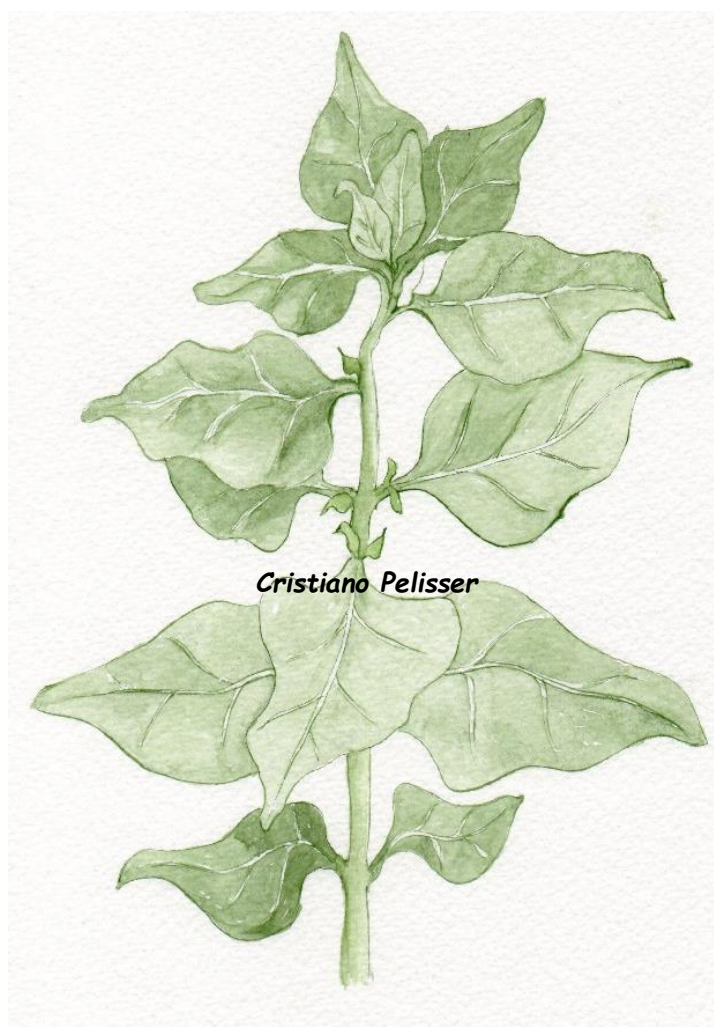
Dente-de-leão (*Taraxacum officinale* F.H. Wigg.)



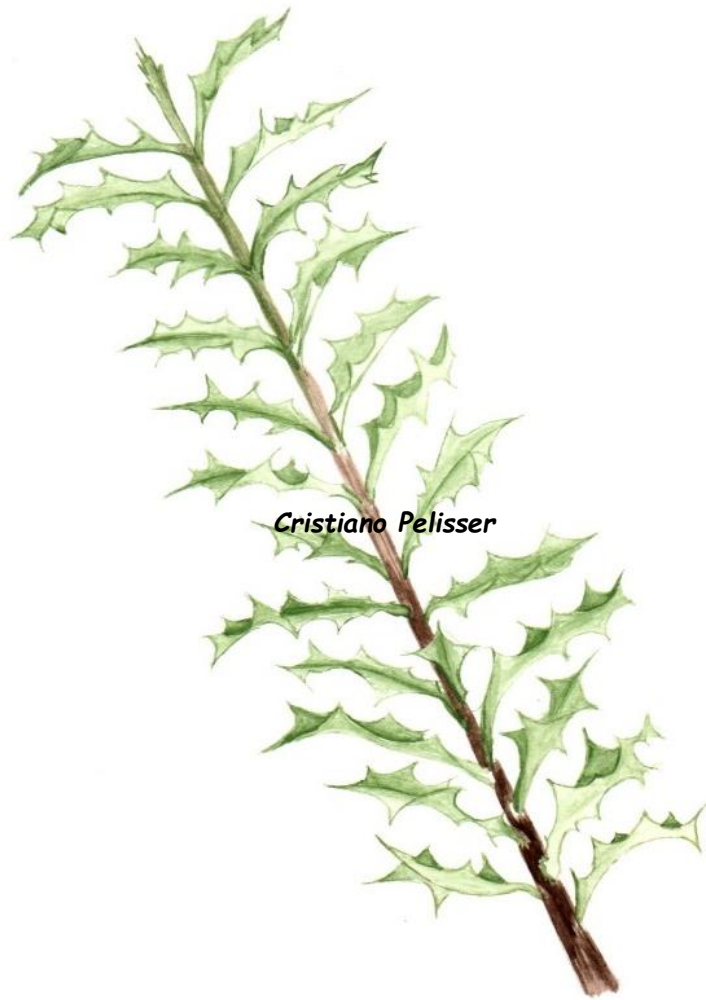
Erva-de-bugre (*Casearia sylvestris* Sw.)



Espinafre (*Tetragonia tetragonoides* (Pall.) Kuntze)



Espineira-santa (*Maytenus Ilicifolia* Mart. ex Reissek.)



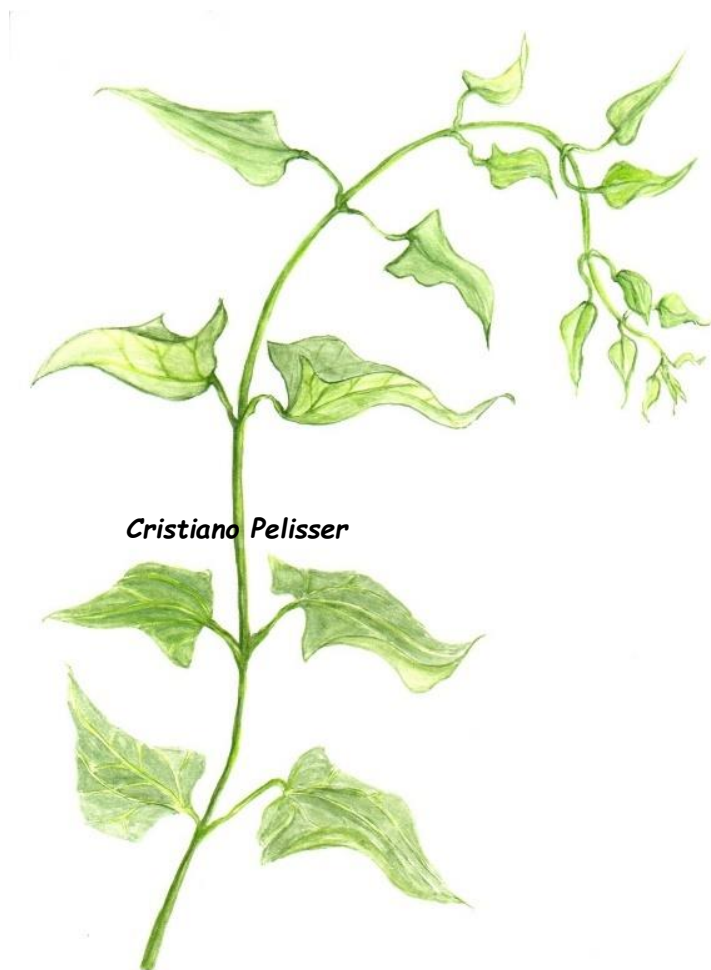
Fel-da-terra (*Centarium erythraea* Rafn.)



Funcho (*Foeniculum vulgare* Mill.)



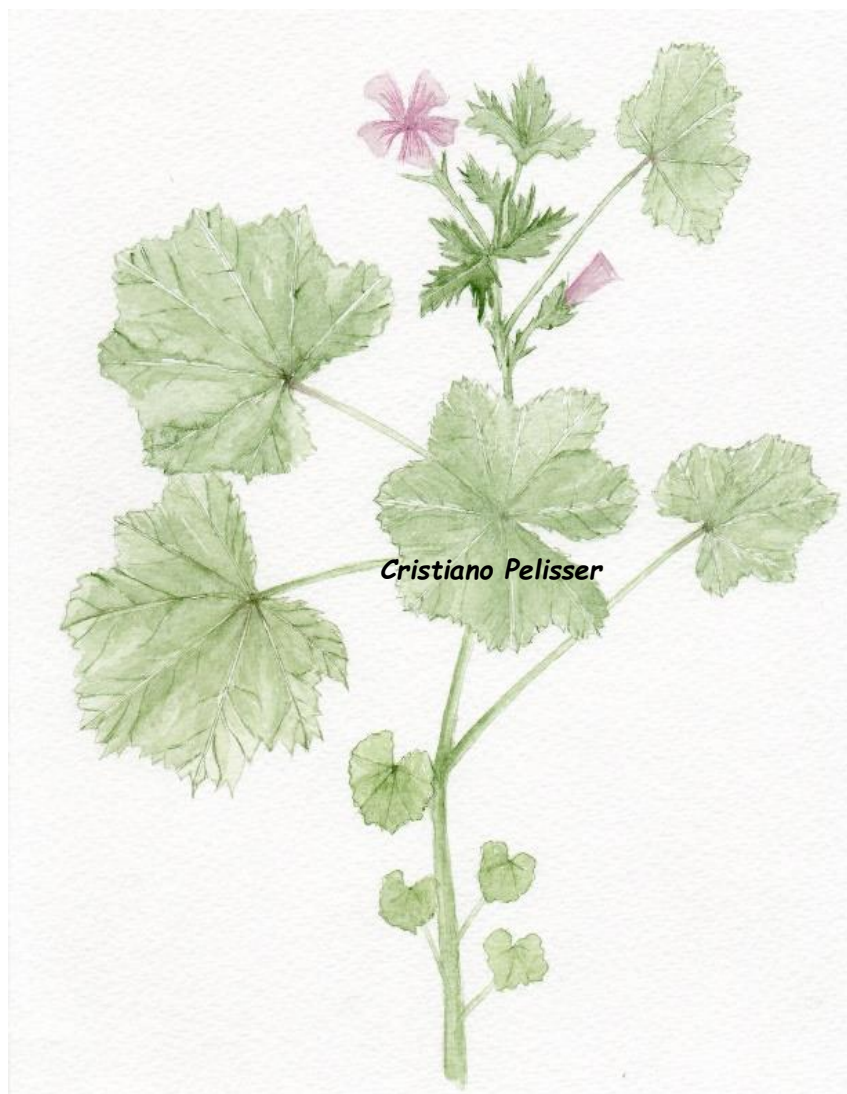
Guaco (*Mikania glomerata* Spreng.)



Hortelã (Mentha piperita var. citrata (Ehrh) Briq.)



Malva (*Malva sylvestris*) L.



Marcela (*Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.)

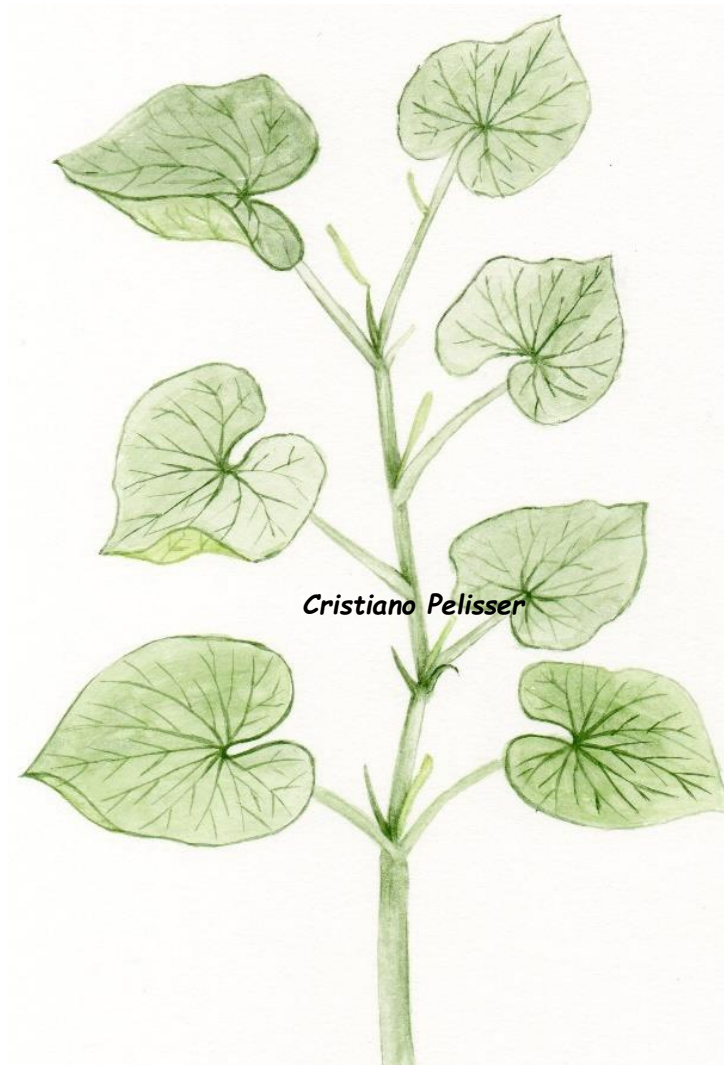


Cristiano Pelisser

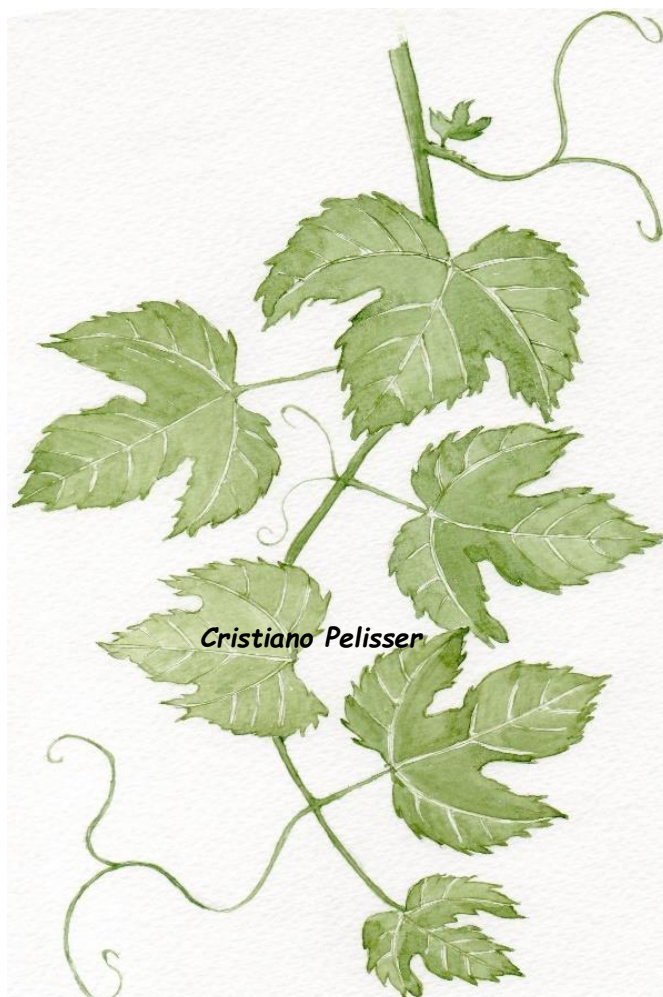


Cristiano Pelisser

Pariparoba (*Piper umbellatum* L.)



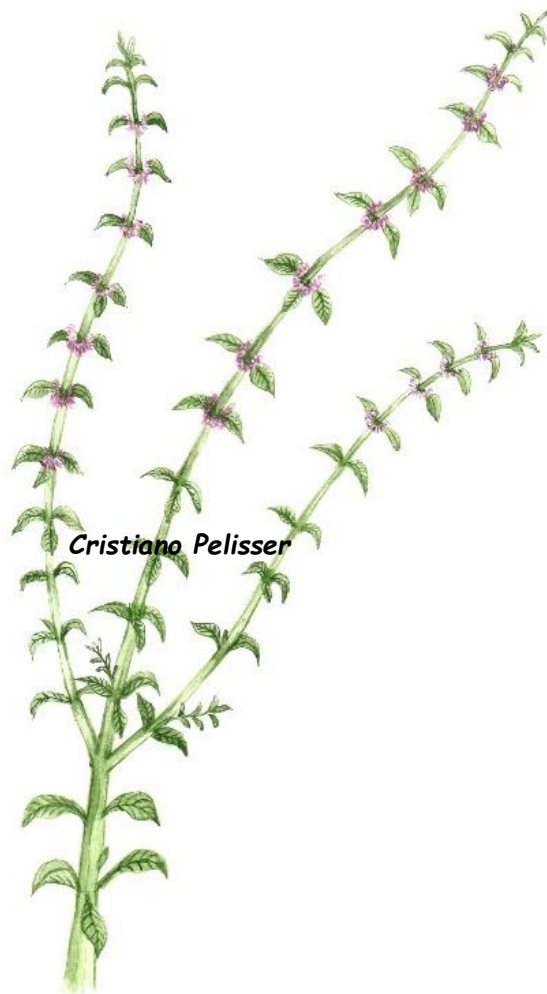
Parreira (*Vitis vinifera* L.)



Picão (*Bidens pilosa*) L.



Poejo (*Mentha pulegium* L.)



Cristiano Pelisser

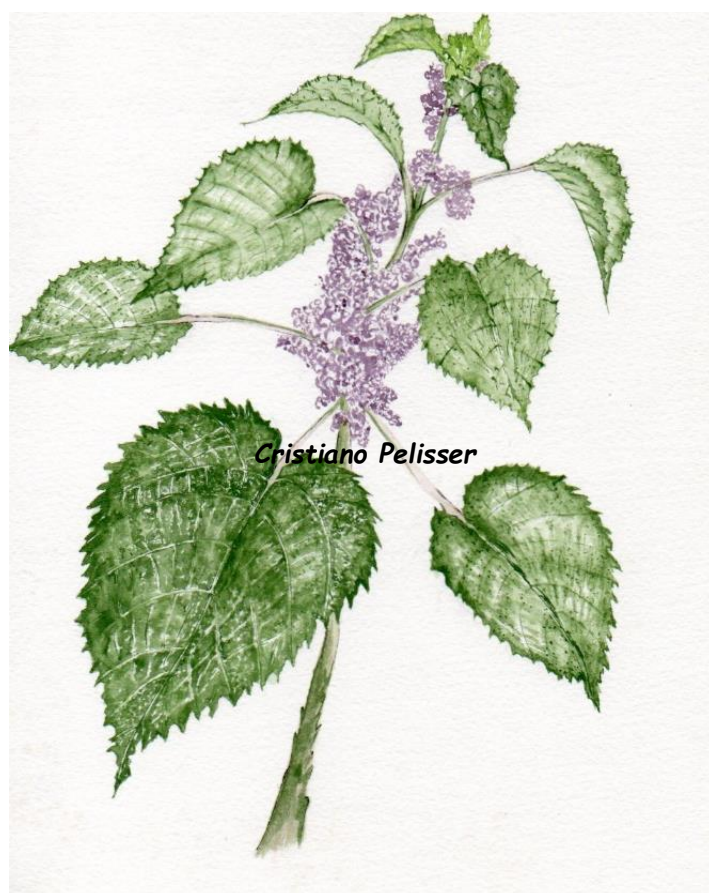
Salsa (*Petroselinum crispum* (Mill.) Fuss.)



Sálvia (*Salvia officinalis*) L.



Urtigão (*Urtica baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd.)



Na Tabela observamos uma listagem de 27 etnoespécies, utilizadas e cultivadas por minha avó. A maioria era de fácil acesso, pois a encontrava em seu quintal. No entanto, espécies como o urtigão-do-mato, erva-de-bugre, pariparoba e fel-da-terra, pata de vaca, goiabeira, sete sangrias, minha avó, coletava na mata, em locais específicos de sua ocorrência, realizando um manejo sustentável das espécies e ao mesmo tempo favorecendo a conservação dos recursos naturais. Dizia ela que deveríamos respeitar o período para retirada, permitindo assim, que a planta se restabeleça.

As demais, que cultivava no seu quintal, possuía o hábito de selecionar as mais vigorosas, transplantar e produzir novas mudas, para que assim, na hora da coleta as ervas estivessem sempre com o aspecto sadio. Ela dizia que determinadas plantas vão enfraquecendo e até a regeneração, para viver seu novo ciclo de vida, é importante que as plantas sejam substituídas para manter uma boa produtividade e qualidade.

Cabe destacar que autores como Toledo & Bassols (2008), percebem o ciclo de vida das plantas como um fator importante para o produtor rural que as cultiva, uma vez que, estes por meio do conhecimento sobre o manejo dos elementos geográficos, biológicos e genético, e dos processos ecológicos, como ciclos de vida e sucessão ecológica, realizam um trabalho de manutenção, favorecendo a subsistência da espécie.

Acerca do horário de coleta das plantas, preferencialmente para o preparo de garrafadas ou outros remédios, minha avó argumentava que deveria ser realizada preferencialmente em períodos em que os raios solares não estavam tão intensos sobre a planta, isto é, ao amanhecer. Caso contrário, ela dizia, que o final da tarde, após as 17 horas, também seria possível realizar a coleta, já que a irradiação solar neste período é menor e assim, não corre o risco de a planta murchar e perder suas propriedades medicinais.

Como observamos, Dona Tereza demonstrava entender sobre o funcionamento das plantas, ao mencionar que a radiação emitida pelo sol, compromete a sua funcionalidade terapêutica, ou até mesmo a sua sobrevivência. Consolidando a narração de Tereza, Amorozo & Gély (1988) sustentam que condições do ambiente, como clima e horário de coleta alteram as concentrações de determinados constituintes químicos presentes nas plantas medicinais.

Minha avó destacava que apenas as plantas saudáveis deveriam ser utilizadas para a produção de remédios e que folhas pretas e mofadas deveriam ser descartadas, pois falta de cuidados com a higiene e com a sua correta manipulação poderia contaminar a preparação. Portanto, tão só colhia plantas que ela mesma cultivava em seu quintal e horta ou na mata,

próximo a sua casa. Na oportunidade recomendava para que nunca se colhesse plantas à beira de estradas, devido a poeira ou outros contaminantes externos.

Segundo ela, a forma de secagem e armazenagem das ervas, constituía um fator necessário para sua conservação. Sempre ensinava, que após a colheita das ervas, estas deveriam ser colocadas para secar em lugar limpo e ventilado, na sombra, suspensas ou sobre uma mesa, com ar corrente. Já para conservar as ervas por mais tempo, depois de secá-las, Dona Tereza aconselhava armazenar em vidros rotulados e bem fechados, de tal modo a não penetrar umidade. Consequentemente Lorenzi & Matos (2008), completam que o plantio, a coleta, a secagem, o armazenamento e a preparação de remédios, é deveras importante para que suas qualidades medicinais não se percam. Nas figuras 3 e 4, observamos alguns métodos de manipulação de ervas medicinais.

Figura 3 - Secagem das Ervas



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Figura 4 - Garrafada Caseira



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

As práticas tradicionais de minha avó, também instruíam a respeito do cultivo em relação às fases lunares, por conseguinte, conforme a Lua predominante determinava-se a época para plantio e colheita de plantas, controle natural de agentes patogênicos e daninhas, bem como, para manutenção das plantas. Considerava que especialmente a fase da Lua nova era propícia ao plantio de espécies medicinais, e uma boa aliada no manejo de daninhas e demais pragas. Salientava que a Lua crescente favorecia o plantio. A Lua cheia era boa para realizar a colheita e fazer o semeio. Já, na Lua minguante, dizia ela ser um bom momento para podar. Observava as luas e detalhava: “Lua crescente – para as folhas; Lua minguante – para raízes, ou seja, tudo aquilo que cresce imerso na terra; Lua cheia – para cabeças e Lua nova – para tudo aquilo que deve florescer”.

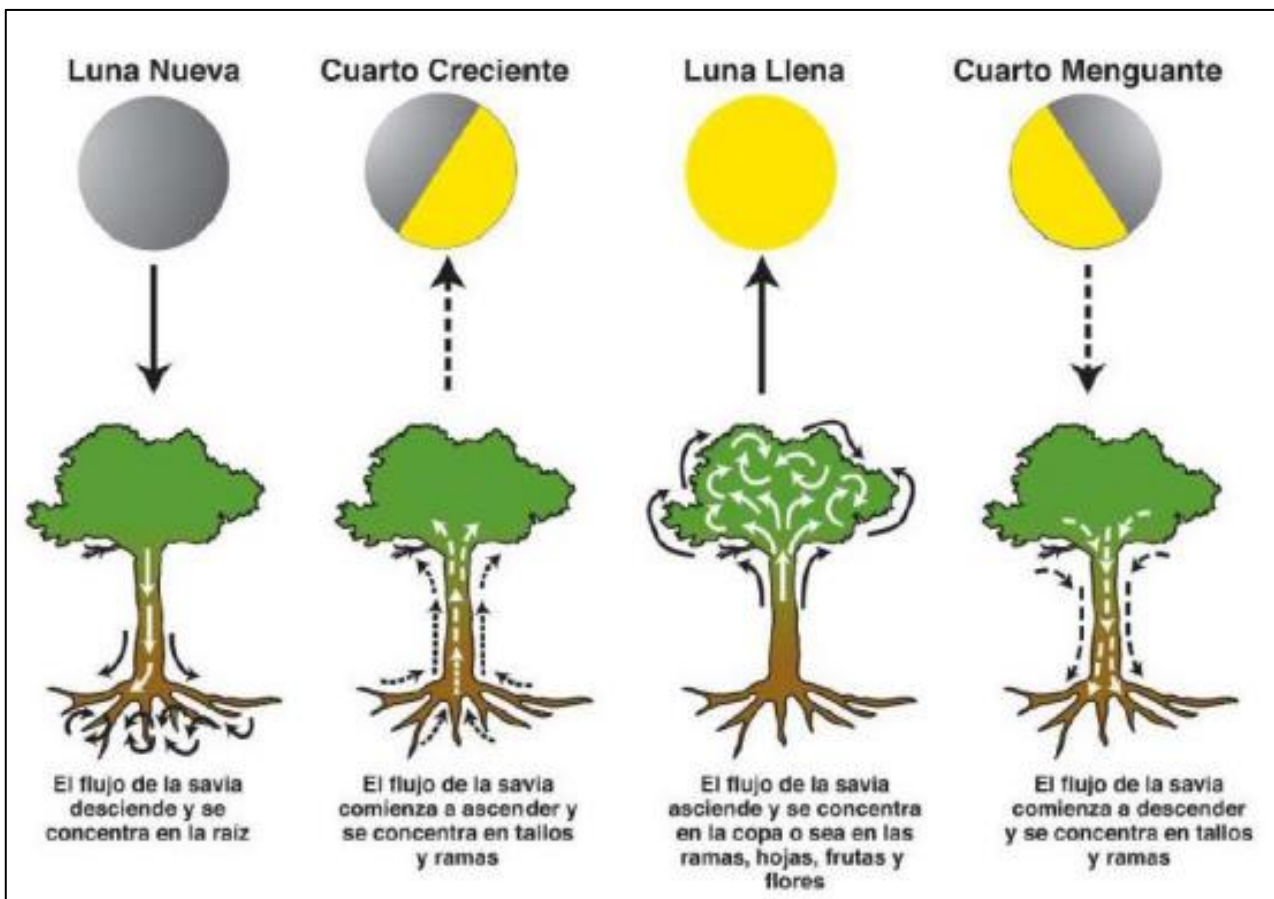
Desde a antiguidade, os povos observavam a natureza, as estações do ano e os ciclos da Lua, para orientar a agricultura, assim, semeavam, plantavam e coletavam seus alimentos em épocas pré-determinadas.

De acordo, com Toledo & Bassols (2008), assuntos como épocas do ano ou fases lunares estão precisamente conexos ao cultivo de plantas. Os autores ainda realçam que para efetivação dos processos produtivos, é relevante que os produtores rurais portem conhecimento em relação as diferentes dinâmicas da natureza, dentre elas os ciclos lunares.

Na obra “*La luna: el sol nocturno en los trópicos y su influencia en la agricultura*”, Rivera (2005), debate sobre ação que a seiva (líquido nutritivo no interior do vegetal) da planta suporta pelos fatores da luminosidade e atração gravitacional acendida pela Lua, referindo o período entre a lua crescente e a lua cheia, como o de maior intensidade lunar e consequente como o momento de maior intensificação da fotossíntese das plantas.

Na figura 5, em esquema detalhado podemos observar as fases da Lua e sua influência sobre as plantas. Além disso, o autor reforça a importância de resgatar pesquisas deste cunho, como uma forma de contribuir para a manutenção e preservação do conhecimento histórico da Agroecologia.

Figura 5 - Fases lunares e a dinâmica de seiva nas plantas



Fonte: RIVERA (2005, p.79).

Embora portando a bagagem do conhecimento (corpus) e da prática (praxis), em relação ao uso e cultivo de plantas medicinais, minha avó se nutria pela permanência de suas crenças (kosmos).

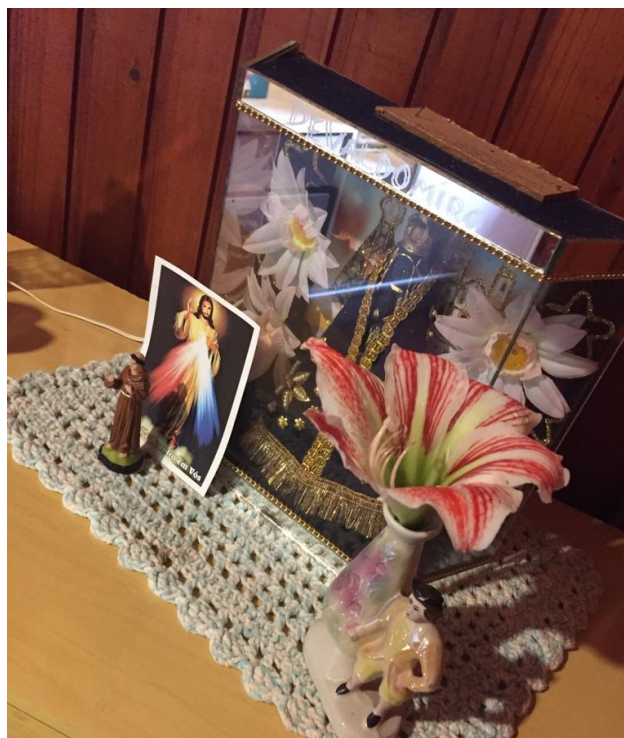
Ao chegarmos em seu jardim, a imagem da Sagrada Família que fora abençoada por um Padre, rodeada de flores se tornava visível (Fig. 6). Relembro-me que algumas pessoas, que chegavam em sua casa, ao transpor pela réplica, na maioria das vezes, traçavam sobre si, o sinal da Santa Cruz. Ao entrar em sua casa, essa de estrutura assentada em madeira, na sala observávamos um quadro fixo à parede, com a imagem de Jesus carregando a Cruz e outro com a imagem do Sagrado Coração de Jesus e Maria. No seu quarto, a imagem de alguns santos (Fig. 7), como São Bento, Santa Rita de Cássia, Santa Tereza, Nossa Senhora Aparecida e um Crucifixo pequeno em madeira que ficava sobre a cômoda, havia também muitos terços, escapulários e livros de orações, pois minha avó possuía o hábito de doar com devoção a quem lhe pedia. Ao lado guardava seus materiais de leitura referente as ervas medicinais, bem como, algumas de suas receitas descritas à mão. Nesse recinto, minha avó possuía a tradição de acender uma chama e num suporte com água, assentava uma flor quase que diariamente em forma de agradecimento.

Figura 6- Gruta da Sagrada Família



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Figura 7 - Local de devoção



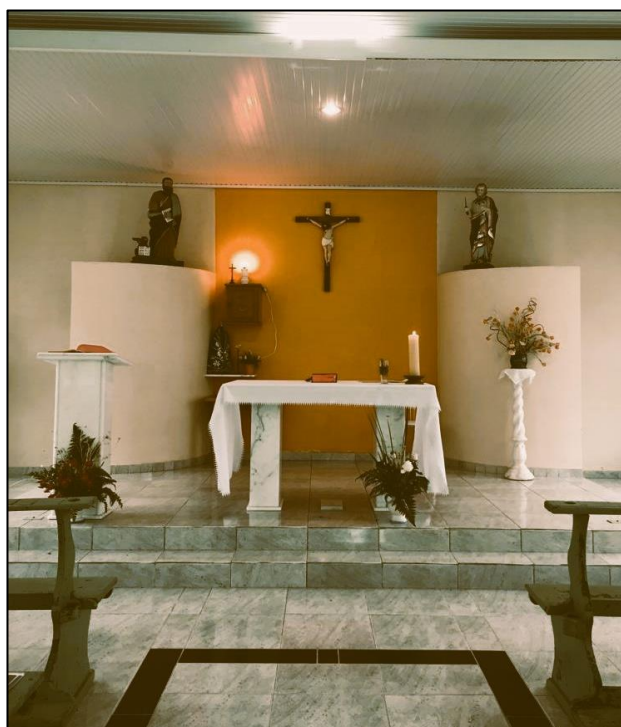
Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Vó Tereza, se preparava constantemente no silêncio de suas orações. Vivenciava em suas atitudes e obras a prática espiritual da penitência que dizia ela ser uma oferta voluntária de renunciar algo que desejamos, em favor de uma aproximação maior de Deus e amor ao próximo. Minha avó rezava por muitas pessoas e quando pedíamos orações, ela registrava em seu caderno o nome para quem carecia orar. Sempre me senti segura ao seu lado e suas palavras me sustentavam de esperança e fortaleza para continuar florescendo.

Tereza visitava frequentemente o Santíssimo na Igreja São Marcos, que fica na Pedra de Amolar, em sua comunidade, bem próxima a sua casa e comumente sem nenhuma companhia minha avó se locomovia de bicicleta. Porém, quando sua idade se tornou mais avançada, aos 78 anos aproximadamente, ela preferencialmente solicitava minha companhia até a capela, também nas casas dos enfermos, os quais recebiam a Santa Comunhão.

Em suas visitas ao Sacrário, vó Tereza sempre sentia muita emoção, rememoro ainda que algumas lágrimas, acompanhadas de um sorriso fluíam de seus olhos e ao dobrar os joelhos na presença de Jesus, na derradeira de seu silêncio adorador, ela agradecia pronunciando a oração da Salve Rainha e finalizava, dizendo que sentia enorme alegria toda vez que se encontrava na casa do Senhor. As Figuras 8 e 9, representam a atual Igreja de São Marcos, localizada na Linha Pedra de Amolar.

Figura 8 - Altar da Igreja São Marcos



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Figura 9 - Igreja São Marcos, vista externa



Fonte: Amanda Pelisser (2020).

Espiritualidade, fé e divindade versavam três sentimentos bastante presentes nos conhecimentos expressos diariamente por minha avó. Ela demonstrava possuir muita fé em Deus, fé nas ervas que cultivava e fé em seu dom de produzir remédios caseiros à base de plantas. Me recordo que durante o preparo das suas garrafadas, Tereza pronunciava suas orações, lançando o sinal da Cruz e abençoando àquele remédio, invocando o nome santo de Jesus.

Pargament (2007, p. 32), refere à espiritualidade como “busca do sagrado”. Para Lopes (2009, p. 1), sagrado é definido como “elemento essencial à compreensão da construção da identidade do homem religioso, sendo que a sua presença demarcada no discurso se circunscreve na história e na sociedade”.

Conforme Silva (2018), a crença em determinada divindade ou algo transcendente é um aspecto comum observado em pesquisas de cunho etnoecológico. Segundo Demetrio (2016), crenças e fé simbolizam os ritos de um povo, sendo por intermédio da fé em Deus, que a crença é reforçada em algo que não se pode ver, nem tocar, mas pressentir. Na fé as crenças se fortalecem avivando as tradições passadas, no desejo de perpetuar os costumes dos antepassados. Assim, envolta de misticismo e coberta de uma sublime certeza divina que minha avó prosseguia, com o terço na mão e com o coração repleto de um sentimento de fazer o bem ao próximo.

4 DEPOENTES: UM LUGAR DE LEMBRANÇAS E ENCONTRO COM A HISTÓRIA ORAL

O que a memória ama fica eterno.

(Adélia Prado, 2007).

Para Meihy (2000, p. 25), história oral “é sempre uma história do tempo presente, também reconhecida como história viva, atestando sua capacidade de manter algo em estado atual”. Dentro deste contexto, cabe destacar que a oralidade se apresenta como uma característica marcante durante a coleta de dados.

Ecléa Bosi (1994) aborda que as lembranças são construídas coletivamente e se trata de uma memória individual que existe pela memória coletiva, de certo modo, ela é lembrada a partir de um grupo. Dessa forma, entre encontros e reencontros, por meio dos depoimentos de um grupo de pessoas entrevistadas, compreenderemos um pouco mais sobre as marcas deixadas por minha avó Tereza. Assim, ao rememorar o passado em um tempo presente, os entrevistados transformam vivências em memórias, algo que não pode ser esquecido por eles.

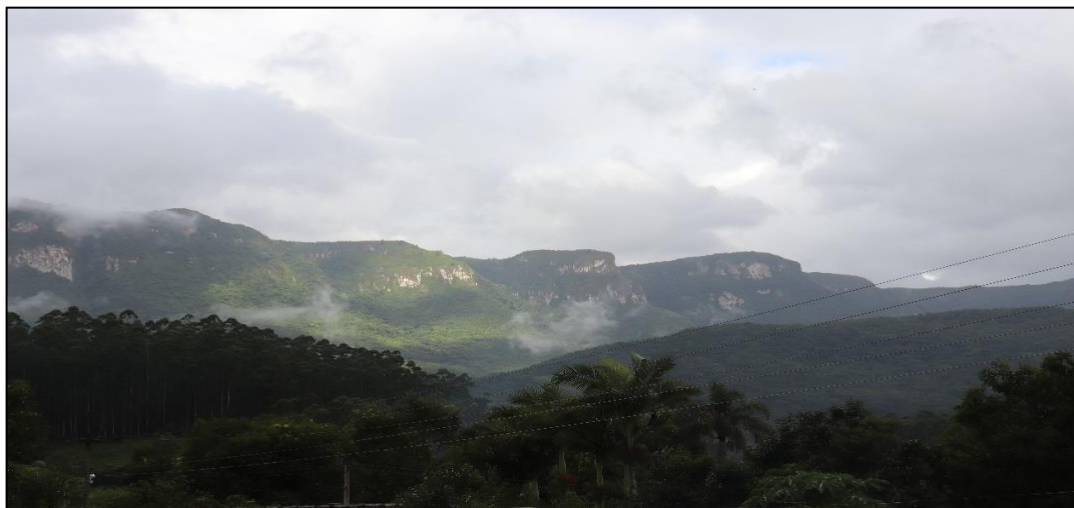
A cada encontro e entrevista realizada se pode perceber o quanto relembrar o pretérito e as experiências vividas se torna esclarecedor para a compreensão do passado.

Vale ressaltar que os entrevistados foram esclarecidos quanto a metodologia e o objetivo da pesquisa, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo B).

4.1 ACHADOS DE CAMPO

Numa tarde abrumada do mês de novembro, do ano de 2021, iniciei a minha caminhada com as primeiras entrevistas. Garoava lá fora e a temperatura estava amena, uma leve neblina cobria os fundos do Vale, formando uma paisagem de aspecto atenuado que se mesclava ao verde da mata, assemelhando-se a uma pintura de traços aquareláveis. A paisagem registrada se passava na Pedra de Amolar, poucos quilômetros de distância da morada da minha avó (Fig. 10).

Figura 10 - Paisagem do Vale, vista da casa da Suzana e Gilberto



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Minha mãe e eu chegamos na primeira casa e Suzana veio nos receber repleta de carinho e aconchego. Depois de um pouco de diálogo chegou seu Gilberto, já sorrindo e brincalhão pela nossa presença. Em seguida esclareci o motivo de minha visita, razão que os deixou repletos de um sentimento de gratidão e alegria visível em seu semblante. Ao iniciar a entrevista, seu Gilberto muito empolgado preferiu pronunciar primeiro.

“Eu levava picão pra Dona Tereza e um monte de plantas. Vinho puro, mais puro mesmo, que ela fazia um fortificante que levantou muita gente. Ela fazia pra um monte de gente, principalmente pra mulher pós-parto. Ela trabalhou muito, tava sempre funcionando. Mas ela tá junto, sempre junto de nós. Lembro que ela dizia que tinha que cultivar as ervas no seu próprio canteiro. Porque hoje se tu vai arrancar tem que saber de onde, tem que cuidar porque é só veneno”.

Em uma das suas falas, Seu Gilberto também recorda de alguns hábitos e tradições manifestos por minha avó:

“Era uma Sexta-Feira Santa bem cedo e Dona Tereza tava indo colher marcela, lá praqueles cantos perto da Igreja. Disse ela que tem que ter uma gota de sereno, porque senão não tem a benção de Deus. Quando a gente tem o ouro na mão, às vezes não dá o devido valor, por isso, não adianta tu vais ser a vocação que tem...Coisa bonita o que tu tá fazendo hoje”.

Em meio ao diálogo, Gilberto relembra de meu falecido avô Luis e destaca:

“Teu avô era muito companheiro e brincalhão igual eu (risos). Mas sua bondade era demais, um coração grande. Se tu é uma menina que tem bondade, não é só da vó não, viu! O vô também era bondoso. Teu avô faleceu novo, aos 60 anos de idade. Deixou muita saudade, mas também muita, muita lembrança boa”.

Se despedindo da conversa, para continuar seus afazeres, seu Gilberto, conclui:

“Pra finalizar, só tenho uma palavra pra te dizer: foi a melhor conselheira que eu tive até hoje. De fé, de espiritualidade, na doença, na vida, em todo o sentido. Ela foi uma conselheira, muito, muito especial. Eu preferia ir nela, do que no Padre, porque ali eu sabia e sentia que existia pureza”.

Dona Suzana retoma a fala de seu esposo, continuando:

“Eu pensava assim: Quando ia receber o Santíssimo, eu vou receber de uma pessoa limpa, uma pessoa pura e que tava sempre ao meu lado, que era minha conselheira, então eu sempre ia pensando assim”.

Em um de seus depoimentos, Suzana relata:

“Eu era nova, vim embora e deixei minha família lá. Por isso, me apeguei tanto na tua mãe. Quando eu ganhei o Ederson, a Dona Tereza foi lá em casa me visitar e ela se prontificou de me ajudar. Eu passei muito mal, peguei uma recaída, plantava fumo e era inverno. Sentia muito dor. Aí, ela me viu assim e mandou o Gilberto buscar arruda e umas ervas. Fez uma xaropada caseira com cachaça queimada, ajudou na dor. A partir daquele dia ela sempre ia lá me ver e eu fui me apegando cada vez mais nela. Isso já faz 41 anos...Tu não vai encontrar alguém que não seja de sangue mais apegada nela do que eu”.

Quando questionada se lembrava quantas vezes procurastes a minha avó, ela detalha em sua fala:

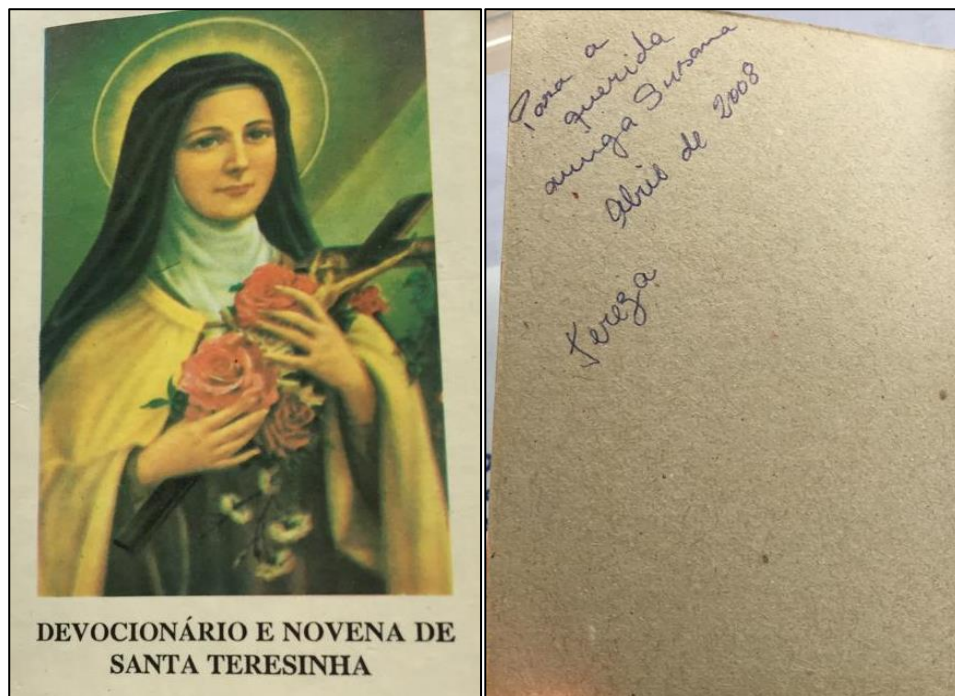
“Muitas vezes procurei ela, muitas vezes mesmo, para pedir conselhos e para me ajudar com as coisas da vida. Eu me espelhava nela, ela era um exemplo de mulher. Quanta saudade! A tua vó era uma referência pra comunidade e todo mundo aqui e aos arredores sentiu muito a falta dela. Ah! Perdemos um grande membro de nossa comunidade. Eu conversei muitas vezes, com tantas pessoas que vinham aqui. Elas diziam: É só o remédio da Dona Tereza que cura. Até esses dias, o Adelino me disse assim: Tu que morou lá, vizinha dela, não vai me dizer que não aprendeu a fazer o remédio. Quantas vezes, ela quis me ensinar...Ela dizia que tinha que repassar, tinha que deixar, que era uma coisa boa que muita gente precisava”.

Quanto às recomendações feitas pela minha avó, ela discorre:

“Ela sempre me recomendava pra continuar rezando com devoção e muita esperança a Novena das Mãos Ensanguentadas de Jesus, que ela trouxe pra mim. E, pediu que se um dia Deus levasse ela, que eu não esquecesse que foi ela quem me deu. Eu tenho até hoje guardada e eu faço como ela pediu”.

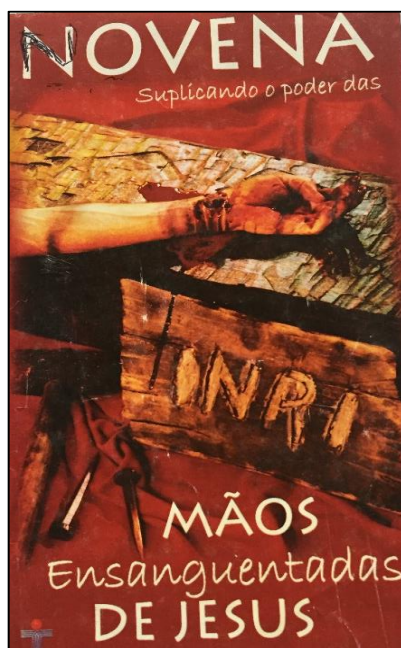
No decorrer da conversa, Dona Suzana levanta-se e pede licença para buscar as novenas que ganhastes da minha avó, com muito carinho. Abaixo seguem algumas imagens (Fig. 11; Fig. 12 e Fig. 13).

Figura 11 - Novena da Santa Terezinha com dedicatória



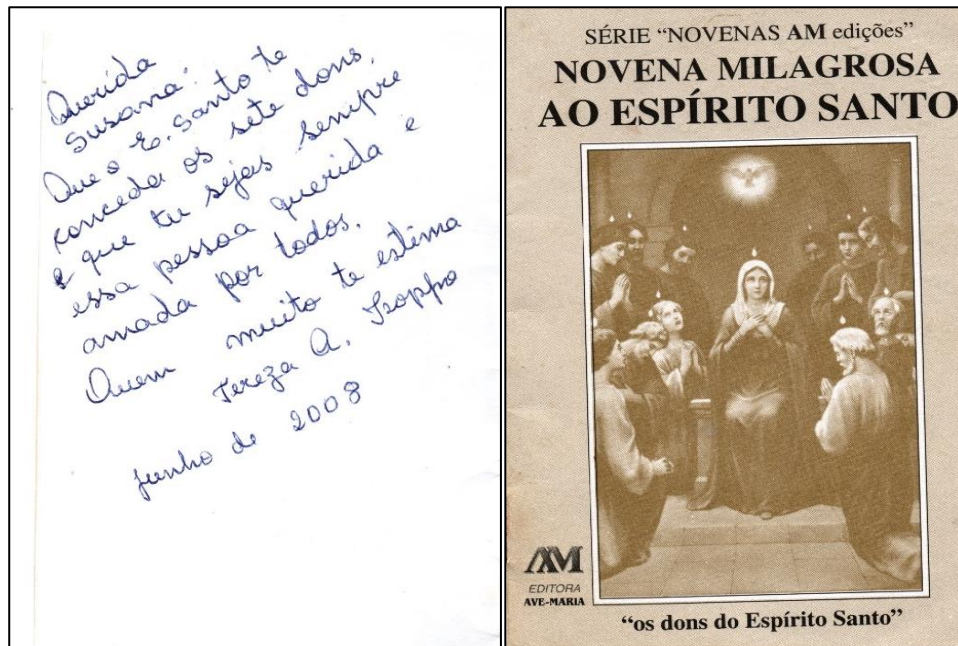
Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Figura 12 - Novena das Mãos Ensanguentadas de Jesus



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Figura 13 - Novena do Espírito Santo com dedicatória



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Quando perguntei a ela, se minha avó fazia tudo isso mediante alguma forma de pagamento, com muita clareza contou:

“Dona Tereza fazia tudo com boa vontade e amor. Nunca se viu cobrar nada de ninguém pelo remédio que fazia. Às vezes, ela pedia pra trazer algum ingrediente que não tinha em casa, como por exemplo, a cerveja preta ou o vinho. Tua vó era a única que desenvolvia este trabalho na região. Ela se preocupava com todos e estava sempre querendo ajudar. Portanto, se a gente chegasse na missa ela olhava e dizia quem tava e quem não tava. Tem que ver por que tal fulana não veio, talvez não esteja bem. Assim ela comentava”.

Perguntei a Suzana se ela compartilhava essas aprendizagens com as pessoas, a mesma então expôs:

“Eu costumo repassar o que aprendi com Dona Tereza. Um pouquinho da história de vida dela, tento ensinar e deixar para os meus amigos. Eu conto da última vez que ela teve na minha casa, que foi o dia do meu aniversário e do terço. Ela sempre vinha, gostava de estar junto e eu sabia que era de coração que ela fazia isso”.

Chegando na despedida, ela faz o seu último depoimento:

“Pra mim Dona Tereza representava uma grande mãe. Porque como eu tinha a minha longe, se eu precisasse de um conselho, ou de alguma coisa eu procurava ela. Várias vezes eu fiz isso. Eu sinto muita falta dela e sempre que eu me lembro eu faço umas orações pra ela. Ela foi a minha conselheira. Nos deixou uma lição de fé. Ela tentava passar pra outras pessoas essa fé que ela tinha, que ela trazia junto dela. Foi tudo de bom ter

ela aqui com a gente...É, e eu tô muito feliz que tu e tua prima estão sendo ministras. Precisamos de gente jovem, pra ir substituindo os mais velhos. Tu está no caminho certo, seguindo o caminho que a tua vó deixou. Que lindo, isso”!

Findando a fala de Suzana, retorna seu Gilberto para registrarmos esse momento da entrevista (Fig.14).

Figura 14 - Suzana e Gilberto



Fonte: Neli A.I. Pelisser (2021).

Após, ter anoitecido na casa da senhora Suzana e do Senhor Gilberto, minha mãe e eu voltamos para casa preenchidas por um sentimento de magnitude na alma, retribuído pelos encontros e reencontros desta primeira visita acolhedora.

No dia seguinte...

Fazia uma tarde de sol, era segunda-feira. O vento se fazia sentir nesse dia, sua presença fez minha mãe e eu envolver-se em seu embalo até chegarmos à casa de dona Marieta (Fig. 15). A paisagem estava linda, o sol radiante parecia se aproximar das elevações da Serra. A estrada, por onde passamos pertence a linha Cerrito, a qual liga a serra do Umbu a São Francisco de Paula.

Figura 15 - Morada da Dona Marieta



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Ao chegar até o portão, fomos recebidas por Marieta, mulher de uma virtude modesta e de um coração esperançoso. Na oportunidade, fomos logo registrando este momento, por meio de uma *selfie* (palavra em inglês, que significa autorretrato) (Fig. 16).

Figura 16 - Esquerda à direita: Minha mãe, Dona Marieta e Eu



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Dona Marieta, disse ter ficado feliz com a nossa visita e foi logo buscar cadeiras para nos aconchegar durante a entrevista. Lá, comemos um doce de pudim delicioso, que me fez lembrar das festas da Igreja, quando eu era criança.

Ao retratar sobre o trabalho de campo, Marieta dissipou louvor a Deus e recordou da vó, como uma pessoa boa que salvou seu sobrinho e sarou seu filho. Desta maneira, o diálogo foi se estendendo, oferecendo espaço as interrogativas e suas narrativas.

No seu primeiro depoimento, Marieta relembra quando e de que forma se deu o seu primeiro contato com minha avó:

“Faz um tempo já e eu conheci ela lá no Tacilinho. Que daí meu sobrinho tava muito mal, mas mal mesmo. Não tinha maneira, não tinha maneira! Ele estava entrando em leucemia já, por causa daquela anemia profunda. Aí eu contei pra ela e ela me disse: - Deixa que eu vou fazer o remédio pra ti. Eu fiquei sabendo que a senhora faz um xarope muito bom pra esse tipo de doença, daí ela disse: - Eu faço mesmo. E eu sei que ela usava um monte de planta. Essas urtiga, a urtiga do mato, ia também cerveja preta...Então eu disse pra ela: A senhora então faz pra mim, que eu lhe dou o dinheiro aqui, compro as coisas aqui e a senhora já leva e faz. Daí ela disse: - Não. Deixa Maria assim, não precisa comprar, que eu compro e deixo aqui no mercado do Tacir. Tu vê como ela era uma pessoa sensacional, sensível e humilde. Pelo justo! Se confiava! Ela me disse: - Se ele tivé muito tomado vai precisá de duas garrafas, era assim que ela chamava”.

Na mesma linha de pensamento, depois de uma pausa, Marieta continuou:

“Ele tomou duas garrafas, conforme ela tinha falado. Foi o que ele precisou mesmo”.

Perguntei a ela se seu sobrinho havia melhorado e ela pondera:

“Mas bah! Se melhorou. Credo! O guri tomou as duas garrafas e ficou forte, hoje taí, um baíta de um homem, trabalhador e forte, graças a Deus. Foi ali que eu fiquei vendo a pessoa que ela era”.

Dona Marieta, também recorda:

“A falecida Aurora me indicou a tua vó. E o seu Moacir, aquela vez que deu hepatite nele, aí a Dona Aurora pediu pra fazer o remédio pra hepatite. Me lembro que faz trinta e poucos anos que o Evandro meu filho, tava com uma dor nas pernas, uma dor nas pernas. Aí eu disse pra Dona Aurora, então vou mandar fazer esse remédio. E atua vó fez. Aí, ele tomou direitinho e graças a Deus ele melhorou. Através daquilo ali, eu fui me apegando na pessoa que ela era. É por isso que não devia de terminar essas coisas. Se tomar direitinho e com fé melhora mesmo. Olha! O meu sobrinho chegava ser amarelinho, tinha fraqueza que nossa. Não tinha apetite nenhum, não tinha fome. E depois que tomou certinho ficou bem mesmo, só vendo”.

Quanto as recomendações feitas pela minha avó, ela nos fala suavemente:

“Junto do remédio que ela fazia eu falo de fé. Porque ela...Ela tinha uma fé grande, que vinha de dentro do coração e queria passar isso pra gente”.

A respeito da atuação de Dona Tereza na comunidade, Marieta contempla em seu diálogo, a seguinte pronúncia:

“Era referência boa pra nós aqui. Imagina então, pra quem morava perto dela. Ela era bem vista pelas coisas boas que ela fazia. Não viu? A começar pela Dona Aurora que morava lá na Barra do Ouro e me indicou ela. Pra tua vó não tinha hora do dia, tava sempre pronta pra ajudar, se desdobrava que minha Nossa Senhora. Ela nos atendia na oportunidade, todo horário era bem-vindo”.

Após, cessar um pouco do tempo da entrevista, ela retoma:

“Sabe, vou te dizer, que o que eu aprendi com a tua vó, procuro sempre passar. Esses remédios caseiros, porque isso é bom. Temos que passar e apelar por essas coisas e deixar a outra farmácia de lado. Naquela época só existia a tua vó que fazia esses remédios. Agora hoje tem a Vroni, que é da Farmacinha, inclusive trocavam receitas ela e a tua vó. Mas hoje em dia, nem tem tanta fé, como existia e tinha na tua vó”.

Durante a narrativa questionei se a senhora Marieta não havia procurado médico, então ela contrapõe:

“Eu nem pensei em procurar médico, foi direto com ela quando me indicaram. Porque eu sabia que ela tinha uma coisa, um negócio com Deus. Uma mistura que chamava nossa atenção, sabe. É coisa de Deus isso! Logo em seguida eu fui na Barra e vi ela, guria. É uma coisa assim, que não tem explicação. Ela fazia remédio pra muita gente, lá da Gruta também, eu via no mercado a Neusa entregando, a pedido da Dona Tereza. Daí as pessoas buscavam ali, que ficava mais perto.”

Minha mãe então, recorda:

“Minha filha, quantas vezes, tua vó me pediu para levar as garrafadas e deixar lá no Comercial, para as pessoas das Linhas Gruta e Cachoeira virem buscar. Muitas eu levei”.

Para finalizar, Marieta nos deixa uma mensagem:

“A tua vó deixou uma missão bem bonita. Ela cumpriu a missão dela aqui na Terra, que era uma pessoa boa que Deus botou pra ajudar a gente. Nós acreditava e confiava nela. Ela me passou muita confiança! Nunca vou esquecer! Eu continuo participando do clube das mães, aprendi fazer alguns remédios, da tua vó também. Sabe a Rafinha? Ela vinha dar curso e ensinava quando funcionava a farmacinha aqui no Cerrito. Agora parou tudo. Então, o que a gente aprende não esquece a necessidade obriga e vai passando pro outro aquilo que se aprende, é uma coisa boa, né? Uma coisa boa!”

Assim, concluímos o diálogo com a simpatia da senhora Marieta, que não nos deixou despedir-se sem nos presentear com mudas de flores e algumas espécies de plantas ornamentais de folhas largas e bem clorofiladas, que cultivava em seu jardim. Com sentimento de gratidão pelo encontro sucedido, minha mãe e eu seguimos o trajeto até à próxima casa (Fig. 17).

Figura 17 - Casa da Dona Vroni



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Ao chegarmos em frente ao portão da casa de Dona Vroni, logo fomos abrindo e dirigindo-se até a sua residência. Entretanto, pelo visto parecia não ter ninguém em casa. Um cachorro veio ao nosso encontro, demonstrando-se dócil e fiel companheiro. Aguardamos um pouco e aproveitamos o momento para nos acalantar sob o pôr do sol, que findava no vale do Umbu, pois a casa da Dona Vroni, é uma das penúltimas antes da subida da serra.

Após, algum tempo retornava do trabalho a vizinha e cunhada da senhora Vroni, de nome Isabel juntamente com seu filho Anderson, o qual foi meu aluno no período de estágio do curso em Ciências Biológicas. Quanta alegria em revê-lo! Enquanto isto, contornamos o tempo de um jeito prazeroso, por meio de uma boa troca de palavras. Quando nos demos por conta, o cãozinho direcionou-se até o portão, anunciando a chegada da Dona Vroni. E, lá vinha ela, sobrecarregada de compras. Minha mãe e eu fomos encontrá-la e ajudá-la, inevitável não detalhar o seu sorriso que anunciava demasiada felicidade.

Dona Vroni, mandou que entrássemos, aproximou cadeiras e pediu para nos sentarmos junto dela. Conta-nos: - *Aproveitei a carona da vizinha para ir fazer umas compras no mercado, porque aqui é longe, né? Tu sabe! Não tenho como ir, então, tem que aproveitar. Mas, vem vamos sentando, pra aproveitar conversar.* Após, abraçando-nos ela salienta que estava com saudade da visita, contudo muito alegre em nos ver. Em seguida explicamos o motivo do nosso encontro, agente causador de um sentimento de nostalgia na senhora Vroni, pois a mesma lançou emoção, não contendo as lágrimas em seus olhos. Com voz trêmula e emotiva, discorre ela:

“A tua vó foi mais do que amiga, quanta saudade dela. Estávamos sempre juntas, nunca vou me esquecer dela. Sinto porque não pude ir lá ver ela, quando ela ficou doente, meu Deus”. Tu vê! Um dia ela fez aquele xarope pra minha irmã, que tava com hepatite C. A gente estudava em Osório, eu e a tua vó. Eu contei pra ela que todo mundo dizia assim: ela vai devagarinho, vai indo e daqui a pouco vai definhando. Ela disse: - Não! Eu faço esse remédio. Ela fez, aí, nem me cobrou nada. Fez, uma, duas vezes e depois ela me ensinou pra mim fazer. Aí, eu continuei fazendo, até que ela foi melhorando e se curou. Ela disse que é graça de Deus, milagre de Deus”.

No diálogo, Dona Vroni também destaca, que além de ter aprendido a receita caseira para Hepatite com minha avó, adquiriu também a habilidade de fazer o remédio pra anemia, inclusive ela relata:

“Eu continuo fazendo, principalmente o xarope pra anemia quando me pedem. Faço até hoje! A Isa, minha cunhada que é agente da saúde, vai na casa dessas mulheres fazer visitas e ela sempre leva pra quem tá precisando. Eu só peço pra trazer as coisas do mercado, que é mais difícil, depois que as coisas tão aqui eu faço. E o resultado é sempre positivo! A recompensa então é, ver essas pessoas curada, a gente fica feliz em saber”.

Dona Vroni, também relembra do tempo em que minha avó e ela estudaram juntas, no município de Osório, para formação do antigo Magistério (grau de escolaridade, que formava professores capacitados à docência), a partir do ano de 1977. Comenta que neste ínterim, conheceram-se e se tornaram grandes amigas:

“Nós tínhamos um contato muito bom, trabalhamos juntas, estudamos juntas em Osório, na época do Magistério, na antiga Rural (Ildefonso Simões Lopes Neto). Também ia nas reuniões juntas. Na época posava no mesmo alojamento e a gente sempre se deu muito bem”.

Alegre ela recorda:

“Tua vó era muito boa na escrita, fazia versos, poesias, ela não tinha dificuldade de escrever. Chegava ficar noite adentro escrevendo, fazendo

rimas, e as vezes até com o nome dos colegas fazia rimas (risos). Nós tinha uma professora muito brava e temida de Português, que por onde ela caminhava todo mundo ficava quietinho. Mas a gente também se divertia muito (risos), saudades daquele tempo”!

Dona Vroni, também nos conta que as pessoas não somente buscavam minha avó para fazer remédios caseiros, mas ainda relembra na pessoa de Tereza, o dom do conselho:

“A tua avó além de fazer os remédios que ela fazia, era procurada também por ser conselheira. Ela tinha o dom da palavra. Ah! Meu Deus! Ela dava sempre muita explicação. E lá se ia ela explicando, escutando e ensinado. E todo mundo gostava por isso, né. Porque ela tinha aquele dom do saber e já passava pros outros. Ela não ficava nunca só pra ela àquele conhecimento. O que ela sabia tinha o desejo de ensinar aos outros. Tua vó tava sempre pronta, sempre”!

Durante o diálogo, ela também recorda da figura de meu avô Luis e emocionada profere:

“Eu ia muito na casa da tua avó, posava lá. Me lembro do teu avô, muito querido, sempre alegre, divertido e companheiro. Bah! Depois, quando ficou doente logo veio a falecer. Faleceu tão novo, meu Deus”.

Perguntei a ela se possuía alguma lembrança de meus avós, então Dona Vroni retoma com o seguinte diálogo:

“Amanda tua avó, sempre foi àquela pessoa sempre pronta pra todos. Como bem me lembro ela fez remédio pra muita gente mesmo, e a maioria vinham buscar ali no mercado do Tacir que ficava mais fácil. Então ela me deu a receita dela, escrita por ela e eu guardo até hoje pra mim de recordação. Ela tinha a letra tão bonita. Tenho a receita pra hepatite e anemia e mais um livrinho de orações, que tá bem velhinho e gasto de tanto usar. Foi ela que me deu também. E, do teu avô, faz muito tempo, mas também tenho guardado um quadrinho que ele me deu, quando fizemos um passeio todos juntos, na cidade de Canela”.

Indaguei se eu poderia ver estas recordações abstratas e fotografar, então ela retorna com satisfação, se retirando para buscá-las. Abaixo seguem algumas imagens (Figuras 18,19,20 e 21).

Figura 18- Receita para Anemia, caligrafia da minha avó

Receita para Anemia

- 1 garrafa de Malzbier
- 2 xícaras grande de açúcar mascavo (amarelo)
- 1 xícara de água

Temperos: cravo, canela em rama, cravo-dão
1 moscavada (pequena) colocar meia porção
de cada

Ervas

- raiz de salsa, umas 3 raízes grande
- picão preto
- erva guaiacum, umas 5 pedaços do caule (ortiga)
- 3 folhas de carne caseira
- umas 3 brotos de espinafre
- umas 10 folhas do dente de leão (radicchio da flor amarela)
- um punhado de agrião
- umas 3 folhas de catinga de mulata (macaena)
- pode colocar umas 10 folhas de quaco

Modo de preparar

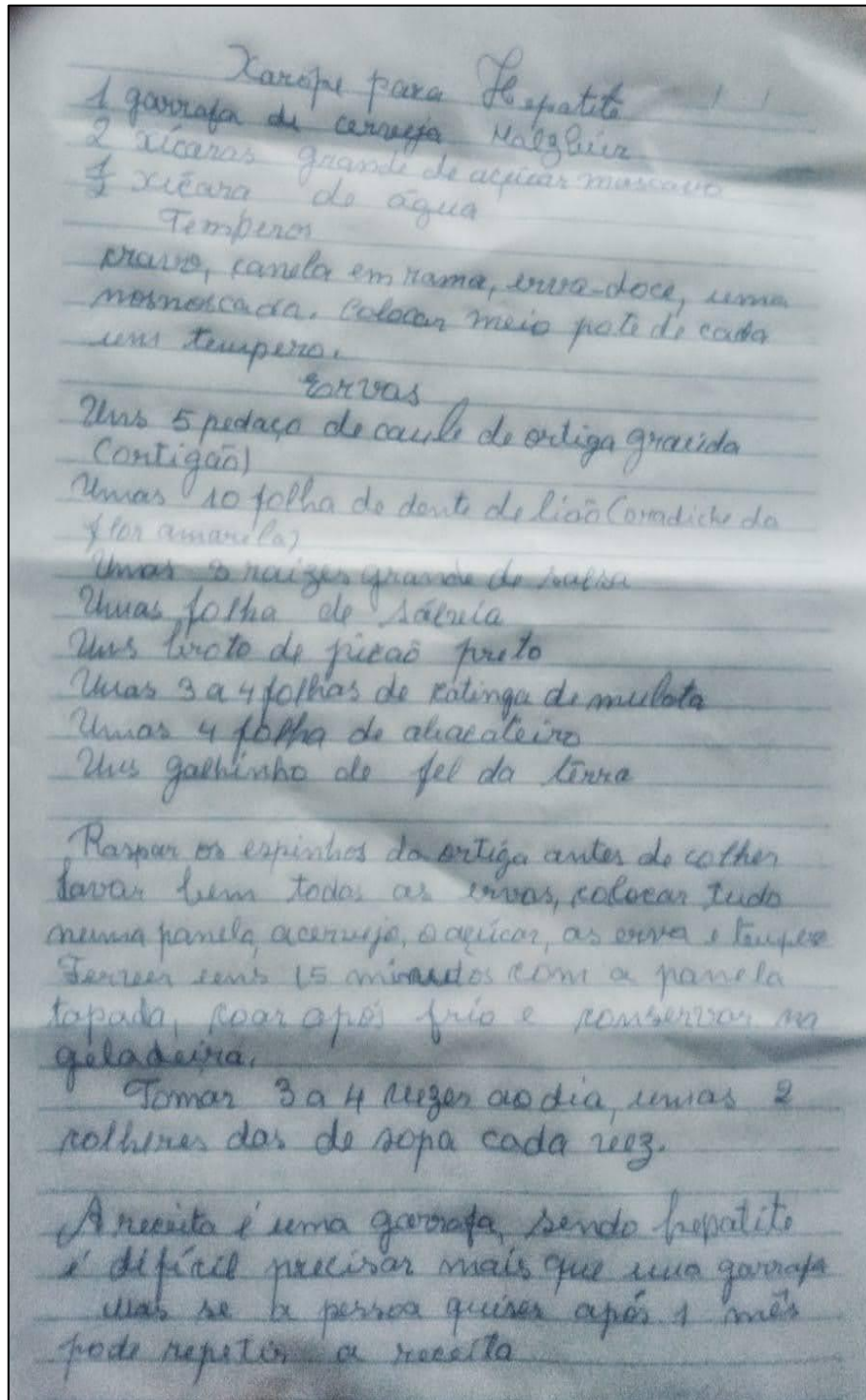
Lavar bem todas as ervas, tirar os espinhos da erva guaiacum antes de colher, e colocar tudo junto numa panela, com a cerejeira, e adicionar os temperos e ferver as ervas 12 a 15 minutos com a panela tampada, lavar e após frio manter na geladeira.

Tomar: adultos: ao menos 2 colheres das de sopa cada vez, 3 ou 4 x ao dia. Crianças menos de 6 anos, uma colher das de sopa 3 x ao dia. Sendo anemia é difícil precisar + que uma garrafa. Tereza Adama Thi Jappo

fone: 9.97385469 Receita é uma garrafa

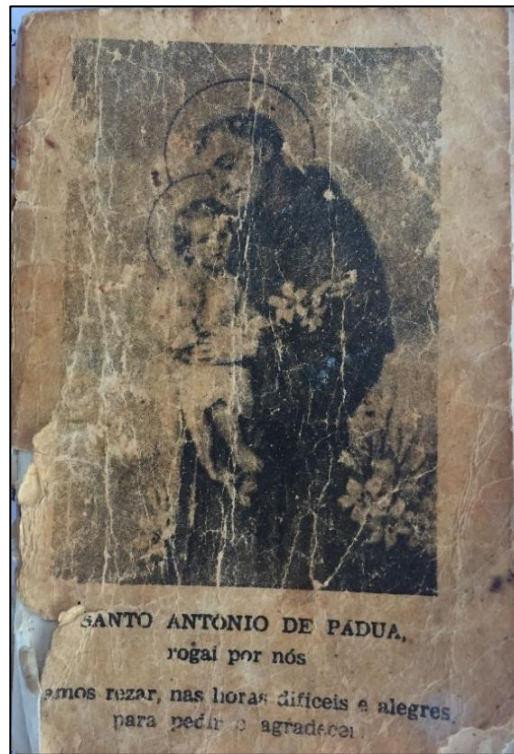
Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Figura 19- Receita para Hepatite, caligrafia da minha avó



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Figura 20 - Livro de Oração, presente de minha avó para Dona Vroni



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Figura 21 - Lembrança de meu avô Luis para Dona Vroni



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Findando nosso encontro, a senhora Vroni deixa sua mensagem destacando a importância e representação de minha avó Tereza em sua vida:

“Tua vó foi muito importante pra mim, foi uma amiga foi uma mãe. Eu precisava de alguma coisa e ela tava ali, sempre pronta pra me ajudar. Meu Deus! A Terezinha pra mim era tudo. Sinto saudade! Queria tanto ter ido lá ver ela, mas não deu tempo...Tua vó foi uma pessoa inspiradora para as outras pessoas. Foi uma pessoa boa, daquela humildade...Tinha uma facilidade de transmitir as coisas, pra mim ela foi um exemplo de pessoa. Foi sempre pronta, humilde e serviçal para todos. Sempre pronta pra servir, ela não se cansava. Uma vez ela me viu chorando, num desespero só, logo que perdi a mãe. Aí ela estendeu a mão e me acolheu, me confortando com suas palavras. Portanto, ela foi um testemunho de vida, uma inspiração, uma pessoa que me inspirava e nos enchia de fé, com aquela força dela”.

Posteriormente, nos despedimos com o espírito jubiloso e o coração revelado pela satisfação do lindo depoimento manifesto pela senhora Vroni. E, para concluir, a ocasião foi registrada, por meio de uma fotografia captada por minha querida mãe (Fig. 22).

Figura 22 - Registro com a Dona Vroni



Fonte: Neli A.I. Pelisser (2021).

Ao retornar para o caminho da nossa terna morada, minha mãe e eu decidimos interromper o percurso de volta, para então mais uma entrevista, desta vez com a pessoa de Dona Laine, ainda na Linha Cerrito. Chegando em frente a sua casa, fomos recebidas pelos seus netinhos, os quais em nossa direção vieram depressa, na tentativa de disputar quem chegasse primeiro. Em seguida, se aproximava Dona Laine e por ela fomos acolhidas de maneira muito receptiva. Na ocasião, ao evidenciar minha visita, relembramos da pessoa de minha avó e de seus remédios caseiros. Laine também destaca, sobre a decadência da “Farmacinha” na comunidade, dizendo fazer muita falta, uma vez que, neste espaço se promovia um intercâmbio de saberes e práticas voltadas a saúde e bem-estar do ser e como completa ela:

“Ali estávamos sempre em movimento, sempre aprendendo. Aprendia a fazer pomadas, sabonetes, remédios caseiros pra várias doenças, o remédio igual o da tua vó pra hepatite e anemia e muitas outras receitas, e assim a gente ia compartilhando”.

Após, na subida até a sua morada para realização da entrevista, a senhora Laine nos contemplou com uma porção grandiosa de galhos de alecrim. Acompanhadas daquele aroma que exalava um cheiro penetrante e agradável, chegamos no alto de sua casa e por ali nos acomodamos para então mais um diálogo.

Dona Laine demonstrava estar um pouco tímida, procurei fazer com que ela se sentisse à vontade para relatar suas memórias. O momento então foi tomado pela atenção e pelo respeito, permitindo que seu depoimento fosse manifestado pelas suas lembranças e experiências vividas.

Sentindo-se à vontade, nos conta ela:

“Eu acredito muito no poder dos chás, mas na verdade sou meia enjoada pra tomar. Mas sei que faz bem. Faz um tempinho já, que eu fiquei mal e aí o Lauri me trouxe folha de guaco, de tansagem, trouxe cavalinha, folha de lima, até funcho, trouxe tudo pra mim fazer. Aí, fiz a chápoeirada como eles dizem e tomei por água uns dias. E olha fiquei boa, melhorei, graças a Deus. E, quando me deu Covid, também, nem tomei remédio, só chá”.

Na sequência Dona Laine, testemunha:

“E os remédios da tua vó, então nem se fala, o quanto teve resultado positivo. Eu já conhecia ela, porque tive a oportunidade de dar aulas de catequese, então me lembro dela nos encontros, pessoa muito boa e bem vista por fazer o bem na comunidade”.

Em seguida, ela nos conta como e qual foi o motivo que a conduziu até a minha avó:

“Fiquei sabendo mesmo que ela fazia essas garrafadas, através da Neusa do Tacir, foi ela que me indicou a tua vó. Mas eu já ouvia outras pessoas falar dos remédios que a Terezinha fazia... Assim, minhas meninas eram muito magrinhas, não comiam quase nada, sempre cansadinhas e sem apetite. Mas depois das duas garrafadas feita pela Tereza, elas ficaram boas e com ânimo, e logo voltou o apetite. Então, assim, ela sempre recomendava tomar certinho e deixava escrito num papelzinho, como deveria tomar”.

Interrogo, se minha avó costumava cobrar pelos remédios que fazia e Dona Laine declara:

“Não! Ela não cobrava, apenas pedia a cerveja preta e alguns condimentos, que ela não tinha em casa”.

Ela ainda discorre:

“Sabe, eu nunca pensei em procurar médico pra tratar a anemia das gurias, porque desde pequenas a gente já foi criada assim, com o uso das ervas. A mãe, sempre pra qualquer dor fazia um chá e a gente já veio então, assim, com essa confiança. Por isso, procurei direto a tua vó quando me indicaram. E assim, ó! Claro que aqui a gente continua usando o que aprendeu em relação aos benefícios das plantas medicinais, se eu precisasse me tratar pra anemia, com certeza eu iria tomar o remédio da tua vó. Então a gente continua buscando, às vezes, precisa tem a Vroni também, que sabe um monte de coisa e que continua fazendo esses remédios”.

Findando nosso encontro, Dona Laine completa com o seguinte depoimento:

“Tua vó foi uma pessoa muito boa, uma pessoa do bem. Ela sempre dava bons conselhos também, tinha o dom da palavra. Sempre foi bastante amiga, então a gente sempre se sentia muito bem e a vontade quando estava na presença dela. Ela sempre com muita atenção nos escutava, tinha bons ouvidos e também a gente dava boas risadas. Uma companhia muito boa, uma amiga!”

Após, o término do testemunho compartilhado, antes de nos despedirmos, pedi licença para registrar este momento, junto à senhora Laine. Não obstante, ela aparentemente retraída aprova o convite, já se posicionando para o retrato (Fig. 23).

Figura 23 - Registro com a Dona Laine



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Na próxima tarde do dia seguinte, minha mãe e eu destinamos prosseguir rumo a mais uma entrevista. Desta vez, nossa intuição nos levou pelos caminhos da Barra do Ouro, até a presença de Dona Elena, professora jubilada e ministra eucarística atuante na Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, localizada no distrito de Barra do Ouro, Maquiné – RS. Mulher, mãe e avó, professora Elena é um exemplo de honestidade, pessoa afável para com todos e de um coração bastante generoso.

Ao chegarmos em frente a sua casa, o portão estava aberto e fomos logo entrando. Na oportunidade registramos a paisagem e sua beleza, com a delicadeza das flores de nome “Três Marias (*Bougainvillea spectabilis*) e a torre da Igreja Nossa Senhora da Piedade, despontando ao fundo (Fig. 24).

Dona Elena, nos reconhecendo partiu ao nosso encontro com o semblante alegre e desejando-nos boas-vindas. Logo, foi convidando para adentrar e sentar-se no sofá. Junto dela experimentamos um delicioso suco da colheita de uva, acompanhado de saborosos “*crostolis*” (de origem Italiana, é uma massa semelhante à de pão, frita e polvilhada por açúcar acompanhado de canela), o que fez-me recordar do gostoso e agradável café de tarde que eu e minha avó fazíamos. Quanta saudade meu ser manifesta ao rememorar de nossos momentos e do seu aconchego para comigo, “vó” Tereza!

Figura 24 - Paisagem vista da casa da Dona Elena



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Conseqüentemente, o televisor da professora Elena desperta minha atenção, pois nele observo a Imagem da Sagrada Face de Cristo, por qual minha avó confessava um silêncio de respeito e adoração. Acontecia a novena, em honra a essa devoção, mais precisamente às três horas da tarde considerada para os cristãos a hora Santa ou hora da misericórdia, momento em que Jesus suspira e se entrega à morte de Glória. Minha avó, detinha o hábito de fazer suas rezas, neste horário, mas quando tinha a oportunidade era no Altar da Capela São Marcos, diante do Sacrário, que neste horário lá se encontrava ela. Todas as primeiras sextas-feiras do mês, este ato de adoração era considerado sagrado para ela e na presença de sua pessoa eu sempre me fazia estar.

Ao elucidar os objetivos deste trabalho a campo, professora Elena regozija-se, difundindo felicitações, juntamente com palavras que me emocionaram e induziram meu espírito a uma expectativa ainda maior na concretização desta história. Ela prossegue com a seguinte fala:

“O que tu estás fazendo é uma homenagem pra ela, pra pessoa que ela foi. É lindo! Sei, que o tempo todo se revive tudo, mas tu vai conseguir, porque ela tá te ajudando e intercedendo por ti, continua rezando para as almas...Tu tinha uma ligação muito forte com a tua vó. Mas, ela deixou uma herança, uma neta dela...(risos). A Florentina quem diz, que a Amanda é uma criatura fora de sério”.

Durante a entrevista Dona Elena, nos conta:

“Eu conheci a tua vó, quando eu tava ainda no Rio do Ouro, mas a nossa amizade mesmo começou depois que eu fui morar na Pedra de Amolar. Ai, a tua vó, quando o falecido ficou doente, Meu Deus! Como ela me deu força! Meus Deus! O teu vô também (choro). Ele foi junto comigo pra Porto Alegre, quando eu tinha que ir e eu não conhecia nada. Ele me ajudou muito. É a tua vó, sempre rezando por mim, me dava força”.

Ao recordar de meus avós, ela emociona-se muito, resultando numa pausa em meio ao seu discurso. Minha mãe eu, com palavras procuremos saciar seu coração com um sentimento de consolo. Após, um suspiro exalta suas palavras, continuando o seu depoimento:

“Ela era uma pessoa incrível, sempre pronta e parecia que não tinha problemas. Sempre pronta pra ajudar os outros. Sempre, sempre, sempre! Mesmo depois de eu dar aula, quando comecei a estudar, ela me ajudou. Mesmo com as dificuldades, ela sempre enfrentou tudo! Ela tinha o dom da palavra, a Dona Tereza. E, isso é uma graça. Era alguém que tu tinha prazer em conversar com ela, em todo o sentido. E, quando ela ia fazer os enterros, as palavras que ela dizia, não tem. E a acolhida então, nunca faltou na casa dela. Tratava todo mundo bem. Como ela me deu forças quando perdi o meu marido, fiquei sozinha com as crianças (choro). A Terezinha acolhia todo mundo igual, não tinha raça, cor, ela acolhia todos, sem distinção de nada, de religião, de tudo. Ela era uma pessoa extraordinária, que deve mesmo ser homenageada. Eu não me esqueço nunca dela”!

Inclusive, a respeito dos remédios caseiros que minha avó fazia, ela nos conta que foi fundamental para a recuperação de seu filho e avalia o uso do mesmo como um resultado positivo e importante para a cura do mesmo.

“O Silvio meu filho estava no Seminário em Gravataí e ficou ruim. Eu já sabia que a tua vó falava muito sobre as ervas, a gente conversava muito sempre. Ela sempre dizia o que era bom pra isso, bom para aquilo. Daí nós falamos que o Silvio chegou mal, fraco. E ela nos disse: - Pode deixar que eu vou fazer um remédio pra ele.

Ela fez duas garrafadas e foi aonde ele melhorou, a sorte! Os médicos não iam curar ele, porque os remédios que eles deram, não resolveram nada, ninguém mais sabia. Mas a receita da Terezinha curou ele. E a tua vó fazia tudo gratuitamente, não cobrava nada”.

Quando pergunto a ela, sobre a missão de minha avó na sua comunidade, Dona Elena declara:

“A tua vó era muito bem-vista na comunidade. Procuravam ela também pra dar conselho, orientação. Ela era também uma professora dedicada, amada, era uma pessoa muito especial. Estava sempre aberta para escutar os outros. Ela sabia escutar! E, hoje em dia, não se tem mais essas pessoas. Mas ela tinha esse dom. E, depois a missão dela na Escola... Ela fazia merenda também e se preocupava com àquelas crianças. Esses dias encontrei uma aluna dela que me disse, assim:

- *Que saudade da professora Terezinha, quanta fome que ela me matou.*

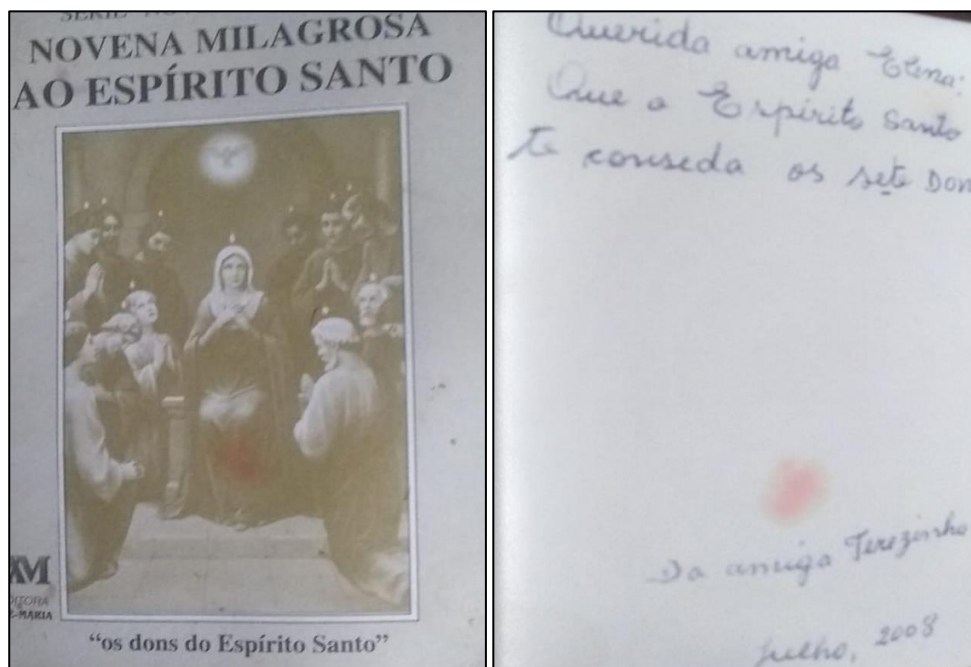
Agora não me lembro qual aluna era, mas a tua vó, tinha muito amor, até agasalhava as crianças que vinham com frio para a escola. Não me lembro de outra pessoa como a tua vó na comunidade, todo mundo procurava ela, era uma referência pra nós”.

Professora Elena, ainda ressalta a consideração pela pessoa de minha avó:

“Ela foi muito importante na minha vida. Ficou marcada pra mim na memória. Pensa bem, sozinha, com três crianças pequenas, naquela época era tudo mais difícil. E a Tereza estava ali, do meu lado, dizendo: - Força! Força! Tudo vai passar, Deus vai te ajudar! Ela nos deixou um testemunho de vida. Eu tinha ela como uma inspiração, era uma pessoa inspiradora, e muito importante pra mim”.

Findando a despedida, Dona Elena traz em suas mãos o livrinho de oração do Divino Espírito Santo, que minha avó havia dado a ela, junto uma fotografia das duas em um passeio na Basílica de Aparecida (Figuras 25 e 26).

Figura 25 - Livro de Oração com dedicatória



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Figura 26 - Dona Elena e minha avó



Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Após, a convido para nos posicionar e registrar este momento. Prontas para a foto, minha mãe reproduz o nosso retrato (Fig. 27).

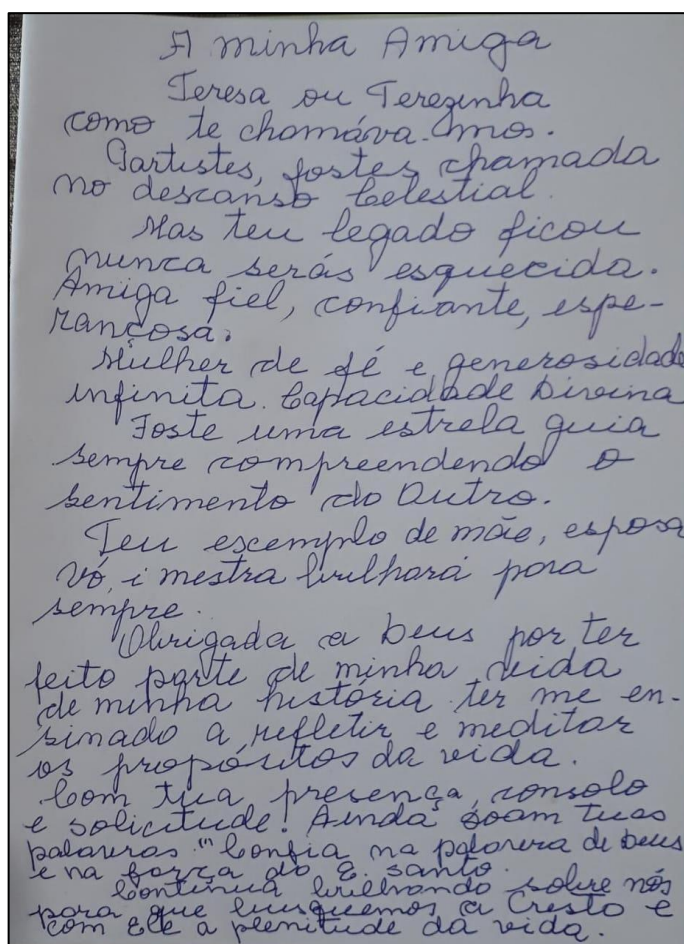
Figura 27 - A simpática Dona Elena na fotografia



Fonte: Neli A.I. Pelisser (2021).

Na despedida, a professora Elena nos deixa uma mensagem escrita por ela (Fig.28), como uma forma de homenagear a minha eterna avó Tereza:

Figura 28 - Carta de Dona Elena para minha avó



A minha Amiga
Teresa ou Terezinha
como te chamávamos.
Partistes, fostes chamada
no descanso celestial.
Mas teu legado ficou
nunca serás esquecida.
Amiga fiel, confiante, espe-
rançosa.
Mulher de fé e generosidade
infinita. Capacidade divina
Foste uma estrela guia
sempre compreendendo o
sentimento do Outro.
Teu exemplo de mãe, esposa
vó, e mestra livelihood para
sempre.
Obrigada a Deus por ter
feito parte de minha vida
de minha história ter me en-
sinado a refletir e meditar
os propósitos da vida.
Com tua presença, consolo
e solicitude. Ainda soam tuas
palavras "Confia na palavra de Deus
e na força do Espírito Santo.
A continuação trabalhando sobre nós
para que cheguemos a Cristo e
com Ele a plenitude da vida.

Fonte: Amanda Pelisser (2021).

Assim, cheias de emoção e imensamente agradecidas, pela tarde na companhia da caríssima professora Elena, com suas enriquecedoras narrativas e valiosos testemunhos, nos despedimos seguindo viagem, de retorno para o nosso terno lar.

Cabe destacar que as próximas entrevistas ocorreram no ano de 2022 entre os meses de fevereiro a março.

Fazia um dia nublado e alguns respingos de chuva caíam alternados naquele dia. Minha mãe e eu voltávamos de nossas tarefas escolares, quando em uma troca de olhares decidimos combinar mais uma entrevista. Desta vez, foi minha mãe que inspirada pelo desejo

de mais um encontro, decide retornar à Barra do Ouro, na R. Júlio Vasques, na casa de Florentina (Fig. 29).

Figura 29 - Vista da sacada de Dona Florentina



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Dona Florentina é meia-irmã de meu avô Luis (possui grau de parentesco apenas por parte de pai) e a chamamos de tia. É Ministra Eucarística na comunidade de Barra do Ouro e uma pessoa bastante confiante na misericórdia e na graça de Deus, de espírito sempre esperançoso e temeroso a Deus.

Ao detalhar a respeito de meu trabalho, ela me parabeniza e sorrindo demonstra um semblante de satisfação. Logo, questiona sobre as perguntas, preferindo que eu as lesse sequencialmente. Feito isto, tia Florentina sente-se entusiasmada e desabrocha suas reminiscências.

“Conheci a tua vó, muito antes dela namorar teu avô, desde criança, há muito tempo (risos), meu avô morava lá dentro e ela também morava lá, é muito tempo...Agora uma coisa que me marcou, que eu nunca esqueci do que ela me disse. Duas palavras que eu nunca esqueci que ela me disse. Daí a gente tava num encontro e um dia não me lembro que Padre que foi, que falando que para a salvação é muito difícil, que não é fácil alcançar, se salvar ...E a gente, sempre falava muito de religião eu e a Tereza. Então ela disse assim: - Não! Eu acho, que bem ajeitadinho, ajeitadinho, eu pra mim padre, nem que seja, no céu atrás da porta tá bom, indo pra lá pode ser atrás da porta, mas eu estou lá. Então aquela palavra dela me gravou muito. Claro! Imagina só! Estar lá no céu, né? Tá bom”!

Após, inspirar um pouco, Tia Florentina, nos relata o segundo acontecimento, que o faz lembrar de minha avó, que para ela a torna inesquecível:

“Nós tava em conflito do meu casamento e eu tava bem desapontada mesmo. A Tereza então me aconselhou, o Luis também. Ela me deu força e continuei persistente como sempre fiz. Então foi duas coisas que me gravou muito, sabe. E ela me deu a Face de Jesus Ensanguentado. E, faz anos, muitos anos. Tua vó era muito devota a Sagrada Face”.

Dona Florentina então levanta-se pedindo para que nós aguardássemos, até que ela fosse resgatar as orações, que ganhastes de minha avó. Dessa maneira, aproveitei para fotografar tais lembranças (Fig. 30).

Figura 30 - Lembrança de Tereza à Florentina



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Em seguida, regressando a entrevista ela relata sobre a pessoa de minha avó:

“Assim, óh! A tua vó foi uma pessoa que era difícil ter uma conversa com ela, se ela não pregava uma coisa da religião. Em todas as conversas que a gente falava, podia ser de alegria, de sofrimento, de trabalho, mas ela sempre dava um jeitinho de passar alguma coisa, sempre! E a mesma coisa de saúde, ela sempre procurava passar o que aprendia e o que tinha com ela”.

No decorrer da narrativa, tia Florentina, se intimida, e vai logo se explicando:

“Tu me desculpe, viu, não sei responder as perguntas certas, como tá ali na tua folha, mas eu vou falando o que sei, o que eu sinto e foi importante pra mim, o que marcou da tua avó”.

Nesta etapa da cena, com carisma e amparo, procuro devolver o depoimento a senhora Florentina, a qual retoma o episódio perdido:

“Então, ela sempre foi àquela que passou umas coisas que a gente aproveitasse. E, por mais difícil que fosse a situação, porque todos nós passemos por situações difíceis. Ela passou muito trabalho, meu Deus! Mas ela nunca mostrou tristeza, nunca se queixou da vida...Me recordo que teu avô Luis, dizia, quando eles faziam aniversário de casamento, não tinha nada do que temos hoje, bolo, comemorações, essas coisas, mas ele dizia assim: - Se fosse pra eu casar de novo, eu caso com a mesma pessoa (risos). Ele era apaixonado pela Tereza, um amava ao outro”.

Neste momento Tia Florentina emudece e durante o seu silêncio eu procuro me emoldurar, sem pressa até que ela continua:

“Então...ela nunca, nunca reclamou da vida. Quando ela perdeu a Maria do Rosário que nasceu morta em 13 de outubro, eu nunca vi ela se revoltar, ou ficar de cara amargurada, pra baixo. Ela, nunca mostrou tristeza e apesar de tudo, ela sempre tinha uma palavra de ânimo pra gente. A Terezinha tinha sempre Deus com ela. Era uma pessoa de muita fé, muita persistência e sempre otimista. Ela só sabia dá conselhos bons. Mesmo ela não tendo todo o estudo, a Tereza era muito sábia, tinha uma letra muito bonita também, ela era professora, né”.

A respeito de como minha avó era vista na comunidade, ela recorda:

“Tua vó era muito respeitada na comunidade quando ela dava aula. Depois no final ela era ministra também e visitava os doentes. Mas mesmo antes de ela ser ministra a Tereza já tinha o hábito de visitar os doentes da comunidade, porque ela fazia remédio pra muita gente, que precisava. E mais, ela sempre recebia todo mundo igual, tava sempre pronta, não tinha hora do dia ou da noite. O convívio com a tua vó só trouxe bons resultados, ela me ajudou muito a enfrentar as dificuldades, foi bom em todos os sentidos”.

Finalizando seu testemunho, ela partilha do seguinte sentimento:

“A tua avó Tereza foi muito importante na minha vida, ela me ajudou muito. O convívio ao lado dela foi muito gratificante. Deixou muitos frutos. Ela nos ensinou a sempre pensar positivo, a nunca desanimar ou desistir. Isso ela tinha muito! Sempre levantava a gente com suas palavras quando se estava triste, e a gente melhorava. Ela sempre via o lado melhor das coisas, nos fazendo compreender que existe a misericórdia de Deus. Tua vó possuía o dom da palavra, fazia a celebração da Missa com palavras do Espírito Santo. Então o que eu posso dizer, pra me despedir, é que a tua vó me recorda eterna gratidão. Pela pessoa que ela foi, por ter convivido com ela, por ela ter sido minha cunhada, gratidão resume tudo”!

Com as lindas palavras testemunhadas pela senhora Florentina, concluímos mais um ciclo, composto por reencontros de uma estação passada, devolvendo o sentido de um tempo ainda vivo na memória. Assim, envolvidas por um sentimento de agradecimento, partimos levando conosco o registro desse momento (Fig. 31).

Figura 31 - Registro com Dona Florentina



Fonte: Neli A. I. Pelisser (2022).

Era mês de fevereiro e numa tarde de sol, minha mãe e eu retornávamos da cidade de Osório/RS, foi então que atravessando a Avenida Central da cidade de Maquiné, decidimos chegar na casa de Dona Gema.

Gema é a irmã mais nova de minha avó, filha de Catarina Gatelli e Luis Adamatti. Uma pessoa afável, de coração bondoso e devoto ao amor de Deus. Assim, como minha avó, ela atuava como Ministra Eucarística e Catequista na Paróquia de Santo André Avelino, no município de Maquiné, também era Zeladora das Capelinhas (cargo voluntário de cuidado e zelo pela capelinha de Nossa Senhora, para que a Virgem Maria possa visitar, pelo menos uma vez ao mês, todas as famílias da Paróquia). Guardo muito respeito e carinho, pela criatura que és, seu jeitinho de falar e nos amparar, se parece muito com minha falecida avó.

Ao chegarmos no portão de sua residência, este estava aberto, então fomos entrando vagarosamente, a chamando pelo nome. Ao ouvir nossa voz, veio ela até a porta, declarando:

“Ah! Vocês vieram, é! Que bom que vieram, eu estava esperando”.

Logo fomos entrando e sentando-se, ela muito receptiva foi pondo água na chaleira para passar o café, em instantes serviu a mesa, anunciando, assim como fazia minha querida avó Tereza: *“Está pronto, o café”!* O café da tarde, na presença da Tia Gema, trouxe lembranças agradáveis, me envolvendo pela emoção e pelo sentimento da saudade. Nem

sequer, sentimos o “tic-tac” dos ponteiros do relógio, apenas nos deixamos contagiados pelas histórias e vivências de uma época.

Antes de iniciar a entrevista, com voz emotiva ela me parabeniza pelo trabalho a ser realizado, enunciando:

“Tu foi a escolhida, ninguém ia fazer o que tu estás fazendo, pode ter certeza. O Espírito Santo e a vó estão te conduzindo. Não esquece que Deus te ama e vai te ajudar, tu vais conseguir. Jesus está abençoando o teu trabalho e como sempre confia, Deus está no teu lado, Nossa Senhora te ama e Ela está contigo”.

As palavras pronunciadas por ela, me fizeram deter as lágrimas que produziam meus olhos, enchendo-me de fortaleza e consolo, bem como, preparando o meu coração para o percorrer de mais uma entrevista. Assim, revigoradas pela paz de Deus, deixemo-nos conduzir pelo andamento deste encontro, silêncio então, minha alma e detenho-me na arte de escutar, cunhando assim, a circunstância oportuna para explorar as emoções de mais uma estação.

Com empatia e demonstração de afeto, ela penetra naquele tempo, detalhando em um breve trecho, a história do cotidiano da família.

“Nossos pais eram católicos e de muita fé. Aos domingos íamos a missa, era sagrado, sem desculpas. Era oito quilômetros de distância até a Igreja e uma hora de caminhada a pé. Tínhamos que passar no rio quatro vezes, pés descalços e com pouca roupa. Mas tinha que ir. (risos). O terço era rezado todas as noites e mais orações. A aula era três quilômetros de distância. A mãe dava uma fruta pra nós ou uma batata doce e íamos bem feliz. Até ao meio-dia na escola e a tarde na roça. A maior riqueza que ganhamos, não foi o estudo. O que de melhor tivemos foi a educação, o respeito, ajudar a todos, amar principalmente os idosos e as crianças sem olhar quem era e não dever nada a ninguém, só comprar se tivesse dinheiro. Naquele tempo, adoecer? Ninguém conhecia médico, pois não tinha, tudo era tratado com as ervas da horta, do mato. Meus irmãos passaram pela pandemia do tifo e foram curados só com chá. Pra febre a mãe usava chá da casca da quina. Terezinha, Jorge e eu, passamos sarampo varíola e caxumba juntos e somente tratados com chá caseiro. Por mais difícil que fosse, Deus em primeiro lugar, rezar e agradecer muito e tudo a gente ia vencendo”.

Tia Gema orienta-se, acompanhando o roteiro da entrevista e em suas reminiscências revive o passado, desfrutando-o no presente. Sua fala resolvida, nos remete a ideia de que minha avó e ela, além de irmãs eram leais em sua amizade.

“A Terezinha e eu estávamos sempre juntas. Partilhamos de muitos momentos, eu era a companheira dela em tudo, e isso foi muito bom, pois aprendi muito com ela. Ela era muito especial e toda a família era muito apegada a ela”.

Em instantes, ela recorda do compromisso de minha avó na comunidade:

“A tua vó tinha muita responsabilidade em tudo o que fazia e seguia a sua missão com muita dedicação. Sempre era lembrada e procurada, não somente pelos remédios e chás caseiros que fazia, mas também pelos conselhos que ela dava. Além da escola, ela também era Ministra Extraordinária da Eucaristia, ajudava o Padre na Igreja, ela que arrumava e cuidava. Levava a Eucaristia aos doentes e rezava o terço na Capela São Marcos, dava aula de catequese também”

Quanto às recomendações que eram feitas por minha avó, Tia Gema responde:

“Os remédios, chás, como devia tomar, como ela fazia, as visitas aos doentes. Ela ensinava a usar e tudo ela passava com muita fé, com a palavra de Deus, sem contar que ela estava sempre pronta pra receber as pessoas, não tinha momento certo, tudo acontecia na oportunidade, sempre era hora de ensinar. Ela recebia a todos sempre alegre e feliz”.

Ela ainda continua:

“Os remédios e chás que a Terezinha fazia, sempre deram bons resultados: isso com novenas e orações que ela ensinava. Ela dizia: Eu faço uma parte e Deus faz o resto. Ela tinha a receita que fazia com ervas, para anemia e hepatite, muitos foram curados. Não existia pagamentos, como ela morava no lugar longe do mercado, às vezes, ela pedia que levassem algum produto que era comprado. Ela trazia muitos remédios, aqui em Maquiné onde eu moro e as pessoas buscavam aqui. Muitos a conheciam e um passava aos outros”.

Tia Gema, articula a seguinte mensagem para minha avó:

“Terezinha foi uma pessoa muito importante pra mim, ela era uma pessoa boa, pura, acolhedora e sem interesses próprios. Lembrar dela é tudo de bom e só nos resta boas recordações. Ela foi um exemplo pra mim, procuro fazer igual. Sempre deixava uma mensagem, cartão ou algo que ... (momento de emoção)”.

Nesta ocasião, a emoção e a saudade submergem em minha alma e na tentativa de suavizar meu íntimo, medito em sua fala final:

“Enfim, Terezinha foi um testemunho de vida, uma inspiração em tudo o que fazia, o que ensinava e como ela vivia. Te digo que ela está sempre presente em minha vida. Amanda! Sei que é muita dor e saudade, mas é uma alegria saber que nos deixou consolados com o exemplo de vida que ela viveu. Que a vó em nome de Santa Terezinha do Menino Jesus te proteja sempre. Amém.”

Tia Gema sempre foi aquela pessoa que me alentou muito, suas orações, sua fé e suas mensagens diárias, foram muito importantes para mim. Ela carrega em seu ser, um pedacinho dos ensinamentos de minha avó e seu abraço preenche àquele vazio da saudade. Serei sempre grata por suas orações e por este reencontro sublime! Na despedida, uma fotografia ao lado dela (Fig. 32).

Figura 32 - Tia Gema



Fonte: Augusto Pelisser (2022).

Passando-se alguns dias, minha mãe e eu conseguimos nos organizar para realização de mais uma entrevista. Desta vez, era um dia de sábado e chovia muito, mas esperamos a pluviosidade diminuir para sair de casa. Já era por volta das 17 horas, quando a chuva cessou. Aproveitamos então, seguir rumo à Linha Garapiá até chegar na casa de Dona Alda. Durante o percurso tivemos que cruzar por uma barragem, encoberta pela água do rio Garapiá (Fig. 33). O medo, porém, consistia em ficarmos ilhadas na volta para a casa, pois a água descia turva.

Figura 33 - Travessia na Linha Garapiá



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Cruzando pela barragem conhecida pelos moradores mais antigos da região, como “Passo do Boi Estrelo”, alguns quilômetros a frente, chegamos na morada de Dona Alda e de do Senhor Nei (Fig. 34). A seguir, nos identificamos e fomos entrando, sendo por eles recebidas de modo bastante afetivo e acolhedor. Passando pelo jardim, foi impossível não fotografar a beleza da natureza, das flores e dos detalhes de carinho em cada cantinho.

Figura 34 - Jardim da Dona Alda



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Dona Alda sempre muito alegre e o Senhor Nei muito educado, foram aproximando cadeiras para sentar-nos. Logo, fui explicitando de forma objetiva o motivo de minha visita, o que deixou Dona Alda muito alegre e repleta do desejo de colaborar com seu testemunho. Cabe salientar, que a senhora Alda é uma pessoa bastante ativa e presente na comunidade religiosa e atualmente é coordenadora geral das capelinhas, desenvolvendo um trabalho voluntário de muito amor e respeito.

Baseando-se no roteiro da entrevista ela nos conta:

“Tua vó, sempre foi muito especial, gostava muito dela e eu a conheci desde pequena, na Igreja. As pessoas a procuravam por causa dos remédios pra hepatite e anemia que ela fazia, mas também pra assuntos religiosos. Ela foi catequista de minha filha, e várias vezes a procurei, minha mãe também”.

Sobre como minha avó se revelava na comunidade, responde de forma concisa e intensa:

“A Tereza era a cabeça da comunidade e digo bem a verdade, que a sua partida nos deixou órfãos. Além disso, sempre que solicitada ela estava pronta, não tinha momento marcado, tudo era na oportunidade e sempre que a encontrávamos. Nos recebia sempre sorridente, sempre alegre. Seus ensinamentos, sempre tiveram bons resultados. E, como! Exemplo: Continue firme na fé”.

Dona Alda evidencia, que em tempos não tão distantes já existia médico na região, todavia em seu testemunho, ela afirma:

“Sim, tinha médico. Mas dele eu buscava somente o que a medicina podia. Dela eu buscava a espiritualidade”.

Findando nosso encontro, ela nos deixa uma mensagem, como forma de homenagear a minha avó:

“Tua vó representou muito pra mim, seu carisma, ética e moral me ajudaram ser quem sou. Foi minha amiga e confidente e sua importância na minha vida, foi a de uma mãe. Três lições ela me deixou: a caridade, o perdão e a fé em Deus. Posso dizer, que lembrar dela, é como voltar no tempo e ver a presença dela viva na memória e por onde ela andasse. Te amo TETÊ! Assim, muitas vezes eu a chamava”.

Ao final de seu testemunho, estendo meus agradecimentos a pessoa de Dona Alda, pela sua colaboração na realização desta pesquisa. Após, o abraço veio a “selfie” (Fig. 35) e assim nos despedimos, encerrando mais um ciclo.

Figura 35 - Registro com a Dona Alda



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Chegamos em meados do mês de março, era um dia de domingo, caracterizado por um final de tarde nebuloso. Minha mãe e eu novamente nos equipamos, desta vez, porém para a entrevista com a senhora Aldevina.

Durante a semana a chuva havia sido intensa, o que interditou a passagem pelas barragens da Linha Pedra de Amolar. Até um trecho da estrada fomos de carro e após, tivemos de atravessar por duas pontes pênsil (ponte sustentada por cabos ou tirantes de suspensão) e por sinal, muito escorregadia, no entanto único modo de travessia para os pedestres, quando estes ficam ilhados, devido a inundação dos rios.

Nesta caminhada, fotografias não foi possível, pois até a chuva nos enleava. Passando pela segunda ponte, dobrando a curva, à esquerda chegamos na casa da senhora Aldevina. Ela sempre muito meiga e movida por simpatia, veio até a porta, nos mandou ir entrando e sentando-se. Sua acolhida foi muita agradável, comemos um lanche com ela e nos distraímos um pouco. No momento oportuno, apresentei os objetivos de meu trabalho, o que a deixou um tanto ansiosa. Busquei deixá-la à vontade, até ela sentir-se preparada para colaborar com seu testemunho.

“Dona Tereza sempre foi da comunidade e sempre bem-vista por todos, pois exercia um trabalho maravilhoso, como catequista e ministra. Sempre ela me deu muitos conselhos e fez reerguer meu casamento, muita coisa contei pra ela, eu tinha confiança nela e sempre conversávamos muito. Além dos conselhos maravilhosos, ela fazia seus remédios milagrosos que ajudava muito a todos. Fez um remédio pra mim, muito bom pra asma, depois minha neta também usou um pra anemia”.

Em seguida, Dona Aldevina descreve brevemente sobre a pessoa de minha avó, bem como suas atitudes em presença à comunidade:

“Dona Tereza sempre foi um exemplo de pessoa, amiga e sempre pronta pra ajudar a todos com muito carinho. Nunca precisei marcar hora, ela sempre me ajudava. Sempre fui muito bem recebida, com conversas de apoio no que estava nos preocupando. Tudo, tudo o que ela falava e fazia, dava bom resultado, pois sempre foi uma pessoa abençoada e nunca cobrou nada pelos remédios que fazia. Nós acreditamos muito em remédios caseiros, ainda mais sendo feito por uma pessoa como a Dona Tereza”.

Em seguida, após uma pausa de silêncio ela se despede deixando o seguinte testemunho, fundamentado nas últimas perguntas da entrevista:

“Dona Tereza representava a paz, a alegria, o ensinamento e o amor ao próximo. Ela foi muito importante na minha vida. Deixou saudades à comunidade, pelo ser humano incrível que ela era. Foi e sempre será uma mulher de garra e de orgulho a todos que a conhecia. Ela sempre será lembrada pela amizade, pela lealdade, pelo apoio a todos que ela conhecia. Fazer o bem e amar ao próximo são as lições que a dona Tereza me deixou. As lembranças e as longas conversas que tive com ela, ficarão guardadas na memória, os seus ensinamentos serão pra sempre. Pessoa igual a dona Tereza, nunca mais vai existir na nossa comunidade”.

Completa de um sentimento de contentamento, pelo depoimento da senhora Aldevina e pela penúltima entrevista realizada, agradeço-a pela colaboração de sua fala e com toda gratidão, me despeço de sua pessoa, com um abraço e uma fotografia ao seu lado (Fig. 36), registrada por minha companheira mãe.

Figura 36 - Entrevista com Dona Aldevina



A última entrevista realizada, foi com minha tia (Dóris), casada com o irmão de meu pai, tio Elci. Ela é nossa vizinha, porém sua casa é mais próxima da morada de minha avó. Na maioria das vezes, estavam em companhia uma da outra, tomando seu chimarrão e sempre que precisava de algo, seja material ou espiritual, era a minha avó que ela recorria.

Assim, que minha avó faleceu, ela relata ter sofrido muito a sua perda e confidencia ter padecido com a sensação persistente de profunda tristeza, perda de interesse pelas atividades diárias e desânimo, isto, por um bom estágio de tempo, fenômeno, o qual necessitou de ajuda médica, já que havia sido constatado um quadro caracterizado pela doença conhecida como depressão. Mas com o passar dos dias e com fé em Deus, ela conta que os poucos foi reerguendo-se, porém, confessa que há dias que são difíceis ainda, pois a lembrança e a saudade, ocasionalmente, se tornam constantes.

Nosso momento de diálogo foi composto de boas recordações a respeito da pessoa de minha avó, motivo, o qual desencadeou mais saudade ainda, do seu gesto de amor, da sua atitude de caridade e da sabedoria que com todos compartilhava. Posteriormente, apresento-lhe o roteiro de entrevista e tia Dóris começa contando:

“Conheci a Tereza através da minha sogra, quando me casei e vim morar na Pedra de Amolar. Me recordo que as pessoas procuravam ela pelo seu conhecimento sobre as ervas medicinais, pelo seus conselhos e pra pedir orações. Eu procurei a Tereza inúmeras vezes, para pedir discernimento, para ela rezar em alguma situação difícil ou também para tirar dúvidas sobre alguma planta medicinal e me lembro que ela recebia todo mundo bem em sua casa, da melhor forma possível com carinho e muito acolhimento, além do mais, a qualquer hora do dia ela se disponibilizava. E na comunidade, Tereza era vista como uma mulher muito religiosa e devota, também uma referência para quem procurava tratar sua saúde através das plantas medicinais”.

A respeito das recomendações feitas pela minha avó, ela testemunha:

“A Dona Tereza, sempre pedia pra nós rezar muito, acreditar em Deus e ter fé. Que em primeiro lugar era pra tentar a cura através das ervas, se não desse certo era para procurar um médico, mas sempre dava certo. Essas recomendações, geralmente ela dava quando alguém a procurava, na oportunidade ou quando a garrafada era entregue, ela também costumava dar uma novena junto, pra pessoa fazer quando ia tomar o remédio”.

Sobre os resultados positivos, tia Dóris manifesta o seguinte depoimento:

“Ela fazia muito remédio pra anemia, pro fígado e pra bronquite. E sempre teve um resultado positivo. Por exemplo, o médico disse que meu filho precisava tomar três meses de sulfato ferroso, que ele estava com uma anemia muito profunda, os exames de sangue estavam alterados. Mas aí, procurei a Tereza, ela fez a garrafada pra anemia e ele tomou por 30m dias, fez o efeito desejado e curou a anemia dele. E a Tereza fazia tudo isso, sem cobrar nada”.

Ela ainda prossegue:

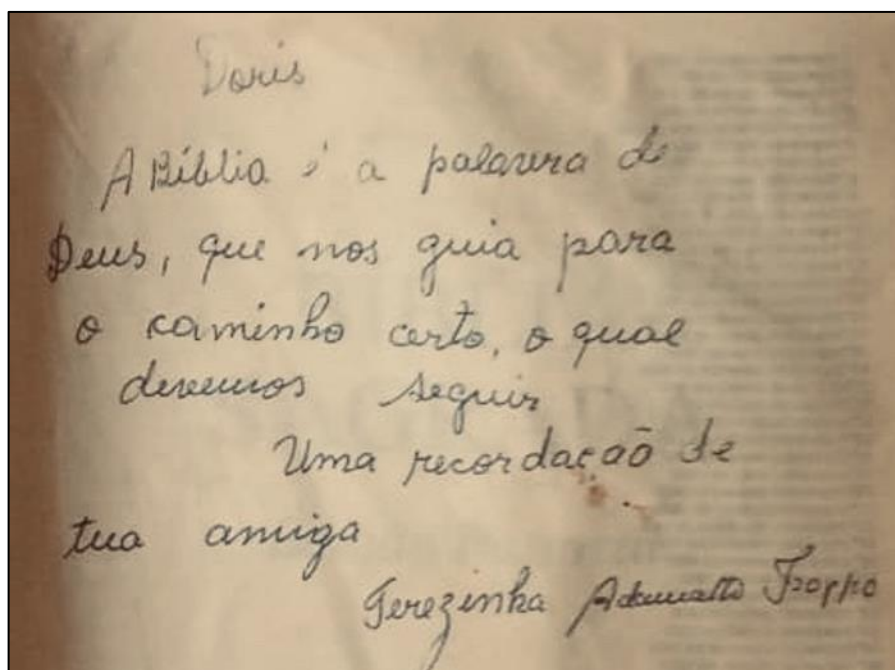
“Aqui em casa quando alguém ficava doente, a gente buscava na dona Tereza a cura pelas plantas e no último caso o médico era procurado para tentar a cura com medicamentos laboratoriais”.

Em seguida, Dóris profere seu último depoimento:

“Pra mim a Tereza representava uma mulher de sabedoria, de muita fé, acolhedora e solidária. Foi pra mim uma segunda mãe, e sempre digo pra todos, que a partida dela me abalou muito. Ela foi pra mim, uma conselheira, uma médica da natureza, àquele ser humano que sempre plantou coisas boas em sua comunidade. O que tenho de conhecimento hoje, muitas coisas aprendi com ela e sempre procuro repassar o que aprendi, podendo assim, ajudar outras pessoas. Muitas coisas me ficaram com seus ensinamentos, mas algumas dúvidas, ainda recorro a Marisa, sua filha. Jamais vou esquecer da pessoa que foi a Tereza, sentimos a sua falta”.

Em seguida, ela me apresenta a Bíblia com dedicatória (Fig. 37), a qual guarda de recordação, presente de minha avó, para à família.

Figura 37 - Bíblia com dedicatória



Fonte: Augusto Pelisser (2022).

Com o espírito pleno pelo sentimento de satisfação pessoal, finalizo com uma fala de agradecimento, por mais um testemunho recebido e assim, arremato o ciclo de entrevistas, guardando as lembranças e eternizando as memórias. Abaixo uma fotografia (Fig. 38) nossa, indicando a despedida.

Figura 38 - Entrevista com Tia Dóris



Fonte: Augusto Pelisser (2022).

5 EXPERIÊNCIAS, IMPRESSÕES E MEMÓRIAS: MENSAGEM DE UMA NETA PARA SUA AVÓ

Querida vó Tereza,

Às vezes, silencio minha mente e sentada nos pés daquela figueira, longe de todos me pego orando e olhando para a imensidão do céu e da insólita paisagem que a senhora tanto contemplava, atribuindo-a como obra do Criador. É como se você estivesse ali me observando, mas de repente, tudo parece passageiro, nós, o tempo, o agora, até mesmo o silêncio. Mas compreendo que dessa busca silenciosa e reflexiva, nasce a paz e nela experimento e vivencio a evolução de que meu espírito necessita nesta jornada da vida.

Sabe vó, não me arrependo de no findar do ano de 2019, renunciar meu emprego e estudar para o concurso, que aconteceria no ano de 2020. Só assim, tive a oportunidade de permanecer um pouco mais junto da senhora. Você me inspirava e me fazia forte! Foi neste pedido de demissão que ao teu lado, apreciei o amor e sua reciprocidade. Eternizei memórias, conheci-te melhor, dividimos e partilhamos de confidências e anseios que nos tornavam semelhantes. Tua ancestralidade tem histórias e tem marcas, que me fizeram encarar a dor, para transformá-la num lugar de constante reflexão e aprendizado.

Vó! Porém, o teu adeus me atingiu de surpresa, incidindo justamente nos nossos melhores momentos. Lembro que a senhora sempre foi forte e perseverante, mas nos seus últimos dias, sentia-se frágil e abatida, mesmo não querendo demonstrar, você dizia que estava bem. Como sempre, parecia que não queria, nos deixar preocupados. De repente, a falta de oxigênio em seu organismo, fez com que a senhora fosse levada para o hospital e lá ficou por algumas semanas. Lembro quando meu pai e eu fomos visitá-la, quanta alegria a minha e da senhora. Àquele seu sorriso me ficou impresso na memória, recordo-me como se fosse hoje. Inesperadamente, recebo uma ligação comunicando que eu deveria comparecer para posse de nomeação do concurso prestado. Vó! Não tem como descrever a nossa felicidade e cumplicidade, né! Juntas, louvamos a Deus por nos brindar com esta conquista. Senti, o quanto a senhora ficou motivada e emocionada pela notícia. Não vou esquecer, daquele teu abraço caloroso e das suas mãos me abençoando, mandando ir sem demoras.

Era mês de março de 2020, logo a senhora voltou para casa e eu iniciei no emprego tão almejado. Saía cedo de casa e retornava no final da tarde. Por volta das 19 horas da noite, quase sempre, minha mãe e eu batíamos na tua porta. A senhora já aguardando a nossa

chegada mandava entrar, dizendo: *“Demoraram para chegar, hein. Mas que bom que vieram, eu já estava esperando”*. Geralmente saboreavam o chimarrão, com rapaduras e doces de amendoim que a vó tanto gostava, mas para a sua neta era sagrado àquele feijão saboroso, que só a senhora sabia fazer. Se eu me demorava, você ligava, avisando que o feijão já estava no fogo, como se fosse um pretexto para eu me apressar.

Confesso para a senhora que eu sentia falta dos nossos cafés, dos nossos chás, da tua companhia direta, pois já não nos víamos com a mesma frequência de antes. Por um dia, me lembro, que a senhora falou que iria sentir a minha ausência, mas contornou sua fala me dando àquele abraço bem apertado que eu adorava e me fazia esquecer de tudo. Mais tarde, quando a senhora ganhou um smartphone e aprendeu a comunicar-se pelo WhatsApp, a nossa distração melhorou um pouco. Mesmo de longe, sua mensagem de bom dia me abençoando era diária e não podia faltar. Contudo, recordo-me quantas vezes, a senhora me deixou sem respostas, tentando me fazer traduzir a escrita ou os áudios em italiano, que me enviava. Muitas vezes, tinha de estudar antes de lhe dar um retorno, quando não a senhora mesmo traduzia. Para mim, um aprendizado saudável e divertido e para senhora, como você dizia, tudo se tornava novidade.

No mês de abril, a senhora escolheu abandonar a sua residência para residir em Maquiné, na casa de minha tia, pois seu estado de saúde agravou e não podia ficar muito tempo sem o auxílio do oxigênio. Não foi fácil, para nós, nem para senhora, eu imagino. Nossas visitas, não se tornaram tão frequentes, mas quando íamos te visitar, você ficava muito feliz e sempre nos recomendava, ao mesmo tempo que agradecia. Sim! Continuamos cuidando da tua casa, vó, das tuas coisas, da Capela que a senhora tanto visitava e a mãe continua fazendo as garrafadas que tu ensinaste para ela, quando você sentiu que já não podia mais continuar. Teus ensinamentos, ficaram guardados em nós e se mantêm vivo na memória. Ao longo do mês de abril, não consegui lhe falar sobre a aparição que tive com meu avô Luis, numa tarde de domingo, quando os raios de sol, se infiltravam sobre àquela verde mata, e eu sozinha contemplava a cena deslumbrada, pela beleza que meus olhos avistavam. Mesmo que efêmero, avistei meu avô descendo até se encontrar a minha frente. Lembro-me que seus pés não atingiam o chão, por nenhum momento. Ele me deu a mão, dizendo: *“Minha neta, vim te buscar, vou te levar comigo para conhecer o céu, ele é como você imagina, é uma imensidão e de muita beleza. Mas hoje, não vamos conseguir ver tudo, teremos que ir por aqui”*. Senti ele segurando minha mão e eu a soltei, confessando que não poderia lhe acompanhar, pois teria meu mestrado para concluir. Dito isto, ele partiu para o alto dando-me adeus. Não

conheci meu avô, ele veio a falecer, quando minha mãe estava prestes a me conceder a luz. Descrevi a sua fisionomia: Ele estava feliz, aspirando minha companhia, além disso, o vi vestido com uma camiseta entreaberta e um calção verde. Minha mãe confirma, dizendo que era exatamente assim que ele gostava de estar, bem à vontade e sempre feliz.

Vó! Recém chegávamos ao meio de maio, meu mês favorito, mês de Nossa Senhora, mês em que comemoramos o Dia das Mães e mês que no dia 23, celebrou e louvo a Deus, por mais um ano na presença das pessoas que eu amo. Mas de repente, aquele brilho que para mim se renovava nesta estação perde a sua vitalidade e gradualmente os dias enfraquecem a sua cor, simbolizando dias de tristeza e dor. No domingo, dia 10 do decorrente mês e do ano de 2020, nosso Dia das Mães, foi diferente, pois faltava a senhora aqui em casa, porém você estava no hospital em Porto Alegre, aguardando sua cirurgia cardíaca. Neste dia, íamos revê-la, entretanto, além disso, fui até a Capela fazer uma visita ao Santíssimo, tal como a senhora adorava. Como de costume, dobrei meus joelhos perante Deus, pedi e agradei. Voltei para casa, vó Tereza! E algo muito sublime me aconteceu neste dia. Queria te contar durante a visita no hospital, àquele dia, mas não consegui, não estávamos sós...Na volta da Capela, uma luz me incidiu sobre a alma, senti o coração disparar, ao pronunciar o aceite do convite ao chamado do Ministério Eucarístico. Não sei de onde veio àquela voz, no entanto, meu sorriso era repleto por uma felicidade completa, inundado por uma chama divina. Eu precisava-lhe contar, pois isto era o desejo da senhora, o qual eu havia renunciado muitas vezes, assim compreendi, que a obra do Senhor, não acontece no nosso tempo. Lá, no hospital, consegui subir até o quarto para vê-la, se eu soubesse que fosse o nosso último encontro eu teria te abraçado mais. Recordo-me que seu olhar estava sereno vó e me transmitiu leveza e paz, achei incomum, pois você sempre teve receio de cirurgias, ainda mais se tratando de um procedimento tão hostil, para reparo de válvula cardíaca. Comentou comigo, que recebeste a visita do sacerdote, realizou a confissão e na oportunidade ganhastes o Sacramento “Unção dos Enfermos” e a Santa Eucaristia. A senhora, estava feliz, eu sei! Infelizmente, eu deveria descer, pois, o horário da visita, já havia encerrado. Abraçamo-nos com muito afago e você sussurrou no meu ouvido, enquanto suas mãos calorosas seguravam firmemente as minhas: *“Amanda! A vó te ama e sempre vai continuar rezando por ti. Não te esqueças, continue se doando, pois toda obra de caridade, se torna recompensa no céu”*.

Exatamente, no dia 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima, com a colaboração de vários profissionais da saúde, a senhora entrou para sala de cirurgia. Minha mãe, minha tia e meu irmão mais velho (Luciano), estavam no hospital. Eu em casa, seguia rezando pela

senhora. Sua intervenção cirúrgica, persistiu por quase 12 horas. Foram minutos de muita apreensão, até a noite, recebermos a notícia, de que tudo ocorria bem. No dia seguinte (14 de maio), minha mãe veio para casa, enquanto meu irmão e minha tia permaneciam no hospital. Aos poucos, você ia reagindo, sob os cuidados médicos na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Na madrugada, de amanhecer para sexta, às 03:20 no meu quarto, senti a senhora me tocando o peito, mais tarde vim a saber que neste horário minha vó, a senhora sofria por alguns minutos uma parada Cardiorrespiratória. No sonho, você estava toda vestida de branco, minha mãe segurava-a no colo e você fechou os olhos para mim, eu a chamei e pedi para voltar, olhando-me novamente você falou: *“A vó está bem, não morri, só estou indo de volta para minha morada, a morada do Pai, é lá que agora a vó quer ficar”*. Saltei da cama e chamei meus pais, em instantes conduzi-me diretamente ao oratório e tomei em minhas mãos a Bíblia, que a vó, nos tinha presenteado. Ao folhá-la suas laudas, meus olhos fixaram na passagem do evangelista João, capítulo 14, versículo 1-4 e meus lábios, então proferiram a seguinte grafia: *“Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus, credes também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Não fora assim, e eu vos teria dito; pois vou preparar-vos um lugar. Depois de ir e vos preparar um lugar, voltarei e vos tomarei comigo, para que onde eu estou, também vós estejais”*. Aquele amanhecer para mim, atribuí como uma despedida, tive a certeza de que ela havia me visitado àquela noite, anunciando a sua partida para uma outra dimensão, agora espiritual.

No dia 15, sexta-feira, recebemos a notícia de que seu estado de saúde, havia agravado intensamente, o que nos fortaleceu ainda mais na oração. Meu pai, minha, mãe, meu tio e eu, fomos a tarde rezar o Santo Terço, na Capela. Todavia, eu me desatava em pranto, pois em cada batida do meu coração, eu sentia que a vó nos deixaria. Era quase noite, voltávamos para casa, no celular uma mensagem da equipe médica anunciando que os danos cerebrais de Dona Tereza eram irreversíveis, sendo muito raro as chances de sobrevivência. Porém, no fundo, eu ainda tinha esperança de que você pudesse reagir vó, ou, que haveria alguma possibilidade de os médicos ter cometido algum engano, mesmo assim, revelo não conseguir estancar as minhas lágrimas. Meus pais e tio, à sua maneira me consolavam, no entanto, naquele momento eu não compreenderia o que significava a morte. Por mais, que naquele instante, alguém com palavras tentasse me confortar, não resolveria, eu só queria permanecer sozinha, respirar profundo e extrair minhas próprias reflexões e dores, buscando um significado para elas. Enquanto isso, meus pais faziam um chá na cozinha e eu sozinha no sofá de casa, fixava meu olhar, adorando Jesus na Cruz de um terço trazido da Itália, o qual me foi dado como

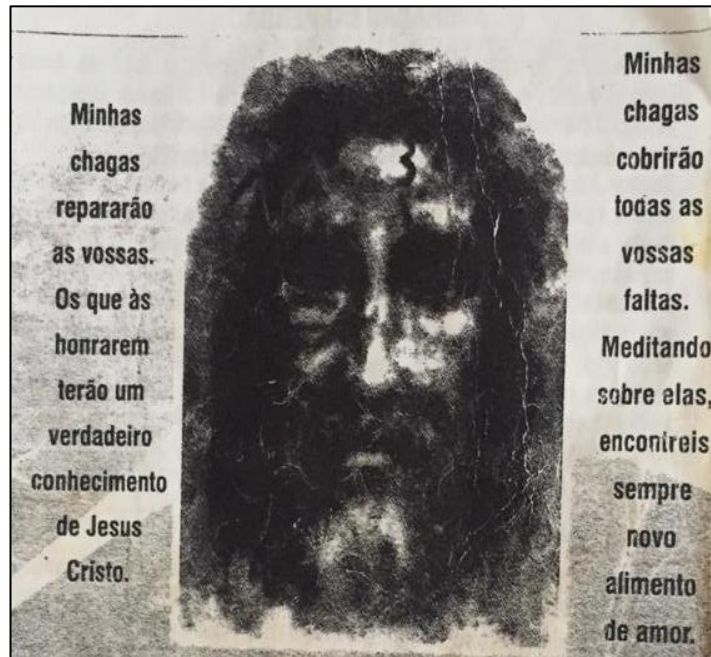
lembrança por um padre. Ao tempo que eu desejava em meu íntimo, não me rebelar contra Jesus, já que naquela dor eu sentia-me tão desamparada, desviei meus olhos para a poltrona branca que ficava a minha frente, quando de repente, uma imagem de intensa luminosidade aparecia na almofada. Eu discerni uma face, a qual para mim, sem dúvidas, demonstrava a Face de Cristo (Fig. 40), semelhante àquela sua imagem da Sagrada Face de Jesus (Fig. 39). Foi neste instante de extrema admiração, que meus olhos estagnaram as lágrimas e uma rápida sensação de arrepios, fez minha alma transparecer a emoção daquele instante. Cheguei a ponderar que pudesse se tratar de um efeito de ilusão de ótica, já que meus olhos estavam tão fitos naquela imagem transfigurada de Jesus, na cruz do terço que eu tinha junto de mim. No entanto, meus pais também distinguiram a mesma face, que permaneceu até a manhã do dia seguinte quando os exames realizados na senhora, confirmaram a sua falência encefálica vó.

Figura 39 - Aparição Divina



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Figura 40 - Imagem da Sagrada Face



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Sábado, dia 16 de maio de 2020, senti minha esperança destruída e as lágrimas que agora vertiam eram causadas pela dor da sua morte. Meus irmãos Cristiano e Luciano estiveram com a senhora nos seus últimos instantes de vida, você ainda portava no punho o santo escapulário, um pedido seu antes de adentrar na sala de cirurgia. Juntos rezaram a oração da Nossa Senhora do Carmo, enquanto isso, o seu aperto de mão percebido pelos netos, simbolizou que a senhora estava entendendo o que se passava a sua volta. Minutos depois, minha vó, você deu o último suspiro, entregando seu espírito ao Pai. Recordo-me aqui, da sua grandiosa devoção a Nossa Senhora do Carmo e ao uso fiel do Escapulário, o qual você me dizia ser um sinal de Proteção da Virgem Maria, para aqueles que o traziam com fé. Ainda hoje, vó pessoas as quais a senhora repassou esta devoção, vem ao nosso encontro em busca deste símbolo de apego sincero e fervoroso a Deus, como uma forma de proteção e amparo divino. Você instruiu a muitos essa devoção e ao presentear alguém com o escapulário sempre pronunciava umas das promessas feitas pela Nossa Senhora do Carmo: *“Aqueles que morrerem com este Escapulário não padecerão o fogo do Inferno”*. Tenho a certeza de que você descansou, minha vó nos braços do Pai e foi acolhida por Nossa Senhora, pelos anjos e santos no Reino do Céu. No dia de seu sepultamento, você estava coberta por flores brancas e parecia estar dormindo docemente. Sua morte foi sublime, é como se a senhora estivesse

revestida da beleza do Senhor. No entanto, não foi fácil enfrentar aquela cena, de dizer adeus à senhora. Busquei naquela hora, meditar em Jesus e alimentar o meu coração do Seu amor imortal.

Os dias se passavam vagarosamente e tudo parecia confuso. Findar o mês de maio sem a tua presença, exigiu esforço, boa vontade e perseverança, pois, de repente tudo ficou escuro. Confesso que meu coração se abriu para o luto, vó. Aprisionei a saudade, manifestando melancolia pela tua partida. Parecia que meus olhos não mais avistavam a cor nítida e brilhosa daquela estação. Ao transcorrer do tempo fui adquirindo a fortaleza de Espírito para conviver com a tua falta diariamente. O que me saciava um pouco a saudade eram e são os sonhos que tinha e tenho com senhora vó. Para mim, significam muito e se tornaram inspiradores para continuação da minha caminhada de estudos, e o mais importante é que eu sempre via você feliz, trazendo-me uma mensagem de conforto, esperança e muitas vezes, sinalizando os trajetos a serem seguidos, presenteando-me até mesmo com obras literárias que me auxiliaram ao longo deste percurso. Após, um tempo do seu falecimento, ao longo da trajetória do mestrado, já em meados do ano de 2021 eu conheci a professora Márcia, a qual aceitou seguir firme comigo nessa conquista, queria que você tivesse a conhecido também, teriam muito para conversar, acredito eu. Foi por meio dela, que um novo projeto de pesquisa se originou, só assim, tive a oportunidade de fazer florescer aquele desejo que regávamos em nosso coração, vó. Absolutamente só, todos os dias comecei frequentar a tua casa, como estávamos em meio à Pandemia de Covid-19 causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, eu ministrava minhas aulas de forma on-line e até ao anoitecer preferia permanecer na tua casa estudando, pesquisando e me aperfeiçoando para a banca de qualificação que aconteceria logo em seguida. Eu sentia a sua presença ali, junto de mim, me protegendo e iluminando.

Algumas semanas depois, próximo a data de qualificar, sonhei com a senhora: Era como se estivéssemos em outra dimensão. Eu estava com uma vestimenta de cor branco, semelhante a uma túnica e meus pés despidos não atingiam a superfície. A paz que concebi naquele instante, me conduziu a uma imensa leveza de espírito. Tão logo, adentrei num admirável templo, no qual havia muitas pessoas peregrinando em sentido oposto uma das outras. Desviei meus olhos para o alto, avistando àquela imensidão de céu azul, fui lentamente conduzindo meus passos e logo, a minha frente deparei-me com uma colossal cruz de madeira na qual estava pregado o corpo de Jesus. Algumas pessoas o adoravam e ali permaneciam por algum tempo. Todavia, não se ouvia vozes ou lamentos e nenhuma forma de comunicação se percebia entre elas. Um pouco além, a minha esquerda presenciei exposto o corpo de Jesus

flagelado, coberto por um tecido branco. Observei que ao seu redor não havia ninguém que O visitasse. Vagarosamente aproximei-me daquele corpo e o sentimento de tristeza e piedade me invadia a alma, enquanto eu tocava suas chagas profundas, meditando sobre elas. Inesperadamente, meu dedo penetrou na Chaga de Sua Mão Direita, me permitindo reconhecer sua carne, sua pele e seu sangue ainda quentes. Impressionada, certifiquei-me de que Jesus assemelhava-se a nós e não se definia, apenas como uma figura moldada em gesso. Não obstante, tocada pelo seu abraço, me senti transpassada pelo amor de Deus, enquanto a sua voz mansa e suave pronunciou: *“Tu sabes minha filha, porém muitos ainda me desconhecem, eu quero que tu me levas a conhecer para estes”*. Afugentei meu olhar para o lado esquerdo, e junto de Jesus, se encontrava você minha vó! Para minha surpresa a senhora portava em suas mãos um papel, o qual revelava o título de minha dissertação. Nesse nosso encontro você disse-me que eu não deveria me preocupar, pois algumas mudanças seriam necessárias e seguidamente você despediu-se, afirmando estar na hora.

Dias depois, passei pela tão esperada etapa da qualificação com meu primeiro projeto de pesquisa, de fato me foi solicitado alterações, contudo, confesso a senhora, que eu não sabia ao certo por qual caminho seguir, já que as possibilidades e as ideias eram muitas. De tal modo, fui tracejando brevemente algumas linhas partindo de algumas concepções, sentimentos e quem sabe uma das inspirações mais importantes foram os sonhos que me levaram até o seu encontro vó, me trazendo mensagens e avisos, os quais me tornaram perseverante no desabrochar dessa homenagem. Partindo de minhas memórias e da memória dos depoentes, dos constantes diálogos com minha mãe e da vivência que tive ao lado da senhora durante vinte e seis anos, naveguei profundo em nossas ascendências vó, e por meio do trabalho de memória, busquei realçar a tua história, bem como, detalhar as plantas medicinais usadas pela senhora, seus usos e recomendações, me possibilitando assim, no desenvolvimento de sua biografia a escrita desta dissertação.

A partir desse princípio de reflexões, sentia que os ramos lentamente expandiam-se à medida, que as raízes se aprofundavam e a semente que há muito tempo regávamos voltava a brotar. Neste espaço de tempo, a professora Márcia então, lançou o adubo na terra promovendo a idealização de um trabalho em conjunto com meu irmão Cristiano. Sim! A senhora certamente ficaria orgulhosa, minha vó, por saber que seu neto, pincelou aquarelas de algumas das plantas medicinais usadas por você e que assim, floresceu a elaboração de um pequeno livro que consistia em uma aspiração da senhora. Aos poucos, tudo foi ganhando forma e o que parecia tão abstrato, agora se tornava concreto.

O tempo foi passando e nesta missão diária fui adentrando-me, mas ainda havia dias que o vazio se instalava em mim, manifestando intensa saudade. Recém dois anos que a senhora havia nos deixado e como sempre minhas idas ao Sacrário, juntamente com minha mãe nunca faltavam, orávamos com toda confiança, entregando nossas dores espirituais e acreditando no amor reparador de Jesus. Mas você estava preparada eu sei, vivia constantemente na observância dos mandamentos de Deus e no seu amor, com os olhos sempre fixos na meta de alcançar o céu, e assim, poder contemplar a face de Deus na eternidade.

Preciso-lhe contar, que num dia desses, vó eu me encontrava a rezar, foi quando em meditação intrínseca da alma, vejo a minha frente a tua e nossa querida Tia Concetta (Fig. 41), que morava tão longe, mas a quem a senhora tinha tanta compaixão, pela vida carente que levava, no entanto, em compensação seus valores e fé eram inabaláveis e alimentavam o seu espírito. Movidada por minha intuição, fomos visitá-la, após três dias recebemos a notícia de que ela havia descansado na glória de Deus Pai. Meu coração novamente, veio a silenciar, pois quase todos os dias por ligação conversávamos e as suas orações e preocupações para comigo, nunca faltavam. Mesmo que doloroso, aos poucos fui me restabelecendo vagarosamente, buscando aceitar o processo natural da morte, compreendendo que a cada adeus haveria um sofrimento – o momento do luto, que talvez persistisse por algum tempo e que o mais importante nesta existência do viver, é estarmos preparados para a morada eterna.

Figura 41 - Minha mãe, tia Concetta e Eu



Fonte: Luciano Pelisser (2022).

Gostaria de te dizer, que por aqui estamos todos bem, vó e que a tua irmã Antônia também estás, mesmo que distante de nós. Faz alguns dias, que conseguimos agendar um horário para vê-la, eu estava ansiosa, pois não a conhecia. No caminho eu ia rezando para que durante a visita pudéssemos ficar por um bom tempo e que se fosse da vontade de Deus, entrássemos todos juntos. Chegando lá, nos identificamos como os familiares de Antônia Adamatti e para minha admiração, mandaram-nos entrar todos juntos, minha mãe, meu irmão Cristiano, sua esposa Juliana e eu. Louvei a Deus em meu coração e me certifiquei de que Ele havia atendido meu pedido.

Enquanto buscavam a tia, fomos recebidos na área de lazer do Residencial, de frente a um pequeno jardim com plantas. Não demorou muito, ela vinha descendo pausadamente com auxílio de um cuidador. Acomodou-se na cadeira de balanço, pertinho de todos nós e ali rendemos ótimas conversas (Fig. 42). Que tarde tão agradável na companhia dela vó, sua memória ainda se mantém resistente. Rememorou os velhos tempos e as lembranças ao lado da senhora, também narrou a sua vida de trabalho, quando enfermeira no Hospital Santa Casa,

de Porto Alegre. Foi uma alegria para mim, tê-la conhecido, ela é parecida com a senhora minha vó, tanto na fisionomia, quanto em suas palavras. Presenteai-a com um Crucifixo em madeira, que costumava me acompanhar nas casas das pessoas enfermas, no ato da Eucaristia. Ao entregá-lo ela confessa emocionada: *“Minha filha, eu não gostei, eu adorei, porque Jesus a gente adora. Ele será minha companhia de todos os dias, em todos os lugares, O levarei comigo”*. Permanecemos ali, por mais de horas, até chegar o finalzinho de tarde, momento de dizer um até breve. Fomos nos despedindo um de cada vez, por meio de um abraço sincero e afetuoso, que expressava um sentimento de felicidade e gratidão pelo reencontro vivido. Ao me aproximar dela, ajoelhei-me e senti suas mãos segurando meus braços firmemente, enquanto ela sussurrou: *“Felicidade a minha em ver você Amanda, a tua vó falava tanto de ti, quando conversávamos pelo telefone, que prazer o meu te conhecer. A vó, com certeza está realizada pela neta que tem! Continua rezando e seguindo com Jesus. E lembre-se, Amanda que a fruta nunca cai longe do pé. Deus te abençoe”*.

Figura 42 - Tia Antônia



Fonte: Juliana Alves (2022).

Dessa forma, com o coração embalado pelo sentimento de gratidão e a leveza da alma pelo reencontro com a tia Antônia, cobertos de bons sentidos seguimos viagem de volta para casa.

Assim, nessa magnitude espiritual os dias foram acontecendo e o trabalho foi ganhando forma e ritmo vó. Eu e a mãe prosseguimos cultivando as tuas ervas e propagando a tua fé. Persisto firme seguindo os teus rastros, devotada daquele amor impregnado pela senhora e nessa continuidade sigo a regar as tuas sementes imersas na terra, eternizando os saberes construídos ao longo de uma história.

Vó Tereza! Ainda guardo comigo a lembrança que tu mês destes um pouquinho antes de você falecer. Recordo-me que a senhora estava organizando alguns documentos em seu quarto e detinha nas mãos um retrato, o qual observava alegremente. Perguntei de quando era a data e você me respondeu, que se tratava de uma recordação do seu casamento com o vô, no dia 24 de maio de 1958 (Fig. 43). Uma data, não é vó! Pois sessenta e dois anos já haviam se passado. Você relembrou isto, com grande reconhecimento e com um sorriso em seu rosto, embora demonstrasse saudade, me disse que os dias de felicidades foram muito maiores, e isto te satisfazia, fazendo-te aceitar as dores da vida. A senhora me presentou com esta fotografia, dizendo que gostaria que eu a guardasse comigo. E eu a tenho juntinho de mim, vó!

Figura 43 - Vó Tereza e vô Luis, 1958



Fonte: Amanda Pelisser (2022).

Antes de findar, ofereço para senhora as cartas de seus netos Leonardo (meu primo) e Luciano (meu irmão), que com todo o carinho escreveram para você:

“A ti serei grato para o resto da vida, fostes além de avó, a minha mãe, que me ensinou os valores mais lindos e verdadeiros desse mundo. Vó Tereza, que tanto orgulho sinto da senhora, foi um exemplo de pessoa e mulher. Toda a sua fé e devoção foi em ajudar o próximo, com uma palavra amiga, um conselho ou um abraço apertado e sincero. Deixaste-nos um legado lindo e isso nos consola. Quanta saudade sinto de você minha vó, mas sigo fazendo o que me ensinou, a ser forte acima de tudo. Te amo daqui até a eternidade. Estamos todos bem e sei que a senhora também está, ao lado de Deus e de quem tanto amava” (Leonardo Isoppo Cruz, 2022).

História de uma mulher chamada Tereza!

“Vó, não tenho as habilidades que você tinha para proferir um discurso, mas se tratando de você, não poderia deixar passar em branco o nosso agradecimento familiar. Era uma vez, uma senhora chamada Tereza Verônica Adamatti Isoppo, muito sorridente que ganhou o coração de cada pessoa que passou em sua vida. Ela era uma mulher capaz de trazer a paz para o mundo em um instante e podia transformar toda lágrima em sorriso com apenas palavras, tinha o dom da palavra do Espírito Santo. Eu sinto muita saudade dessa senhora, eu sinto falta de abraçá-la, de dar risadas junto com ela, de saber que ela era o porto seguro em que eu poderia sempre achar um conforto. Tereza, mulher digna, guerreira e de muito respeito, exercia o ministério da fé, sempre levando a santa comunhão aos enfermos e mais necessitados, pregando sempre o evangelho. Família e fé, sempre foi sua fortaleza. Nunca esqueceremos tudo aquilo que nos ensinou, o carinho que você nos dava como ninguém e o lindo exemplo que nos deixou. As filhas, os genros, os amados netos que tanto se orgulhava e a bisneta que veio pra te orgulhar ainda mais. É com uma dor forte no peito que tentamos dizer este difícil adeus. Este adeus é de tristeza, saudade e pesar. Aprendemos contigo Vó, que não somos eternos neste mundo, eternas são ações deixadas nele. Tenho certeza que você só deixou coisas boas, que contaram esta história. Que tristeza, que impotência, que desespero! Pergunto por que, mas ninguém sabe responder. Tento aceitar o impossível, mas meu coração se recusa a conceber a ideia de que não voltarei a ver seu sorriso, escutar sua voz, abraçar você... A vida é injusta e levou você tão de repente. Nunca esqueceremos todos os momentos que vivemos e sua força de viver será nossa eterna inspiração. Lutou até o último instante no hospital, sempre esperançosa e otimista. É inexplicável a falta que faz os seus abraços, o seu sorriso e as histórias que nos ensinaram tanto ao longo de nossa vida. Os cafés com Crosti e aquele saboroso pão caseiro, a melhor polenta com galinha caipira só você fazia. A única certeza que temos na vida é que não teremos as pessoas para sempre com a gente, mas nós somos eternamente gratos por ter tido a oportunidade de viver uma parte dos nossos anos ao lado de um ser tão iluminado, tão doce, tão meigo, tão generosos, e que me ensinou tanta coisa. Em nome da família, dessa família que começou em você, prometemos não deixar o amor e a união acabar com a sua partida. Vamos honrar a sua memória, vamos honrar a sua história que está e estará sempre presente em nós. Descanse em paz,

minha amada avó. O amor manterá você viva em nossos corações. Espero que a senhora receba esse sentimento como um longo abraço, que nos manterá conectados independentemente de onde estejamos.” (Luciano Pelisser, 2020).

Querida vó Tereza, ainda tenho tanto para contar, mas nossa conversa não termina aqui...Contudo, vou me despedindo da senhora e lhe dizendo um até breve convicta de que num tempo além, um dia qualquer nos reencontraremos. A sua partida deixou saudades..., mas, o seu amor deixou memórias que ninguém pode acabar (Fig. 44).

Figura 44 - Vó Tereza e Eu



Fonte: Amanda Pelisser (2020).

6 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

Como forma de atender um dos requisitos do Mestrado Profissional em Ambiente e Sustentabilidade (PPGAS), de caráter interdisciplinar, o produto foi planejado e desenvolvido, visando contribuir com o conhecimento local do Município de Maquiné e arredores, apresentando-se também como um subsídio didático no eixo educacional. Além disso, constitui-se como um material que se acerca do conhecimento científico, cultural e farmacológico favorecendo assim, para a possibilidade de expandir-se em áreas da etnobotânica, etnoecologia e até mesmo da etnofarmacologia.

O produto intitulado “Tereza e as Plantas Medicinais: Usos e Memórias no Vale do Município de Maquiné/RS”, corresponde a um livro o qual será disponibilizado também na plataforma digital, em formato *flipbook*, acessável no link <https://heyzine.com/flip-book/c0e526ab9e.html>. Na obra são apresentadas aquarelas de plantas medicinais ilustradas por Cristiano Pelisser, neto de Tereza e aquarelista. O intuito é apresentar, por meio de um levantamento etnobotânico, informações sobre as plantas medicinais mais usadas por minha avó Tereza, a todos que têm interesse pelo assunto.

Dona Tereza possuía uma relação com as plantas medicinais e, por intermédio de sua utilização, construiu saberes em relação as mesmas, redescobrando suas utilidades medicinais, passou a fazer garrafadas para o tratamento de alguns males, e sempre que alguma enfermidade a acometia, era ao chá que recorria. Detentora de um gigantesco dom espiritual, deixava-se guiar pelo amor e pela sabedoria do Divino Espírito Santo. Dizia que as ervas da natureza são obras Deus e Ele era o remédio para toda doença. Sua fé foi propagando-se em muitos corações, originando fortaleza, esperança e confiança no amor de Deus. Desde os últimos momentos de sua presença aqui conosco, se dedicou a cuidar das plantas e a fazer os seus remédios caseiros. Dizia-me que se pudesse gostaria de escrever um livro de suas receitas. O seu maior desejo era de que sua história continuasse e fosse compartilhada!

Portanto, esse material surge como uma forma de homenagear a minha avó Tereza e por meio da temática abordada, visa promover a contribuição no âmbito da educação ambiental e do desenvolvimento sustentável, propagando, dessa forma, a existência de saberes tradicionais, que por vezes, se tornam esquecidos, fazendo assim, com que se perpetue a memória ao longo de um tempo passado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O passado é um presente que insiste em não passar, pois está marcado em minha memória e faz parte da minha história. (Mário Quintana).

Se cheguei até aqui, é porque a semente que um dia foi lançada enfim, germinou produzindo flores e frutos para dar vez a uma nova estação.

Essa pesquisa de mestrado manifestou várias memórias, amadureceu sentimentos e proporcionou um resgate histórico familiar, o qual se constituiu sem sombra de dúvida, como um desafio pessoal no percurso de memória, seguindo os rastros de minha avó Dona Tereza Verônica Adamatti Isoppo, esposa de Luis Isoppo, avó de três netos homens e uma neta mulher, cultivadora de saberes tradicionais sobre as ervas medicinais, professora, catequista e ministra eucarística na comunidade de Pedra de Amolar e arredores.

Introduzir-se no mundo das memórias é como rever àquele velho álbum de fotografias e cartas antigas, é como se estivéssemos viajando no tempo. Para alguns é uma forma de recordar os momentos especiais de um tempo ocorrido, para outros, um alívio da dor ou ainda, um sentimento reconfortante. Permanecemos sempre admirados no ato das recordações, exalando lembranças de um momento passado. E esse rememorar faz parte de nós, desperta nossos sentidos, produzindo emoções como a saudade, alegria, o medo, a tristeza e tantas outras possíveis.

Ao rememorar, estamos conservando viva não somente as lembranças, mas também, uma história, um passado e até mesmo uma continuação do ser identitário, do ser cultural e do ser biológico (BANIWA, 2015). Para Le Goff (2003), é por intermédio da memória que reevocamos as coisas passadas, abraçamos os presentes e contemplamos as futuras com base no que passou.

Dessa forma, recordar é trazer uma parte do passado para o presente. E foi nesse escopo que fomos em busca de penetrar em algumas memórias, acalantar as falas emotivas, os sentimentos envolvidos, até mesmo o silêncio, quando este se fazia presente narrando assim, as experiências colhidas. E concordo com Ecléa de que a fala emotiva incide em frações, carregando inúmeros significados que nos aproximam da verdade. “Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos, quase irreparáveis” (BOSI, 2003. P. 65). Perceber os significados que estas memórias transportam é, simplesmente se

permitir envolver nos sentimentos e recordações de um tempo, deixando-se assim, embalar com os diferentes ventos.

Seguindo nos rastros, não sabia eu de que vestígios do tempo preservados no velho baú da casa de minha avó poderiam se transformar num estudo que pudesse levar para diversos espaços e com narrativas diversas referente a um passado ainda próximo, mais complexo de significados e acontecimentos que cunharam marcas.

Cultivar e vislumbrar o crescimento desse projeto, me fez recordar e reconhecer parte da história não somente de minha avó, mas também a história do meu próprio ser, proporcionando-me um encontro com ela. E ao deparar-me com o passado, num tempo presente, apreciei, rememorei e revivi histórias, as quais hoje com meus quase 29 anos, posso dizer que as concebi com um outro olhar e as escutei de uma outra forma.

Modificações ocorreram no percurso da pesquisa, despertando o sentimento do medo e da insegurança, pois não sabia eu com o que iria me deparar ao longo de todo esse fazer etnoecológico. Porém, vagarosamente esse fazer foi progredindo e amadurecendo rendendo frutos significativos. Compreendi também que havia a estação certa para florescer e que durante a arte do pesquisar era necessário inspirar e expirar diversas vezes. Além disso, as obras consultadas nesta fase dos trabalhos, proporcionou-me ampliar os conhecimentos, não apenas com relação à história milenar das plantas medicinais, mas sobretudo, no papel exercido pela oralidade e memória dentro da história como um todo.

Ao longo desta conquista de descobertas da etnoecologia, reencontrei pessoas que me auxiliaram de alguma forma, a ver e a entender onde eu poderia chegar. Meus familiares também foram referências importantes para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois me guiaram e apontaram caminhos, que alicerçaram e teceram compromissos para seguir com as metas.

Poder homenagear e dedicar este trabalho para minha avó Tereza é com certeza uma grande satisfação pessoal e profissional, cumprida com um sentimento de alegria. Considero que a pesquisa adquiriu a aparência que se encontra hoje, em virtude das longas partilhas de testemunhos colhidos e especialmente pela brilhante orientação da professora Márcia dos Santos Ramos Berreta, primeiro por ela ter aceitado ser minha orientadora e ter embarcado nesta viagem, segundo por peregrinar comigo nesta autoestrada e terceiro, por acreditar em mim, me instigar e mostrar-me uma outra forma possível de apresentar essa pesquisa. Tenho imenso respeito e consideração pela maneira como ela dirigiu o processo, mesmo não sabendo

de que forma íamos chegar. Com sensibilidade ela acolheu minhas dores e sentimentos, compartilhou conhecimentos, que nos fizeram juntas sentir a vivacidade dessa pesquisa.

Não tenho dúvidas de que as inquietações foram muitas, mas diante delas desfrutamos experiências e refletimos inúmeras formas de se fazer e conduzir um estudo. Pondero, apesar disso, que esse trabalho proporcionou navegar no passado, permitiu encontros e reencontros, nos aproximando de uma dimensão que vai além da extensão terrena.

Por fim, nessa etapa da pesquisa, penso que a mesma fez aflorar uma nova forma de melhor compreender o alongado trajeto experimentado por minha avó, também a minha trajetória de curta duração e seguramente me certifico de que modificou a forma de eu senti-la e vivê-la doravante.

Percebemos que os conhecimentos adquiridos ao longo dessa pesquisa não se extinguiram. Ainda se observa a formação de uma base das suas práticas no uso de plantas medicinais e no enraizamento do misticismo propagado por Tereza.

Exalto assim, sobre a importância social e científica do tema que se aderiu aos aspectos oriundos da etnoecologia e da etnobotânica, tendo em seu contorno traços advindos de um trabalho originado pelo esforço da memória e articulado por meio da oralidade de longos testemunhos e narrativas. Dessa forma, acredito que ainda há muito para ser estudado e investigado sobre os saberes tradicionais no uso das plantas medicinais e que o grande desafio consiste justamente, em não permitir que esses saberes se percam em tempos da Pós-Modernidade. Portanto, torna-se importante o desenvolvimento e a continuidade de novos estudos em relação ao uso e a indicação de ervas medicinais, para que a partir de novos olhares e anseios se possa despertar conhecimentos, com base em uma perspectiva mais ampla e por conseguinte, mais completa.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi (organizadora). **Fontes históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. (Orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica etnoecológica**. Recife: NUPPEA, 2010. p. 41-64.
- ALCORN, J. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: ed. Schultes, R. E. & vom Reis, S. *Ethnobotany: evolution of a discipline*. **Portland**: Discorides Press., p. 23-39, 1995.
- ALEXIADES, M. N.; SHELDON, J. W. *Ethnobotanical Research: A Field Manual*. New York, The New York **Botanical Garden**. 1996.
- ALMASSY JÚNIOR, A. A. **Folhas de chá**: plantas medicinais na terapêutica humana. Viçosa: Editora da Universidade Federal de Viçosa, 2005. 233p.
- ALVIM, N. A. T.; FERREIRA, M. A.; CABRAL, I. E.; ALMEIDA FILHO, A. J. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.14, n.3, p. 316-326, 2006.
- AMOROZO, M.C.M. A Abordagem Etnobotânica na Pesquisa de Plantas Medicinais. p. 47-67. In: Di-Stasi, L.C. **Plantas Medicinais: Arte e Ciência: um guia de estudo interdisciplinar** São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista. 1996.
- AMOROZO, M. C. M. Use and diversity of medicinal plants in Santo Antonio do Leverger, MT, Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.2, p.189-203, 2002.
- AMOROZO, Maria Christina de Mello; GÉLY, Anne. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série*, Belém, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.
- ARAUJO, Margarida Maria de. **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais no Assentamento Santo Antônio, Cajazeiras, PB, Brasil**. 2009. 131 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Saúde e Tecnologia Rural; Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais – PPGCF. 2009.
- ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução –RDC nº 267, de 22 de setembro de 2005. Aprova o regulamento técnico de espécies vegetais para o preparo de chás. **Diário Oficial da União** - Poder Executivo, de 23 de setembro de 2005.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Unicamp, 2011.

- AZIZ, M. A. et al. Traditional uses of medicinal plants reported by the indigenous communities and local herbal practitioners of Bajaur Agency, Federally Administrated Tribal Areas, Pakistan. **Journal of Ethnopharmacology**, v.198, p.268–281, 2017.
- BANIWA, Gersem. **Os indígenas antropólogo: desafios e perspectivas**, em Novos Debates. pg: 10 (233-243). Fórum de debates em Antropologia/ABA. V.2. N1. 2015.
- BAPTISTEL, A.C.; COUTINHO, J.M.C.P.; LINS NETO, E.M.F.; MONTEIRO, J.M. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botocatu, v. 16, n. 2, p. 406-425. 2014.
- BATTISTI, C. et al. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 338-348, jul./set. 2013.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253 p.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato ZENY, Rosendahl; (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.
- BLANK, A.F et al. Chemical Diversity in Lippia alba (Mill.) N.E. Brown Germplasm. **The Scientific World Journal**, p. 11-15. 2015.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória** - de senectude e outros escritos autobiográficos: Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio da Psicologia Social**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3 (2). pp. 77-101. ISSN 1478-0887.
- BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em agosto de 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Medicamentos Fitoterápicos e Plantas Mediciniais**. 2020. Disponível: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/medicamentos/fitoterapicos>>. Acesso em: março de 2020.
- BRASIL. **Decreto nº 5.813 de 22 de junho de 2006**. Aprova a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5813.htm>. Acesso em: março de 2021.

CARVALHO, P. E. R. **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

CASTRO, I. E. Territórios, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A. C. S. (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec, 2000.

CASSAB, L. A.; RUSCHEINSKY, A. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, v. 16, p. 7–24, 2004.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research. **Translation: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU**. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

COUTINHO, D. F et al. Estudo Etnobotânico de Plantas Medicinais Utilizadas em Comunidades Indígenas no Estado do Maranhão – Brasil. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 7-12, jan./jun.2002.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DEMETRIO, A. M.V. A cura pelas mãos ou pela fé? Técnica e a fé nas manifestações culturais na Zona Rural de Manaus-AM. **Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN**, Natal, v. 17, n.1, jan./jun. 2016.

DIEGUES, A. C. S.; ARRUDA, P. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília; MMA. 2001. 176 p

DI STASI, L. C. (Org.) **Plantas Medicinais: Arte e Ciência**. Um guia de Estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 62-83.

DUTT, H. C.; BHAGAT, N.; PANDITA, S. Oral traditional knowledge on medicinal plants I jeopardy among Gaddi shepherds in hills of northwestern Himalaya, J&K, India. **Journal of Ethnopharmacology**, v.168, p.337-348, 2015.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas. In: Simões, C.M.O.; Schenkel, E.P.; Gosmann, G. (eds). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 2 ed. Porto Alegre / Florianópolis: Universidades UFRGS / UFSC, p.87-99, 2000.

ERICE, A. S. **Espaço de Vida, Espaço de Luta. Um Estudo Etnográfico na Farmacinha Comunitária da Solidão em Maquine, Rio Grande do Sul**. 2015. 157 f. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

FLORA DO BRASIL. THE BRAZIL FLORA GROUP. Growing knowledge: an overview of seed plant diversity in Brazil. **Rodriguésia**. v. 66, n. 4, p. 1085-113. 2015.

FONSECA, M. C. M. Epamig pesquisa, produção de Plantas Medicinais para Aplicação no SUS. **Espaço para o produtor**, Viçosa, 2012.

FRESCHI, J. M. 2010. Olhares sobre etnoecologia: para quê e para quem. Páginas 0923 em P. E. Little (ed.). **Conhecimentos tradicionais para o século XXI**: etnografias da intercientificidade. Annablume, São Paulo, Brasil.

GAIA M.C.M. **Saúde como prática da liberdade: as práticas de famílias em um acampamento do MST e o desenvolvimento de estratégias de educação popular em saúde**. 2005. Dissertação. Belo Horizonte (MG): Centro de Pesquisa René Rachou – Fiocruz, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 200 p.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução a Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HANAZAKI, N. Etnobotânica. In: **Ecologia Humana de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, p. 37-57. 2004.

HOFFMANN, M.B.; SCHIRMER, S.B.; Memória Biocultural e Licenciatura em Educação do Campo: diálogo necessário para resistência e esperança. In: FUCHS, H.L.; ZORZI, F.; SOARES, F.N.A. (Org.) **Resistência e Esperança em tempos estranhos**. Bento Gonçalves: Zoli, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/maquine/panorama>>. Acesso em agosto de 2021.

JAIN, S. K.; MUDGAL, V. **A hand book of ethnobotany**. Bishen Singh Mahendra Pal Singh, 1999.

JAIN, S. K.; BORTHAKUR, S. K. Ethnobotany of the Mikirs of India. **Economic Botany**, v. 34, n. 3, p. 264-272, 1980.

JUNIOR V.F.V.; PINTO, A.C.; MACIEL, M, A.M. Medicinal plants: safe cure? **Quím. Nova**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 520-528, May. /Jun. 2005.

KELLY, K. **The history of medicine**. Early Civilizations: Prehistoric Times to 500 CE. Infobase Publishing, 2009.

KOVÁCS, Maria Júlia. A dor da perda. Sextante 58: **Esquecimento**. Porto Alegre, maio. 2022. UFRGS. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/sextante/pauta/a-dor-da-perda/>>. Acesso em setembro de agosto de 2022.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003. 553 p.

LIPORACCI, H.S.N; SIMÃO, D.G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Rev. Bras. Pl. Med.** Campinas, v.15, n.4, p.529-540, 2013.

LITTLE, P.E. Os conhecimentos tradicionais no marco da intercientificidade. In: LITTLE, P.E. (Org). **Conhecimentos tradicionais para o século XXI: etnografias da intercientificidade**. São Paulo: Annablume, p. 09-23, 2010.

LOPES, M. M. A Construção da Identidade no contexto religioso: uma proposta de análise linguística. **Anais do SILEL**. Vol. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg14_artigo_2.pdf>. Acesso em maio de 2023.

LOPES, P. F. M.; SILVANO, R.; BEGOSSI, A. Da Biologia a Etnobiologia - Taxonomia e etnotaxonomia, ecologia e etnoecologia. In: ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; E MOURÃO, J. S. (Orgs). **A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas**. NUPEEA, Recife, p. 69-94, 2010.

LORENZI, H.; MATOS F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 3.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

MAGNUSSON, W. E. et al. O programa de pesquisa em biodiversidade. In: Peixoto AL, Luz JRP, Brito MA (Orgs.). **Conhecendo a biodiversidade**. MCTI, CNPq, PPBio, Brasília. p. 15-34. 2016.

MENEZES, Renata Velasques. **Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de espécies medicinais em agroecossistemas de quintais no município de Santo Amaro/Ba**. 2013. 91f. Dissertação (Mestrado em Solos e Qualidades de Ecossistemas) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Cruz das Almas, 2013.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2000. p.111.

MELO, J. G et al. Qualidade de produtos a base de plantas medicinais comercializados no Brasil: castanha-da-índia (*Aesculus hippocastanum* L.), capim-limão (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) e centelha (*Centella asiática* (L.) Urban). **Acta Botanica Brasilica**, V. 21, n.1, p. 27-36, 2007.

MENDES, D. S.; CAVAS, C. S. T. Benzedeiras e benzedeiros quilombolas – construindo identidades culturais. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 1, p. 3-14, 2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCENTES, Claudine. Memória, velhice e pesquisa. **A Terceira Idade**, v.15, n.29, p. 68-79, 2004.

NODORI, R. O; GUERRA M. P. Biodiversidade: aspectos biológicos, geográficos, legais e éticos. In: C.M.O. SIMÕES et al. (eds.). **Farmacognosia da planta ao medicamento**. Porto Alegre, Editoras UFRGS/ UFSC. 11-24. 1999.

OMS. ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD. **Directrices de la OMS sobre Buenas Prácticas Agrícolas y de Recolección (BPAR) de plantas medicinales**. Ginebra, 2003.

PARGAMENT, K. I. **Spiritually Integrated Psychotherapy: Understanding and Addressing the Sacred**. Nova York: Guilford. 2007.

PASA, M. C. **Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**. 2004. 174 f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

PAULA, R. da S. O não-lugar da pessoa idosa na educação. **Práxis Educacional. Vitória da Conquista**, v. 5, n. 7, p. 29-43, jul./dez. 2009.

PIAI, A.; PACCINI, M. J.; **Viajando pelo Folclore de norte a sul**. Cortez, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. IN: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e Prática. In: **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes/FINEP, p.173-185, 1987.

PRADO, ADELIA. **O que a memória ama fica eterno**. Poesia reunida. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 347.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MAQUINÉ (PMM). **Nossa História**. 2021. Disponível em: <<https://maquine.rs.gov.br/pagina/view/4>>. Acesso em agosto de 2021.

PRIORE, M. D. Magia e Medicina na Colônia: O Corpo Feminino. In: PRIORE, Mary DEL (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO RURAL – PPGDR UFRGS. **Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental do Município de MAQUINÉ-RS: Perspectivas para um Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre: PROPESQ/UFRGS, 2000.

RAMOS, A. S. et al. Conhecimento e uso de plantas medicinais no tratamento de doenças pelos moradores atendidos na unidade básica de saúde da ilha de Santana/AP. **Revista Madre Ciência Saúde**, v.1, n.1, p.13-27, 2016.

REGIS, F. “Memória e Esquecimento na Grécia Antiga”: Da Complementaridade à Contradição”. **Revista Logos Comunicação e Universidade**, Rio de Janeiro: Faculdade de Comunicação Social UERJ, ano 4, nº 7, p. 20-24, 2º semestre, 1997. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14592>>. Acesso em: 03 de outubro de 2017.

RIVERA, Jairo Restrepo. **La luna**: el sol nocturno en los trópicos y su influencia en la agricultura. Impresora Feriva. Bogotá, Colômbia. 2005.

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. de M. V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Revista Interações**. Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015.

SANTOS, F. S. **As plantas brasileiras, os jesuítas e os indígenas do Brasil**: História e Ciência na Triaga Brasília (séc.XVII-XVIII). São Paulo: Casa do Novo Autor, 2009. 240 p.

SANTOS, M.R.A.; INECCO, R. Adubação orgânica e altura do corte da erva-cidreira brasileira. **Horticultura Brasileira**, v.22, n.2, p.182-5, 2004.

SILVA da A. C et al. Plantas medicinais e seus usos em um Quilombo Amazônico: o caso da comunidade quilombola do Abacatal, Ananindeua (PA). **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** Belém, V. 11, n. 3, p. 113-136, set./dez., 2019.

SILVA, Amanda Stefanie Sérgio da. **Etnoconhecimento sobre plantas medicinais e inter-relações com o meio ambiente na comunidade do Catu, Canguaretama (RN, Brasil)**. 2018. 82 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Pró – Reitoria de Pós-Graduação; Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolviemnto e Ambiente/PRODEMA. 2018.

SOARES, F. P et al. Estudo etnofarmacológico e etnobotânico de Himatanthus drasticus (Mart.) Plumel (janaguba). **Revista Brasileira de Plantas Medicinai**s, Campinas, v. 17, n. 4, supl. 2, p. 900-908, 2015.

SOUZA, Elza Maria de. Reminiscências: o papel social das lembranças. **Gerontologia**, v. 7, n. 2, p. 28-31, 1999.

SOUZA, G.C et al. Farmácias caseiras comunitárias do município de Maquiné (RS): Uma avaliação etnofarmacológica. **Rev. Bras. PL. MED.** Boocatu, v.6, n. 2. P. 83-91, 2004.

TELLES, João A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**, Vol. 5, nº. 2. Assis, SP: Universidade Estadual Paulista, p. 91 – 116, 2002.

THOMAS, K. O homem e o mundo natural. Sao Paulo: **Companhia das Letras**, p. 44-46, 1988.

TOLEDO, Victor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A Memória Biocultural**: A importância ecológica das sabedorias tradicionais. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 272 p.

TOLEDO, Vítor M. BARRERA-BASSOLS, Narciso. A Etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora UFPR, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VALLE, Teresa del. "Identidad, memoria, juegos de poder", Luz Maceira Ochoa y Lucía s/3 Rayas Velasco, eds., **Subversiones. Memoria social y género. Ataduras y reflexiones**, México, Juan Pablos / Fonca / ENAH, 2011, p. 71.

VANINI, Marisa. **Uso de plantas medicinais em um território quilombola do município de Mostardas - Rio Grande do Sul**. 2010. 90f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010.

VIEIRA, Antônio. **Sermões: Padre Antônio Vieira**. Organização e introdução: Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, Tomo segundo, p. 31-52. 2000.

VIEIRA, M. J. **Análise do setor de plantas medicinais e fitoterápicos como alternativa de desenvolvimento regional para Santa Catarina**. 111 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade do Contestado. Canoinhas, 2008.

WIART, C. **Ethnopharmacology of medicinal plants**. Humana Press Incorporated, 2007.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA
MESTRADO PROFISSIONAL EM AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE



ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Como você conheceu a Dona Tereza (minha avó)?
- 2) Por que a procuravam?
- 3) Você se lembra quantas vezes procurou sua avó?
- 4) Somente você ou outros de sua família a procuraram?
- 5) Como ela “vive” na comunidade?
 - E quando você a procurava, que recomendações eram feitas?
 - Havia um prévio agendamento? Um horário para ir até a sua avó?
 - Como ela o/a recebia em sua casa?
 - Essas recomendações tiveram resultado positivo? Quais? Exemplos?
 - Como essas indicações eram fornecidas? Mediante a “pagamento”? Existia alguma forma de “ressarcimento ou compensação”? Qual?
 - As recomendações tinham algum momento específico para serem dadas?
 - Com qual a periodicidade procurava essas recomendações?
 - As recomendações recebidas foram compartilhadas com outras pessoas?
 - Existia outras pessoas como a sua avó na região?
 - Tinha médicos no lugar? O que buscava do médico e o que buscava na sua avó?
- 6) O que a Dona Tereza representava para você?
- 7) Para você, quem foi a sua avó?
- 8) Qual a importância dela na sua vida?
- 9) Que lição ela deixou para você?
- 10) Você tem algum objeto (garrafada, reza, chá, fotografia ...) ainda guardado da sua avó?
- 11) Continua usando o que ela te passou/ensinou?
- 12) Continua buscando esse tipo de ajuda com alguém? Quem? Como? Por quê? Ou deixou de acreditar.

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL UNIDADE UNIVERSITÁRIA HORTENSÍAS MESTRADO PROFISSIONAL EM AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu _____,
documento _____ **gostaria** de participar da dissertação de mestrado
“ENTRE O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO: UM RESGATE DE ERVAS
MEDICINAIS E A HERANÇA CULTURAL DE DONA TEREZA ADAMATTI ISOPPO
(*IN MEMORIAM*), NO VALE DE MAQUINÉ/RS, da mestranda do PPGAS Amanda
Pelisser, orientada da profa. Dra. Marcia Berreta e do Me. Dilton de Castro, por meio da
divulgação dos meus registros iconográficos e minhas narrativas orais.

() O meu nome próprio **PODE** ser divulgado no estudo .

() O meu nome próprio **NÃO PODE** ser divulgado no estudo, ele será mantido
em sigilo, assegurando assim a minha privacidade .

Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e
os resultados poderão ser publicados.

Entrevistadora: Amanda Pelisser

Local e Data: _____

Assinatura: _____